

The background is a light pink color with various abstract elements. A large, thick, pink brushstroke arches across the top. In the bottom right, there are several blue brushstrokes. Scattered throughout are circles in shades of purple and pink. In the top left corner, there is a cluster of small blue squares. A stylized flower with white outlines and purple/pink petals is positioned in the lower-left quadrant.

# Acolher e Ressignificar:

## A Casa do Meio do Caminho

## **Orientação**

Dr<sup>a</sup>. Aline Nassaralla Regino  
Monografia

Dr<sup>a</sup>. Catherine Otondo  
Projeto

Dr<sup>a</sup>. Ana Gabriela Godinho Lima  
Fundamentação

Dr<sup>a</sup>. Loyde Vieira de Abreu Harbich  
Experimentação

Me. Sérgio Luiz Salles Souza  
Experimentação

Livia Pupo Baaklini

# **Acolher e Ressignificar:**

A Casa do Meio do Caminho

Trabalho final de graduação para obtenção do  
título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo  
pela Universidade Presbiteriana Mackenzie

São Paulo  
Maio de 2022

## **Banca examinadora**

Dr<sup>a</sup>. Aline Nassaralla Regino  
Orientadora

Dr<sup>a</sup>. Ana Gabriela Godinho Lima  
Convidada interna

Dr<sup>a</sup>. Sabrina Studart Fontenele Costa  
Convidada externa

## Agradecimentos

Primeiro gostaria de agradecer minha família, em especial a minha mãe que tornou tudo isso possível, que me encorajou desde o começo, foi minha companheira em noites mal dormidas e uma ótima arquiteta e coladora de maquete ao longo desses cinco anos.

À família Amadio que me adotou como parte dela, me apoiando, auxiliando em tudo o que era preciso, à todas as conversas e todo amor que recebi e recebo.

Aos meus amigos de infância por todo o amor imensurável, por todos os momentos de ombro amigo, obrigada por segurarem minha mão e percorrerem isso junto comigo.

Quero agradecer aos meus amigos de graduação por todos os momentos vividos, impossível descrever em palavras tudo o que passamos ao longo desses cinco anos, muitas risadas, inseguranças, medo, mas a felicidade de ter compartilhado tudo isso ao lado de vocês é e sempre será inesquecível. Obrigada Henrique, Juliana e Leticia pelos incentivos, palavras de afeto, confiança e principalmente à nossa amizade que se formou.

Um agradecimento especial à todas as Mães mobilizadoras, mulheres de Parelheiros e todos os membros da equipe do IBEAC e do CPCD, que sempre foram muito solícitos, abertos e que contribuíram de forma imensurável para o desenvolvimento desse projeto.

Gostaria de expressar minha gratidão a todos os professores e orientadores que me ajudaram ao longo da minha trajetória acadêmica, em especial para a professora Aline Nassaralla e Catherine Otondo por acreditarem nesse projeto, pelo apoio contínuo, orientações valiosas e paciência ao longo deste processo.

Um agradecimento especial para a professora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Gabriela Godinho Lima que me apresentou a Casa do Meio do Caminho, foi minha principal fonte de pesquisa além de orientadora no primeiro semestre no TFG com muitas conversas preciosas para o desenvolvimento do trabalho. Agradeço também a professora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sabrina Studart Fontenele Costa pela participação na banca julgadora.

Ao meu companheiro Murilo que com palavras tranquilizadoras sempre me encorajou, por tardes me inspirou e por todo tempo compreendeu a rotina exigente desses últimos anos, obrigada por viver isso ao meu lado.

**A todos os que estiveram comigo nesses últimos cinco anos, muito obrigada.**

## Resumo

Este estudo tem como propósito examinar o feminismo no Brasil, o papel da mulher na sociedade e sua conexão direta com as mulheres residentes em Parelheiros. O objetivo principal é estabelecer um ambiente acolhedor para mulheres em situação de vulnerabilidade social e territorial, por meio de uma estrutura coerente concebida por mulheres para mulheres. Através desse trabalho, busca-se ressaltar a importância do trabalho das Mães Mobilizadoras e da Casa do Meio do Caminho.

A Casa do Meio do Caminho é um programa já existente que desempenha a função de acolher mulheres grávidas e puérperas de Parelheiros. Situada no bairro

de Interlagos, em São Paulo, essa casa opera ininterruptamente, recebendo mulheres que enfrentam a corrida contra o tempo para obter cuidados médicos, acompanhamento durante a gestação e apoio após o parto.

Com isso em mente, a intenção é examinar os impactos dos projetos sociais direcionados às mulheres de Parelheiros, concentrando-se no envolvimento das mulheres e na atenção às suas necessidades específicas, bem como na redução de suas condições de vulnerabilidade e nas limitações de mobilidade decorrentes das desigualdades de gênero e da precariedade da infraestrutura de transporte na região.

*Palavras chave: Feminismo, Feminismo negro, Cidade e gênero, Primeira infância e Domesticidade*

## Abstract

The purpose of this study is to examine feminism in Brazil, the role of women in society and its direct connection to women living in Parelheiros. The main objective is to establish a welcoming environment for women in situations of social and territorial vulnerability through a coherent structure designed by women for women. Through this work, we seek to highlight the importance of the work of the Mães Mobilizadoras and Casa do Meio do Caminho.

Casa do Meio do Caminho is an existing program that has the function of welcoming pregnant women and women who have recently given birth in Parelheiros. Located

in the Interlagos neighborhood in São Paulo, this house operates uninterruptedly, receiving women who face the race against time to obtain medical care, follow-up during pregnancy, and support after childbirth.

With this in mind, the intention is to examine the impacts of social projects targeting women in Parelheiros, focusing on the involvement of women and attention to their specific needs, as well as on the reduction of their conditions of vulnerability and mobility limitations arising from gender inequalities and the poor transport infrastructure in the region.

*Keywords: Feminism, Black feminism, City and gender, Early childhood and Domesticity*



# Sumário

## Introdução

### 1. As mulheres

1.1 Ser mulher .....	14
1.2 Desigualdade de gênero no Brasil .....	17
1.3 A mulher negra .....	24

### 2. As áreas

2.1 Formação do bairro de Parelheiros .....	34
2.2 Parelheiros: território de vulnerabilidade mães e crianças .....	41
2.3 IBEAC, CPCD e o Centro de Excelência em primeira infância .....	44
2.4 Interlagos: como chegar?.....	49

### 3. As casas

3.1 As mães mobilizadoras de parelheiros .....	54
3.2 As casas .....	56
3.3 A Importância da leitura nos centros de excelência .....	63

### 4. Referência projetual

4.1 A Casa do Meio do Caminho .....	68
4.2 Trädgårdarna .....	74

### 5. A Casa do Meio do Caminho

5.1 Análise territorial .....	84
5.2 Partido .....	87
5.3 Programa .....	89
5.4 O Projeto .....	91
5.5 Aspectos contrutivos .....	114
5.6 Layouts .....	116

<b>Considerações finais</b>	135
-----------------------------	-----

<b>Referências bibliográficas</b>	138
-----------------------------------	-----



A Casa do Meio do Caminho é um local de acolhimento para mulheres grávidas e puérperas localizado em Parelheiros, São Paulo. A casa funciona 24 horas por dia recebendo mulheres que lutam contra o tempo para conseguir ter acompanhamentos médicos, cuidados na gestação e acolhimentos pós-parto.

Dessa forma, pretende-se verificar os efeitos dos projetos sociais promovidos com foco nas mulheres de Parelheiros, relativas ao engajamento das mulheres e a atenção às suas necessidades específicas, à mitigação de suas condições de pobreza e limitações de mobilidade devido à condição de gênero e à precariedade da infraestrutura de transportes da região.

Esse trabalho tem como objetivo criar um espaço acolhedor para mulheres em condições de vulnerabilidade social e territorial, através de uma arquitetura coerente, pensada por mulheres e para mulheres. Através dele será representado a importância do trabalho

das Mães Mobilizadoras e da Casa do Meio do Caminho e como ele reflete nas mulheres grávidas e puérperas da região de Parelheiros.

Isso será feito a partir de 3 capítulos principais, o primeiro deles irá trazer a uma breve explicação de sobre a condição das mulheres ao longo da história no Brasil e através do feminismo trazer a perspectiva de classe e raça para essa abordagem.

Logo em seguida discorreremos sobre Parelheiros, território localizado no extremo sul de São Paulo. Estudamos como o bairro se organiza e como, ao longo dos anos, se tornou um território de vulnerabilidade para as mulheres com enfoque em grávidas e puérperas, tema do projeto proposto. Contempla-se, também, a relação entre Parelheiros e Interlagos e como se desenvolve a implantação do projeto.

Ainda no mesmo capítulo discute-se como o trabalho de organizações auxiliam no desenvolvimento da temática, com enfoque no IBEAC e CPDC. Por fim contaremos

um pouco do funcionamento do centro de excelência de primeira infância, o trabalho das mães mobilizadoras e como essa parceria com o IBEAC e do CPCD reflete na vida das mulheres.

O quinto capítulo foca em uma aproximação do projeto, mostrando o funcionamento do seu entorno, o partido e suas perspectivas. No mesmo, o foco do trabalho em questão reside em não buscar uma solução direta para o problema social, que transcende amplamente a mera construção de um centro de apoio. Em vez disso, concentra-se na exploração das potencialidades de apoio oferecidas pela arquitetura e pelo urbanismo, visando aprimorar essa condição. Isso ocorre por meio da compreensão do contexto no qual esses indivíduos estão inseridos e do reconhecimento de como um projeto mais voltado para o ser humano pode proporcionar acolhimento e apoio, visando sua futura reintegração social, restauração de seus direitos como cidadãos e uma infância digna para as crianças.

1

The background is a light pink color. It features several diagonal bands of darker pink and purple. Scattered throughout are various geometric shapes: a large pink circle at the top left, a dark blue circle with a small pink dot in the center, and several smaller dark blue circles, some with pink dots. On the right side, there is a white line drawing of a hand, with the word 'love' written in a cursive script across the palm. The overall aesthetic is modern and artistic.

AS MULHERES

## 1.1 Ser mulher

Antes de mais nada, é crucial estabelecer e distinguir os conceitos de sexo e gênero. A grande pensadora francesa Simone de Beauvoir, ao escrever sua obra “O segundo sexo” em 1949, dedicou-se a essa diferenciação. Ela examina a definição de ser mulher sob três perspectivas distintas: biológica, psicanalítica e materialista histórica.

Do ponto de vista biológico, existem indivíduos identificados como machos e outros como fêmeas. Ambos se distinguem no contexto da reprodução, no qual a biologia reconhece a divisão dos sexos. É um fato incontestável, segundo Beauvoir, que:

[...] embora imbuída de finalismo não consegue [a biologia] deduzir a estrutura da célula, nem das leis da multiplicação celular, nem de nenhum fenômeno elementar (BEAUVOIR, 2016, p. 33).

A presença de gametas com características diferentes não é suficiente para definir dois sexos distintos. Na verdade, muitas vezes ocorre que a diferenciação das células reprodutivas não resulta na separação da espécie em dois tipos distintos: ambos os

tipos de células podem coexistir em um mesmo indivíduo. Esse é o caso dos hermafroditas.

Dito isso, Beauvoir (2016) acredita, que o termo “fêmea” é considerado pejorativo não porque coloca a mulher como uma criatura ligada à natureza, mas sim porque a restringe ao seu sexo. Portanto, não há justificativa biológica para o desprezo do sexo masculino em relação ao feminino. Ela argumenta que essa diminuição da mulher está enraizada no campo social, não no campo científico.

Por sua vez, Judith Butler, em seu livro “Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade”:

[...] gênero é o significado cultural assumido pelo corpo sexuado, assim não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. [...] Concebida originalmente para questionar a formulação que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada

pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo (BUTLER, 2018, p. 26).

Beauvoir ressalta que a definição de gênero não se baseia apenas no aspecto fisiológico, que envolve a existência de testículos e ovários. Para compreender plenamente o gênero, é necessário também analisar a influência social e política na formação psicológica, considerando como o conceito de gênero foi construído ao longo da história, uma vez que estamos lidando com questões relacionadas à humanidade.

Enquanto o sexo está relacionado às ciências biológicas, derivado das características físicas e do corpo, o gênero, como apontado por Beauvoir (2016), encontra-se no campo da psicanálise e na interação entre a mente e a sociedade.

Freud, criador da psicanálise, porém, concentra-se mais no estudo da sexualidade do corpo, do prazer e do erotismo, do que na relação desses corpos com a sociedade, como analisado por Beauvoir (2016). Embora suas teorias diferenciem a sexualidade feminina e masculina, abordando as características da libido de ambos, a psicanálise se torna importante na definição de gênero, ao

interpretar os corpos não apenas em termos de fisiologia, mas também em relação à vida psíquica e suas interações internas com o ego. Beauvoir está particularmente interessada nessa última parte, baseando seus estudos de gênero nesse contexto. Segundo a autora, “não é a natureza que define a mulher: é a própria mulher que se define ao retomar a natureza em sua afetividade” (BEAUVOIR, 2016, p. 67). Portanto, é dentro dessa perspectiva psicanalítica que a filósofa fundamenta seus pensamentos.

Beauvoir (2016, p. 11) enfatiza que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Isso implica que o gênero é uma construção, não algo inato. No entanto, essa construção não ocorre apenas em nível individual e introspectivo, mas depende também da influência da sociedade.

Dessa forma, pode-se observar uma histórica fusão do corpo sexuado com a construção de gênero desde os primeiros momentos da vida. Ao nascer, o corpo feminino é imediatamente condicionado a se comportar de acordo com as normas de gênero feminino e a ser considerado uma mulher. O mesmo acontece com o corpo masculino, em que é inculcada a identidade de gênero masculina e ser considerado um homem. Inicialmente, essa diferenciação de

gênero pode não parecer problemática, porém é notável a dominância de um gênero sobre o outro, o que gera desequilíbrios de poder.

Beauvoir (2016, p. 80) também sugere essa submissão ao utilizar o conceito de “Outro” para se referir ao gênero feminino:

Ser mulher seria o objeto, o Outro, e o Outro permanece sujeito no seio de sua demissão. O verdadeiro problema para a mulher está, em recusando suas fugas, realizar-se como transcendências; trata-se de ver, então, que possibilidades lhe abrem o que se chama atitude viril e atitude feminina; quando uma criança segue o caminho indicado por tal e tal ou qual de seus pais, é talvez porque retoma livremente os projetos deles.

Ainda de acordo com a autora, “o homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (BEAUVOIR, 2016, p.13). Com base nessa afirmação, pode-se inferir que se existe um gênero dominante, o outro é considerado inferior.

Monique Witting (2022) também associa a mulher a um corpo marcado pelo seu sexo, enquanto argumenta que o gênero masculino, na realidade, não existe. Segundo sua perspectiva, o masculino se funde ao universal,

à noção de humanidade, e assim o homem se torna sinônimo de ser humano, restando apenas um gênero, o feminino. Tanto Witting (2022) quanto Butler (2018) acreditam que relacionar a mulher apenas ao “sexo” é reduzir um corpo a características sexualizadas, o que limita sua liberdade e independência. Dessa forma, a eliminação da categoria “sexo” representaria a destruição da “marca” que foi imposta aos corpos e que substituiu a própria pessoa.

O gênero é o índice linguístico da oposição política entre os sexos. E gênero é usado aqui no singular porque sem dúvida não há dois gêneros. Há somente um: o feminino e o “masculino” não sendo um gênero. Pois o masculino não é masculino, mas o geral (BUTLER, 2018 apud WITTING 2022).

Portanto, Beauvoir (2016) chega à conclusão de que os conceitos psicanalíticos freudianos por si só não são suficientes para definir o gênero. Ela argumenta que a submissão das mulheres é resultado de fatores externos, como influências sociais e históricas que se refletem na psique feminina.

Dessa forma, além de analisar os aspectos psicológicos na definição de gênero,



Beauvoir (2016) destaca a importância do materialismo histórico, ou seja, a consideração dos contextos históricos e sociais em que as identidades de gênero são moldadas.

[...] a mulher não poderia ser considerada apenas um organismo sexuado: entre os dados biológicos, só têm importância os que assumem na ação, um valor concreto; a consciência de que a mulher adquire de si mesma não definida unicamente pela sexualidade. Ela reflete uma situação que depende da estrutura econômica da sociedade, estrutura que traduz o grau de evolução técnica a que chegou à humanidade (BEAUVOIR, 2016, p.80).

Karl Marx e Friedrich Engels foram os pioneiros no desenvolvimento do materialismo histórico-dialético, instrumental epistemológico que movimenta o método necessário à produção de conhecimentos científicos sobre a sociedade, de tal maneira a analisar em sua totalidade.

O ponto de inflexão do materialismo histórico-dialético, isto é, seu verdadeiro salto epistemológico, reside na identificação do fato de ser a luta de classes o “motor da história” (MARX, 2017 p. 241).

Em apertadíssima síntese, o marxismo

revela que o modo de produção sobre determina a organização da completude da sociedade, sendo que, historicamente, há a consolidação de classes antagônicas em todos os modos de produção até aqui conhecidos (escravismo, feudalismo e capitalismo) no sentido de fixar a exploração da classe subalterna pela classe dominante a fim de concentrar o excedente econômico (ou ainda, auferir vantagens materiais).

A concepção materialista da história parte da tese de que a produção, e com ela a troca dos produtos, é a base de toda a ordem social; de que em todas as sociedades que desfilam pela história, a distribuição dos produtos, juntamente com ela a divisão social dos homens em classes ou camadas, é determinada pelo que a sociedade produz e como produz o pelo modo de trocar os seus produtos (ENGELS, 2022, p. 13).

Beauvoir (2016) baseia-se nessa teoria ao reconhecer a importância do materialismo histórico como uma valiosa ferramenta de análise das relações humanas em relação à natureza. Tanto ela quanto Witting (2022) acreditam que a sociedade humana não é passivamente determinada pela natureza,

mas, ao contrário, reage ativamente a ela. Portanto, é injusto reduzir a mulher a um corpo sexuado limitado à sua natureza fisiológica.

A consciência que a mulher adquire de si mesma não é definida apenas pela sexualidade, mas também pela estrutura econômica da sociedade em que ela está inserida. Ambos os aspectos devem ser considerados para uma compreensão completa da identidade de gênero e da posição da mulher na sociedade. Em outras palavras, se para Marx (2017. p. 241): “a história da humanidade é a história da luta de classes”, para Beauvoir, é a história da luta de classes e de gênero.

Ao longo da história, a divisão do trabalho entre os sexos ocorria de forma igualitária, uma vez que a terra era compartilhada por todos os membros do clã. Enquanto os homens se dedicavam à pesca e à caça, as mulheres permaneciam em casa cuidando dos filhos e realizando atividades agrícolas básicas. No entanto, com o surgimento da propriedade privada, também emergiu a figura do senhor, detentor de escravos, terras e, inclusive, das mulheres.

Nesse contexto, o direito à maternidade é retirado e substituído pelo direito à paternidade, que é usado para transmitir a propriedade das terras de pai para filho. É com o surgimento

da família patriarcal, fundamentada na propriedade privada e na monogamia, que a opressão sobre as mulheres começa a se estabelecer. Essa opressão social que as mulheres enfrentam é uma consequência direta da opressão econômica que foi estabelecida.

A mulher só se emancipará quando puder participar em grande medida social na produção, e não for mais solicitada pelo trabalho doméstico senão numa medida insignificante. E isso só se tornou possível na grande indústria moderna, que não somente admite o trabalho da mulher em grande escala como ainda exige formalmente. (ENGELS, 2022 apud BEAUVOIR, 2016, p. 84 e 85).

Portanto, pode-se analisar que sexo e gênero ocupam diferentes planos espaciais. Dependendo da perspectiva adotada, eles podem parecer estar no mesmo campo e parecerem semelhantes. No entanto, ao analisá-los por uma ótica diferente, torna-se evidente a diferença espacial em que esses dois conceitos coexistem. O sexo refere-se ao corpo físico, enquanto o gênero se refere ao corpo sexuado na sociedade, sendo moldado por influências sociais, culturais e históricas. Além

disso, o patriarcado representa a forma política e econômica pela qual esse corpo sexuado reage ao outro corpo sexuado, refletindo relações de poder e desigualdades de gênero.

## 1.2 Desigualdade de gênero no Brasil

Em termos teóricos<sup>1</sup>, a igualdade de gênero representa a concessão equitativa de direitos e oportunidades tanto para mulheres quanto para homens. Essa ideia essencial busca assegurar a paridade de gênero, garantindo que ambos os sexos sejam tratados de maneira justa e tenham acesso igualitário a todas as esferas da vida.

A desigualdade de gênero tem suas raízes profundas na formação da sociedade brasileira e, contrariando percepções equivocadas, suas consequências não se limitam apenas às mulheres. A superação desse problema é crucial, pois implica em progresso coletivo para todos os indivíduos.

A Constituição brasileira de 1988 estabeleceu a igualdade entre homens e mulheres como um princípio fundamental. Desde então, têm sido implementadas políticas

<sup>1</sup> Conceito desenvolvido a partir da perspectiva de Lélia Gonzales, Djamilia Ribeiro e Judith Butler

públicas e leis específicas para promover a igualdade de gênero, abrangendo áreas como a participação política, o mercado de trabalho e o ambiente doméstico. Embora tenham ocorrido avanços significativos e um aumento na participação das mulheres em várias esferas, as estatísticas mais atuais refletem que a desigualdade de gênero, no país, ainda é alarmante e desencorajadora.

Um levantamento feito pelo Fórum Econômico Mundial, publicado em 2021, revelou que o Brasil país ocupa 93º lugar entre 156 nações em relação a igualdade de gênero, ou seja, uma perda de 26 posições em relação ao ano de 2006.

A justificativa da desigualdade entre homens e mulheres, em grande parte, é baseada em características físicas e diferenças hormonais, reforçando a ideia de que as mulheres são consideradas mais fracas, menos ágeis e menos racionais, supostamente adequadas apenas para atividades menos complexas. Além disso, atribui-se às mulheres um instinto maternal inato, sendo esperado delas o papel de cuidadoras – em seu sentido mais amplo –, sem a necessidade de reconhecimento ou retribuição.

No entanto, essas percepções, aparentemente sustentadas pela natureza,



são, na verdade, construções sociais que restringem o leque de possibilidades para as mulheres. A desigualdade de gênero está enraizada na classificação e discriminação baseadas no fato de ser homem ou mulher. As diferenças entre o masculino e o feminino são instrumentalizadas para controlar e limitar as oportunidades daqueles que se enquadram em cada grupo (SOUZA-LOBO, 2017).

Embora esse fenômeno prejudique a todos, ele impacta de forma mais severa as mulheres, refletindo não apenas em mentalidades, culturas e relações interpessoais, mas também nas instituições e nas questões materiais da vida. Trata-se de uma desigualdade – de poder, de acesso, de oportunidades, de liberdade de escolha, de valorização, de prestígio, entre outros aspectos –, que é produzida nas relações de gênero, ou seja, nas expectativas atribuídas ao ser masculino e ao ser feminino. Essas constatações estão implícitas nos dados atuais em todos os âmbitos da vida de uma mulher.

De acordo com um estudo recente divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019, 54,5% das mulheres com 15 anos ou mais faziam parte da força de trabalho no Brasil. Esse termo engloba todas as pessoas que estão

empregadas ou em busca de emprego. Em contraste, o percentual de homens nessa mesma faixa etária era de 73,7%. Esses dados evidenciam uma disparidade significativa na participação das mulheres no mercado de trabalho em relação aos homens.

Segundo o mesmo estudo as mulheres recebem, em média, apenas 77,7% dos salários dos homens ocupando o mesmo cargo. Além disso, a representatividade feminina em cargos de liderança é alarmantemente baixa, com apenas 34,7% dos cargos gerenciais ocupados por mulheres.

A situação é ainda pior no caso de mulheres negras. Dados do IBGE (2019) relatam que uma mulher negra recebe cerca de 44,4% – menos da metade – da renda média dos homens brancos, que de acordo com o mesmo estudo, são o perfil de maior renda média no país.

A desigualdade de gênero no trabalho é tão significativa, que segundo o relatório Global Gender Gap Report, o país ocupa a 130ª posição em igualdade de salário (DESIGUALDADE, 2022).

A disparidade de renda tem um impacto notável no tempo dedicado às tarefas domésticas. Um estudo revela que entre as mulheres pertencentes ao grupo de 20% da

população com os menores rendimentos, mais de 24 horas por semana são dedicadas a atividades relacionadas à casa. Por outro lado, entre aquelas que fazem parte do grupo de 20% dos brasileiros com os maiores rendimentos, esse tempo é reduzido para pouco mais de 18 horas semanais (ESTUDO, 2021).

Esses dados evidenciam que as mulheres de baixa renda são sobrecarregadas com uma carga maior de afazeres domésticos, enquanto aquelas com maior renda têm mais tempo disponível devido à possibilidade de contratar serviços domésticos ou obter ajuda para realizar essas tarefas. Essa discrepância reflete as desigualdades socioeconômicas que afetam a distribuição do trabalho doméstico e ressalta a importância de abordar questões de equidade de gênero e justiça social na sociedade.

O trabalho doméstico faz parte da condição de mulher; o emprego faz parte da condição de mulher podre. [...] O trabalho doméstico não é dividido com marido ou filhos, mas entre as mulheres da família ou a elas agregadas, estando na origem da migração das mais jovens que chegam em São Paulo para “ajudar” irmãs ou primas e por seu lado chamam de mães, irmãs e primas para ajudá-las quando nascem seus

filhos (SOUZA- LOBO, 2021, p. 84).

Embora as mulheres representem a maioria dos estudantes universitários e tenham, em média, mais anos de educação do que os homens, a igualdade de oportunidades na ocupação de cargos estratégicos ainda é uma realidade distante (figuras 1 e 2). Uma pesquisa realizada pelo Instituto Ethos revelou que, entre 50 empresas analisadas, apenas 11% dos cargos de CEO são ocupados por mulheres. Além disso, é alarmante constatar que das mulheres nessa posição, apenas 0,4% são mulheres negras (MACHISMO, 2022).

Esses dados evidenciam uma clara disparidade de gênero e raça no acesso a cargos de liderança nas organizações, demonstrando a persistência de barreiras e desigualdades que precisam ser enfrentadas e superadas. Essa diferença é notável, especialmente considerando que as mulheres possuem um nível de escolaridade mais elevado. Segundo o IBGE, 25,5% das mulheres concluíram o ensino superior, em comparação com 18,3% dos homens na faixa etária de 25 a 34 anos.

De acordo com um levantamento realizado, em 2022, pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (Gemaa) do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP)

da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), foi observada uma redução no número de mulheres à medida que suas carreiras avançam. O estudo aponta que, na maioria das áreas do conhecimento, é possível notar uma diminuição da participação feminina à medida que se avança nos estágios profissionais.

Apenas em 34% das áreas, as mulheres alcançam equidade ou são maioria entre os

professores universitários de pós-graduação. No entanto, houve um aumento geral, ainda que discreto, da participação das mulheres com mestrado (2%), doutorado (3%) e na docência (5%) em diversas áreas do conhecimento no país, entre os anos de 2004 e 2020.

Apesar desses avanços, o levantamento do Gemaa revelou que a redução das desigualdades de gênero



Figura 1 - Nível de instrução da população feminina no ano de 2016.

Fonte: observatório das desigualdades, 2016.



Figura 2 - Nível de instrução da população feminina com mais de 45 anos no ano de 2016.

Fonte: observatório das desigualdades, 2016.

na ciência está ocorrendo de forma lenta, indicando a existência de barreiras que as pesquisadoras ainda precisam superar.

Um dos pontos de discussão mais relevantes atualmente no meio acadêmico é a questão da maternidade, que é vista como um obstáculo para a entrada ou permanência das mulheres na pós-graduação (DESIGUALDADES, 2023).

De acordo com Clara Araújo 2022, professora e uma das organizadoras da pesquisa supramencionada, muitas vezes as mulheres acabam tendo menos filhos porque não conseguem conciliar a maternidade com a carreira acadêmica. Além disso, a participação dos homens nas tarefas domésticas é significativamente menor em comparação com a carga que recai sobre as mulheres.

Um estudo conduzido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV, 2020) constatou que a maternidade é um dos principais motivos de discriminação enfrentados por mulheres no ambiente profissional. A pesquisa acompanhou a licença-maternidade de um amplo grupo de mulheres entre 2009 e 2012, e revelou que metade delas foi demitida em um período de até dois anos após a licença.

Os resultados da pesquisa mencionada mostraram que mulheres que são mães de

crianças de até 3 anos e estão empregadas representam 54,6% do total, uma porcentagem inferior àquelas que têm filhos dependentes mais velhos, que correspondem a 67,2%. No entanto, a situação é completamente diferente para os homens. Na verdade, é o oposto. Homens que vivem com crianças de até 3 anos têm uma taxa de ocupação de 89,2%, enquanto aqueles que não têm filhos nessa faixa etária representam 83,4%.

Em resumo, para as mulheres, ter filhos tem um impacto significativo, até mesmo no processo de contratação. É importante ressaltar que as porcentagens mencionadas acima são específicas para brasileiros e brasileiras que são pais. Uma possível explicação para isso, de acordo com especialistas, é o fato de que a responsabilidade de cuidar dos filhos é predominantemente atribuída às mulheres.

Portanto, muitas empresas, ao se depararem com candidatas mães durante processos seletivos, já associam essa condição a uma maior probabilidade de ausências relacionadas aos cuidados infantis. Enquanto isso, os homens, por não serem tão responsabilizados social e historicamente pelos cuidados dos filhos quanto as mulheres, são praticamente isentos da relevância desse fator durante

a contratação (DESIGUALDADE, 2022).

Além disso, o fato de as mulheres estarem sujeitas a engravidar e se ausentar do trabalho devido à licença-maternidade é outro elemento que leva muitas pessoas a optarem por não contratar mulheres, agravando ainda mais a desigualdade de gênero no mercado de trabalho no Brasil.

Uma dificuldade adicional no acesso ao mercado de trabalho pode ser observada quando consideramos o recorte racial. Mulheres negras ou pardas com filhos de até 3 anos apresentam os níveis mais baixos de ocupação, inferiores a 50%, enquanto as mulheres brancas registram uma taxa de ocupação de 62,6% (IBGE, 2022).

Esses dados demonstram que, apesar das mulheres alcançarem maiores níveis de educação, ainda enfrentam obstáculos e discriminação no mercado de trabalho, resultando em desigualdades salariais, menor representatividade em cargos de liderança e dificuldades em conciliar trabalho e maternidade. A superação dessas desigualdades requer esforços contínuos para promover a igualdade de gênero no ambiente profissional.

Outra constatação da pesquisa se refere à sub-representação das mulheres na política. A evolução da participação

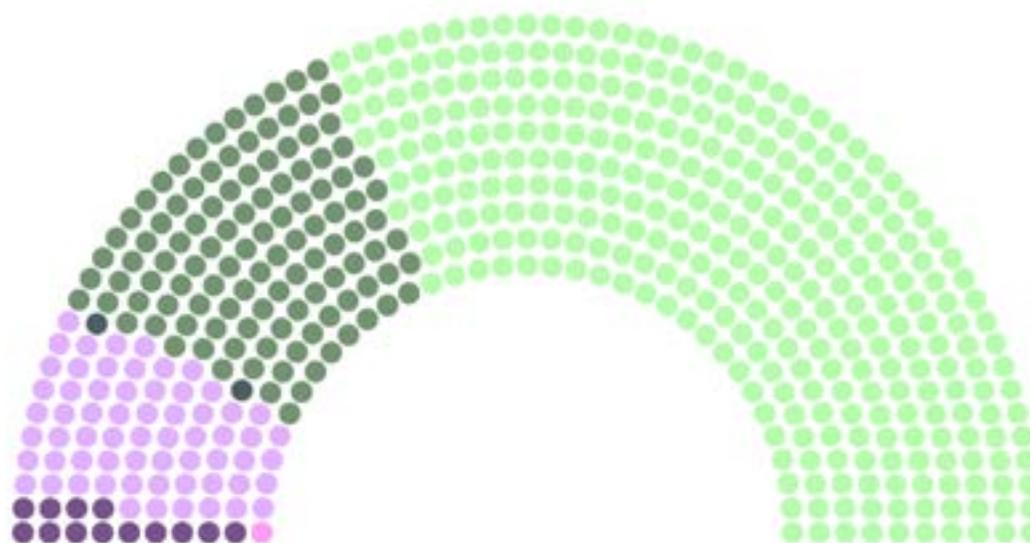
feminina nesse campo é extremamente lenta. Embora tenha havido um aumento no número de deputadas federais entre 2017 e 2020, atualmente temos apenas 14,8% de mulheres exercendo mandato na Câmara dos Deputados. Com esse dado, o Brasil possui a menor proporção entre os países da América do Sul e ocupa a posição de número 142 em um ranking de 190 países, conforme observado pela pesquisadora Luanda Botelho (2021).

De acordo com o ESTUDO, 2021 apenas 16% dos vereadores eleitos no país em 2020 eram mulheres. Em comparação com 2016, houve um aumento de menos de 3 pontos percentuais nessa representatividade feminina.

Em outras palavras, os dados apontam para uma significativa disparidade de gênero na esfera política (Figura 2). A presença das mulheres ainda é muito baixa, mesmo considerando seu número populacional e sua qualificação educacional. É evidente que são necessárias ações mais efetivas para promover a igualdade de gênero e aumentar a participação feminina nos cargos políticos no Brasil.

A ampliação de políticas sociais ao longo do tempo, incrementando as condições de vida da população em geral, fomenta a melhora de alguns indicadores sociais das

mulheres, como nas áreas de saúde e educação. No entanto, não é suficiente para colocá-las em situação de igualdade com os homens em outras esferas, em especial no mercado de



GÊNERO	2014	2018	VARIAÇÃO
MULHERES INDÍGENAS	0	1	+ 1
MULHERES NEGRAS	10	13	+ 3
MULHERES BRANCAS	41	63	+ 22
HOMENS AMARELOS	0	2	+ 2
HOMENS NEGROS	93	113	+ 20
HOMENS BRANCOS	369	321	- 48

### Representação da atual Câmara de Deputados

Figura 3: Representação atual na Câmara dos Deputados.  
Fonte: Estatísticas, 2021



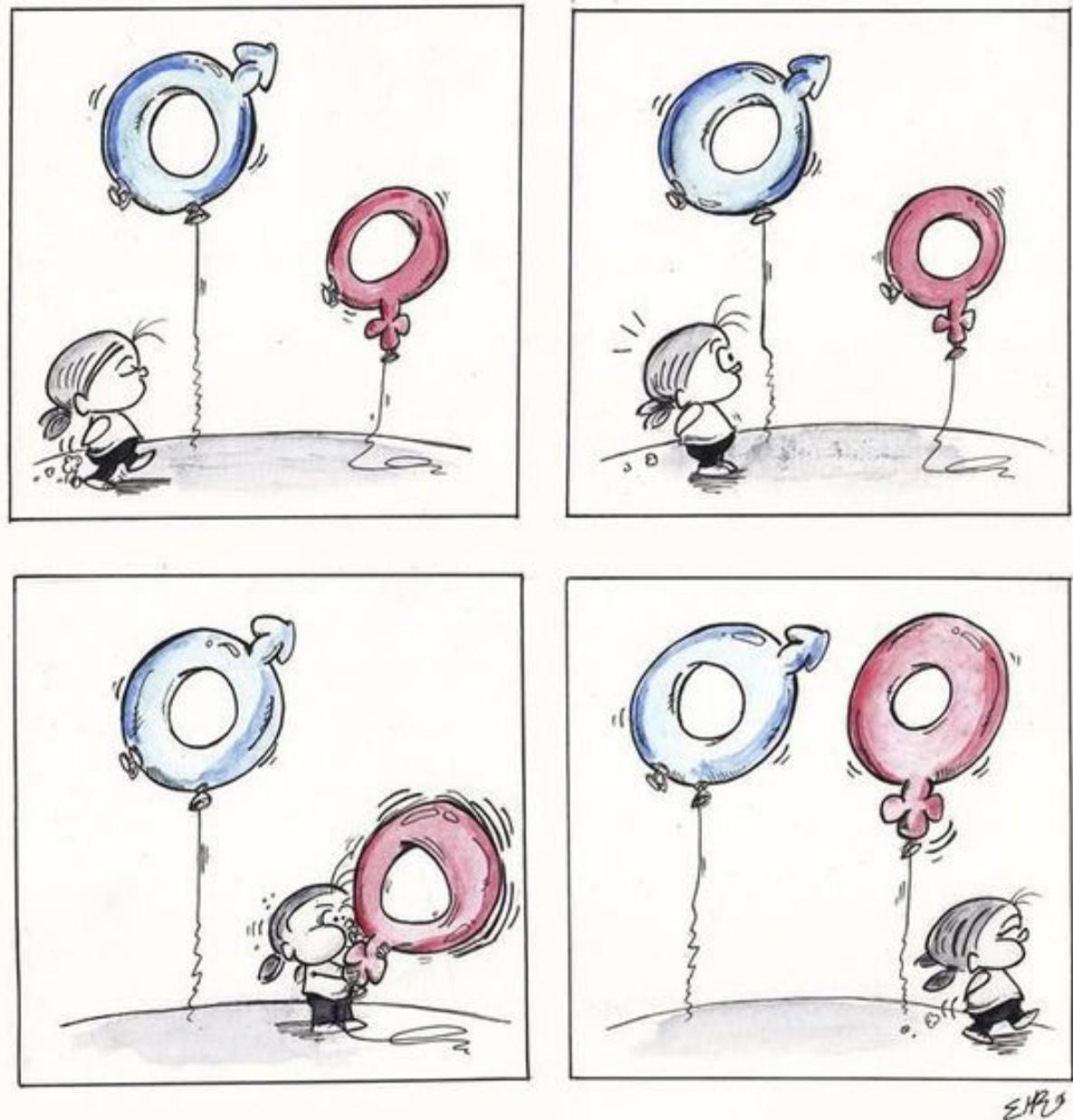
trabalho e em espaços de tomada de decisão (ESTUDO, 2021).

Em 2020, a pandemia da Covid-19 atingiu seu ponto mais crítico globalmente e afetou as pessoas de diversas maneiras, incluindo impactos físicos, psicológicos e financeiros. No caso das mulheres, os efeitos do isolamento, dos bloqueios e da crise econômica foram especialmente graves no campo financeiro e do trabalho (DESIGUALDADE, 2022).

Uma pesquisa conduzida pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV-IBRE, 2020), sob a liderança da pesquisadora Janaína Feijó, revelou uma queda na participação das mulheres no mercado de trabalho. Em 2019, a taxa de participação era de 54,3%, mas em 2021, esse número caiu para 51,5%.

Essa desigualdade de gênero no mercado de trabalho se torna ainda mais evidente quando comparada à presença masculina. De acordo com o mesmo estudo, os homens atualmente representam um pouco mais de 71% da força de trabalho, o que significa que a presença das mulheres é cerca de 20% menor (DESIGUALDADE, 2022)

Dados divulgados pela ONG Think Olga (2022) também demonstram que a



Figuras 4 - Charge desigualdade de gênero

Fonte: <https://i.pinimg.com/564x/ea/16/ca/ea16ca4b87540a6e54bd978317e9db44.jpg>

participação das mulheres no mercado de trabalho retrocedeu em 30 anos durante a pandemia. Isso ocorre porque setores com alta presença feminina, como educação, serviços domésticos e comércio, foram impactados de maneira significativa.

As circunstâncias da pandemia podem ser entendidas como fatores que tiveram um peso significativo nessas diferenças observadas. Além da já conhecida questão da dupla jornada de trabalho, que há muito tempo é uma discussão relevante, durante a pandemia, as responsabilidades domésticas e os cuidados com as crianças aumentaram ainda mais a sobrecarga enfrentada por muitas mulheres (DESIGUALDADE, 2022).

No contexto das relações afetivas, as mulheres enfrentam restrições à sua liberdade sexual e são severamente punidas quando optam por expressar sua sexualidade. Além disso, são frequentemente objetificadas, o que as coloca em situações de assédio, importunação e, em alguns casos, violência sexual.

A objetificação também tem como consequência o feminicídio, que ocorre quando as mulheres são tratadas como objetos a ponto de serem assassinadas por parceiros ou ex-parceiros quando decidem terminar o



Figuras 5 e 6 – índices de violência contra mulheres e meninas e os índices de violência sexual Levantamento do Fórum Brasileiro de Segurança Pública de 2020. Fonte: Estatísticas, 2021.



relacionamento ou se envolver com outras pessoas. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil é o quinto país do mundo em número de feminicídios (figuras 5 e 6).

As origens da desigualdade de gênero remontam a questões históricas. A sociedade foi moldada por uma estrutura patriarcal que sempre privilegiou os homens, e houve uma divisão do trabalho ao longo do tempo que relegou às mulheres as tarefas domésticas e o cuidado dos filhos.

As consequências dessa desigualdade são amplamente conhecidas. Até hoje, muitas mulheres vivem em relacionamentos abusivos, devido à dependência financeira e emocional. Elas podem sofrer com baixa autoestima, ter maior propensão ao desenvolvimento de depressão (não apenas por fatores hormonais, mas também sociais) e enfrentar diversas outras consequências graves.

Embora os efeitos negativos da desigualdade de gênero pareçam afetar somente as mulheres, eles prejudicam toda a sociedade. Eles restringem a liberdade dos homens que desejam seguir caminhos profissionais ou adotar comportamentos considerados femininos, além de impedir que as mulheres ofereçam e desenvolvam seu potencial em áreas do conhecimento e

liderança classificados como masculinas. Com o surgimento do movimento feminista, essa questão começou a ser amplamente debatida e alguns avanços já foram alcançados, mas ainda há um longo caminho a percorrer em direção à equidade de gênero.

### **1.3. As mulheres negras**

Essa temática será tratada a partir da perspectiva de Lélia Gonzales, uma destacada figura intelectual do Brasil, que desempenhou papéis importantes como autora, política, professora, filósofa e antropóloga. Sua atuação pioneira concentrou-se nos estudos sobre a cultura negra no país.

Assim como Simone de Beauvoir, Lélia Gonzales também se utiliza do materialismo histórico para discutir as questões raciais no Brasil, dessa forma é necessário fazer algumas considerações iniciais para garantir uma melhor compreensão deste trabalho.

Importa agora descrever a forma como o modo de produção capitalista dimensiona as relações de gênero e raça a partir de uma perspectiva classista. No fundamental, o processo de assalariamento da mão de obra.

Com o desenvolvimento e a modernização, houve a expansão de diversos

setores industriais, juntamente com um aumento da urbanização. No entanto, esse processo de expansão resultou na decadência da indústria têxtil, levando ao fechamento de muitas fábricas. Como consequência, as mulheres negras praticamente perderam sua posição na classe operária, ou, no máximo, tentaram ingressar em setores primários alternativos, como a indústria de roupas ou alimentos, onde seriam uma grande minoria. Lélia Gonzales (2020) destaca que a seleção racial também influencia nesse setor, ou seja, as operárias brancas ou “morenas” sempre têm melhores oportunidades do que as negras.

De qualquer forma, surgiram novas perspectivas nos setores burocráticos de nível inferior, que se tornaram mais feminizados. Isso inclui trabalhos de prestação de serviços em escritórios, bancos, entre outros. No entanto, essas atividades requerem um certo nível de escolaridade, que muitas mulheres negras não possuem. Esse fato contribui para a reafirmação da discriminação, uma vez que o contato com o público exige “educação” e “boa aparência” (GONZALES, 2020).

É importante reconhecer que, desde 1950, houve um crescimento das classes médias. No entanto, em termos proporcionais, a população negra experimentou uma

deterioração em suas oportunidades de emprego. Excluídas da participação no processo de desenvolvimento, foram relegadas à condição de uma massa marginal, imersa na pobreza, na fome crônica e no desamparo.

O que se opera no Brasil não é apenas uma discriminação efetiva; em termos de representações sociais mentais que se reforçam e se reproduzem de diferentes maneiras, o que se observa é um racismo cultural que leva, tanto algozes como vítimas, a considerarem natural o fato de a mulher em geral e a negra em particular desempenharem papéis sociais desvalorizados em termos de população economicamente ativa. No que se refere à discriminação da mulher, que se observem, por exemplo, as diferenças salariais no exercício de uma função com relação ao homem, e a aceitação de que “está tudo bem” (GONZALES, 2020, p.35).

A exclusão da mulher negra na sociedade brasileira se manifesta claramente através dos dois papéis sociais atribuídos a ela: “doméstica” ou “mulata”. O termo “doméstica” engloba uma série de atividades que delimitam o seu “lugar natural”, como empregada nas residências da classe média e alta, merendeira

nas escolas, auxiliar nos supermercados, hospitais, entre outros. Por outro lado, o termo “mulata” implica uma forma mais sofisticada de objetificação, na qual ela é vista como um “produto de exportação”, ou seja, um objeto a ser consumido por turistas e burgueses nacionais.

Nesse contexto, ocorre uma oferta ilusória de um pseudomercado de trabalho que atua como um funil, resultando em um alto grau de alienação. Essa exploração sexual da mulher negra está intrinsecamente ligada a um processo de distorção, folclorização e comercialização da cultura negra brasileira. Podemos citar, por exemplo, a apropriação das escolas de samba pela indústria turística, que além de gerar lucro, também promove uma imagem internacional favorável à ideia de “democracia racial brasileira” (GONZALES, 2020, p. 37).

O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à “mulher-negra, pobre” como um item respeitoso na lista de prioridade globais. A representação não definiu. A mulher como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio (SPIVAK, 2010, p. 45).

Essa passagem de Spivak nos instrui

acerca da exclusão da voz dos grupos marginalizados, devido à negação de sua humanidade. Por pertencerem àqueles que são considerados irrelevantes, utilizando uma terminologia da filósofa Judith Butler. Contudo, Spivak também reconhece a importância da atividade intelectual e política para as mulheres. Ainda sobre esse tema, de acordo com Ribeiro (2017), a condição subalterna revela um espaço de silêncio.

No contexto atual de desigualdade de gênero, o Brasil figura entre os países com piores índices, e a situação se agrava ainda mais quando se trata das mulheres negras (DESIGUALDADE, 2022). De acordo com a pesquisa realizada por PNADC/IBGE, em 2022, apenas 51,5% das 48,8 milhões de mulheres negras em idade de trabalhar estão inseridas no mercado.

Essas mulheres enfrentam um duplo preconceito, pois além do sexismo, também sofrem com o racismo. A pesquisa realizada por Desigualdade, 2022 revelou que as mulheres negras recebem menos da metade do salário dos homens brancos e aproximadamente 60% da remuneração média das mulheres brancas ou de ascendência asiática.

Atualmente, cerca de 63% das famílias



chefiadas por mulheres negras estão abaixo da linha da pobreza, o que significa que elas têm acesso muito limitado a oportunidades (Desigualdades, 2023). Infelizmente, mesmo quando conseguem conquistar uma posição, ainda precisam enfrentar grandes obstáculos de preconceito no mercado de trabalho.

Ora, na medida em que existe uma divisão racial e sexual do trabalho, não é difícil concluir sobre o processo de tríplex discriminação sofrido pela mulher negra (enquanto raça, classe e sexo), assim como sobre seu lugar na força de trabalho (GONZALES, 2020, p. 48 ).

Privada de oportunidades de participação no processo de desenvolvimento, que é desigual e combinado, a mulher negra é empurrada para a condição de uma massa marginal em crescimento. Essa condição pode se manifestar de diferentes maneiras, como desemprego aberto ou disfarçado, ocupação em serviços de baixa qualificação, trabalho ocasional, ocupação intermitente, trabalho sazonal, entre outros. Essas circunstâncias têm como resultado condições de vida extremamente precárias em termos de moradia, saúde, educação e outros aspectos fundamentais.

Diante do exposto, poderia se chegar à

conclusão de que a mulher negra desempenha um papel amplamente desfavorável na sociedade brasileira contemporânea, devido à imagem estereotipada atribuída a ela ou às formas de exploração excessiva e alienação às quais está sujeita. No entanto, é necessário abordar dialeticamente as estratégias que ela utiliza para sobreviver e resistir em uma formação social capitalista e racista como a nossa.

Outro fator importante para ser discutido é sobre os negros, jovens em aglomeração. Os bairros periféricos se destacam pela diferença em relação à média da maior cidade do país. É nesses locais que se concentra o maior número de famílias vivendo em favelas, em contraste com os territórios centrais e mais abastados, além da distância em relação aos empregos formais.

Essa realidade é revelada pelo Mapa da Desigualdade (2021), divulgado recentemente pela Rede Nossa São Paulo. Desde 2012, esse levantamento utiliza fontes públicas e oficiais para apresentar dados sobre os 96 distritos da capital paulista, abrangendo temas como população, meio ambiente, mobilidade, direitos humanos, habitação, saúde, educação, cultura, esporte, infraestrutura, trabalho e renda.

Enquanto 37,1% da população de São Paulo se autodeclara como preta ou parda,

esse índice sobe para 56,8% no distrito de Parelheiros (figura 7). Esse distrito, localizado na zona sul da capital, possui o segundo maior percentual de pessoas negras em comparação com os demais distritos da cidade, em contraposição ao distrito mais branco, que é Moema, com apenas 5,8% de sua população se autodeclarando dessa forma. [...] a cristalização de desigualdades extremas entre “regiões” brasileiras, onde se pode distinguir uma região dominante e outras regiões dominadas, unidas num processo estruturalmente articulado, e a consequente reprodução dos níveis de pobreza e miséria em que vivem suas populações (FARIAS, 1983, p. 46).

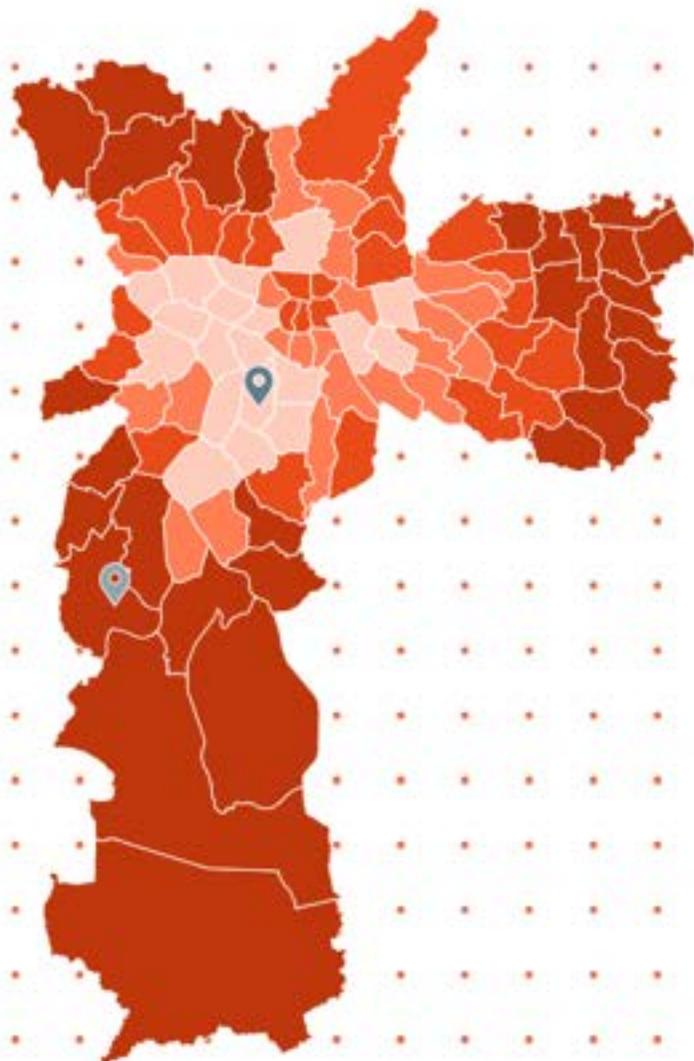
Além disso, a população jovem é mais numerosa nas áreas periféricas da cidade. Quase metade (49,4%) da população de Parelheiros tem entre 0 e 29 anos, sendo que 11,6% possuem até 6 anos de idade.

Através desses dados pode-se afirmar a existência de uma divisão racial do espaço em nossa cidade, uma espécie de segregação, com acentuada polarização, extremamente desvantajosa para a população negra: em que a população branca se concentra na região



# População preta e parda

Proporção (%) da população preta e parda, por distrito



MENOR/MAIOR VALOR

**5,8**  
Moema

**60,1**  
Jardim Ângela

Média de São Paulo **37,1**

**DESIGUALTÔMETRO**  
**10,3x**

- LEGENDA:
- 5,8% a 16,3%
  - 16,3% a 27,9%
  - 27,9% a 41,7%
  - 41,7% a 60,7%

ANO-BASE: 2010

FÓRMULA: População preta e parda ÷ População total do distrito x 100

FONTE(S): Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

ELABORAÇÃO: RNSP

OBSERVAÇÕES: Dados populacionais do Censo Demográfico de 2010.

Figura 07: Mapa de população preta e parda em São Paulo  
Fonte: Mapa da Desigualdade, 2021



mais desenvolvida, enquanto a população negra, quase na mesma proporção, concentra-se no restante da cidade, sobretudo em regiões mais pobres como é o caso de Parelheiros. “Uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta de sua localização social, vai experimentar gênero de uma outra forma” (RIBEIRO, 2017, p. 35).

Essa localização afeta em diferentes aspectos da vida, como por exemplo o acesso à internet limitado (figura 08), maior tempo de deslocamento para trabalhos (figura 09) e acesso à educação.

Nas sociedades de classes, a ideologia é uma representação do real, mas necessariamente falseado, porque é necessariamente orientada e tendenciosa — e é tendenciosa porque seu objetivo não é dar aos homens o conhecimento objetivo do sistema social em que vivem, mas, ao contrário, mantê-los em seu “lugar” no sistema de exploração da classe (ALTHUSSER, s.d., p. 39).

Podemos também observar o elevado índice de feminicídio entre mulheres negras, assim como a persistente predominância das mulheres negras em trabalhos domésticos e terceirizados. O fato de ocuparem posições



Figura 08: Mapa de acesso a Internet móvel em São Paulo. Fonte: Mapa da Desigualdade, 2021.



Figura 09: Mapa do tempo de deslocamento médio em São Paulo. Fonte: Mapa da Desigualdade, 2021.

que as tornam mais vulneráveis contribui para que certas medidas consideradas regressivas afetem esses grupos de forma ainda mais severa e perceptível.

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022 mostra que entre as vítimas de feminicídio, 37,5% são brancas e 62% são negras e, nas mortes violentas, 70,7% são negras e 28,6% são brancas. O racismo estrutural se apresenta ‘genderizado’ em que vemos uma curva decrescente de feminicídios de mulheres brancas e uma curva ascendente nos feminicídios de mulheres negras.

Devido à falta de formalização, à natureza intermitente do emprego e, no caso das empregadas domésticas, à ausência de garantias trabalhistas, esse grupo sempre esteve historicamente à margem. Para se comprovar essa afirmação, entre 2003 e 2014, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) realizada pelo IBGE, houve um aumento de 8% para 23% no número de empregadas domésticas sem registro que contribuam para a Previdência Social. Mesmo assim, essas trabalhadoras enfrentam dificuldades para se aposentar por tempo de contribuição, devido à grande informalidade do setor. No ano de 2014, 68,1% das trabalhadoras

domésticas não possuíam registro em carteira.

O fato de uma pessoa ser negra não significa que ela saberá refletir crítica e filosoficamente sobre as consequências do racismo. Inclusive, ela até poderá dizer que nunca sentiu racismo, que sua vivência não comporta ou que ela nunca passou por isso. E sabemos o quanto alguns grupos adoram fazer uso dessas pessoas. Mas o fato dessa pessoa dizer que não sentiu racismo, não faz com que, por conta de sua localização social, ela não tenha tido menos oportunidades e direitos. A discussão é sobretudo estrutural (RIBEIRO, 2017, p. 38).

Apesar das mulheres negras serem 28% da população brasileira, as redes assistenciais voltadas para elas são baixas. As desigualdades raciais em saúde persistem no país e mulheres negras têm piores indicadores de acesso ao pré-natal bem como maiores taxas de mortalidade materna durante a gestação, parto e puerpério (IEPS, 2022).

Os cuidados relacionados à saúde da mulher e da gestante possuem uma relevância significativa nos sistemas de saúde, não apenas devido à necessidade de oferecer

cuidados adequados às mulheres durante um momento crucial de suas vidas, mas também pelo fato de que, como mães, elas desempenham um papel fundamental na prestação de cuidados essenciais aos recém-nascidos, incluindo a amamentação. Não sem razão, a redução da mortalidade materna global, para menos de 70 mortes por 100 mil nascidos vivos, consta dentre os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU).

Segundo a publicação Guia de Vigilância Epidemiológica do Óbito Materno, do Ministério da Saúde (2009), a morte materna é uma “tragédia evitável” em 92% dos casos. Neste sentido, o estudo desenvolvido pelo Instituto de Estudos para Políticas de Saúde (IEPS, 2022) analisou a evolução da porcentagem de pré-natais adequados, segundo raça/cor, e verificou que existem diferenças persistentes entre mulheres negras e brancas durante o período analisado (2014 a 2020). Enquanto 76,1% das mulheres brancas realizaram um número adequado de consultas pré-natais em 2014, apenas 59,8% das mulheres negras acessaram esses cuidados. Até 2019, houve uma gradual melhora desses indicadores. No ano de 2022, tiveram assistência adequada 81,2% das mulheres brancas e 67,8% das mulheres negras.



Conforme ilustrado no gráfico (figura 10), em 2020, houve uma deterioração na realização de consultas pré-natais adequadas para todas as mulheres, mas esse cenário foi mais acentuado para as mulheres negras. Em outras palavras, as mulheres negras tiveram menos acesso aos serviços de saúde para consultas e cuidados pré-natais durante o primeiro ano da pandemia.

Enquanto a proporção de gestações de nascidos vivos com o número adequado de consultas pré-natais caiu 0,54% para as mulheres brancas no primeiro ano da pandemia em comparação ao ano anterior, esse declínio foi mais que o dobro para as mulheres negras, atingindo 1,44%. Portanto, uma parte dos avanços alcançados no acesso à saúde materno-infantil durante o período de 2014-2019 foi perdida em 2020.

Os desfechos relacionados à Razão de Mortalidade Materna (RMM) também foram piores para as mulheres negras em todo o período analisado, como mostrado no painel “b” da Figura 10. Entre 2014 e 2019, a RMM para as mulheres negras variou de 58,9 a 64,1, com uma média de 61,6. Para as mulheres brancas, a taxa máxima foi de 57 e a mínima de 49,7, com uma média de 53,8.

A diferença entre essas médias é de 7,8 pontos, ou seja, em média, houve cerca de 8 mortes maternas a cada 100 mil nascidos vivos a mais entre as mulheres negras em comparação às brancas

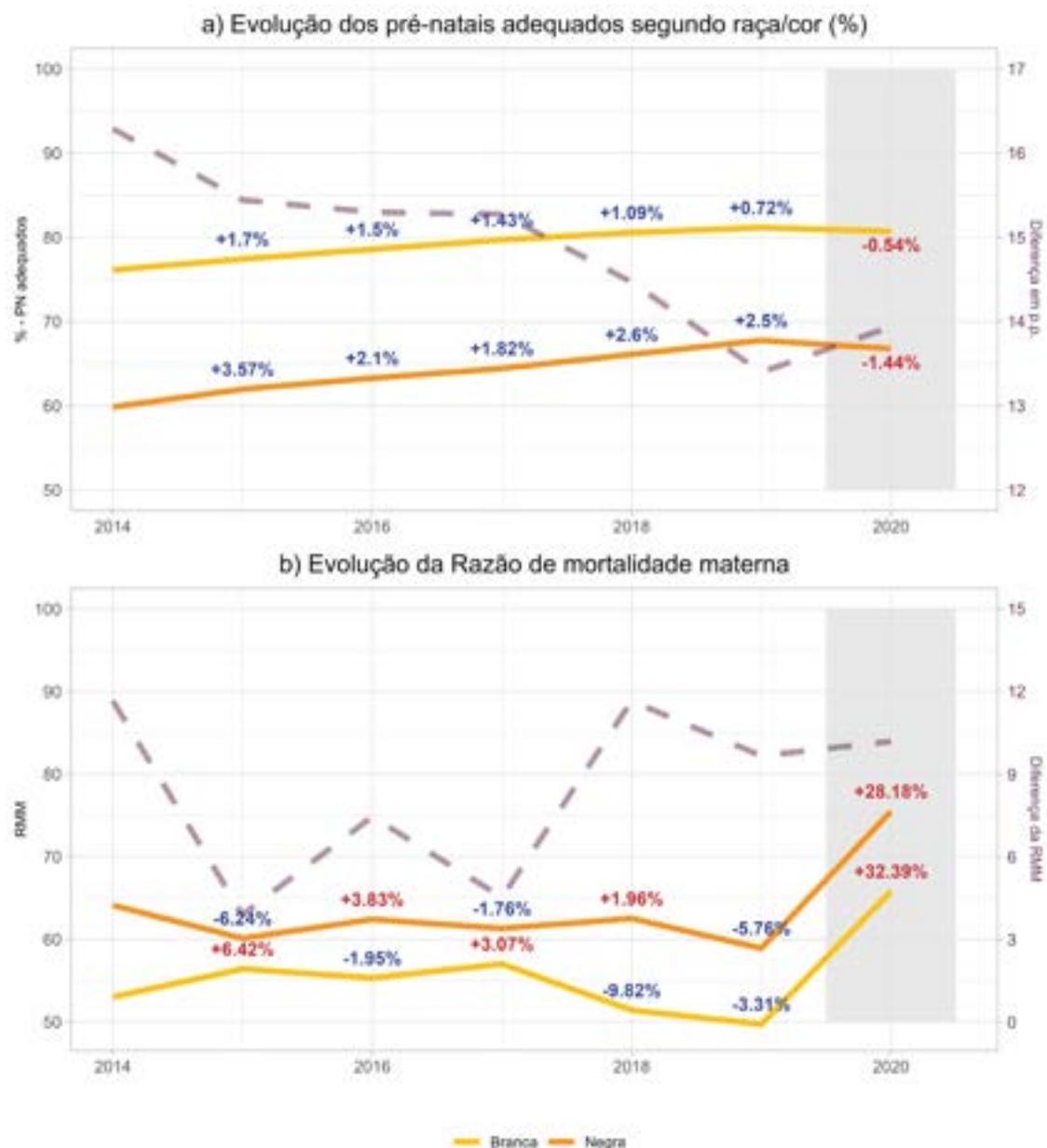


Figura 10: Gráfico de pré natais adequados e razão de mortalidade materna segundo raça cor. Fonte: Instituto de Estudos para Políticas de Saúde (IEPS), 2022

durante esse período. Nessa série temporal, a taxa máxima de RMM para as mulheres brancas (57 em 2017) é menor do que a taxa mínima das mulheres negras (58,9 em 2019) (IEPS, 2022).

Em 2020, com a pandemia, a RMM para as mulheres negras aumentou para 75,5, um aumento de mais de 28% em relação a 2019, enquanto para as mulheres brancas subiu para 65,5, um aumento de mais de 32%. É importante ressaltar que, somente com a pandemia, as taxas de mortalidade materna entre as mulheres brancas atingiram níveis tão elevados quanto as das mulheres negras no período anterior à pandemia (IEPS, 2022).

Esses aumentos acendem um alerta. Se, mesmo antes da pandemia, o Brasil já estava distante da meta estabelecida pelos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável de reduzir para 30 o número de mortes maternas a cada mil nascidos vivos até 2030, o país agora se distancia ainda mais desse objetivo devido à emergência sanitária causada pela COVID-19 (IEPS, 2022).

Partimos do princípio de que, se as condições de acesso aos serviços de saúde fossem verdadeiramente igualitárias, não haveria diferenças no cuidado pré-natal com base na raça/cor. Em outras palavras, não deveria existir uma disparidade racial

no que diz respeito aos cuidados pré-natais.

Falar de racismo, opressão de gênero, é visto geralmente como algo chato, “mimimi” ou outras formas de deslegitimação. A tomada de consciência sobre o que significa desestabilizar a norma hegemônica é vista como inapropriada ou agressiva porque aí se está confrontando poder (RIBEIRO, 2017, p. 45).

A partir dos dados analisados podemos chegar em algumas considerações:

O foco do feminismo negro é salientar a diversidade de experiências tanto de mulheres quanto de homens e os diferentes pontos de vista possíveis de análise de um fenômeno, bem como marcar o lugar de fala de quem a propõe. Patricia Hill Collins é uma das principais autoras do que é denominado de feminist standpoint. Em sua análise, Collins (1990) lança mão do conceito de matriz de dominação para pensar a intersecção das desigualdades, na qual a mesma pessoa pode se encontrar em diferentes posições,

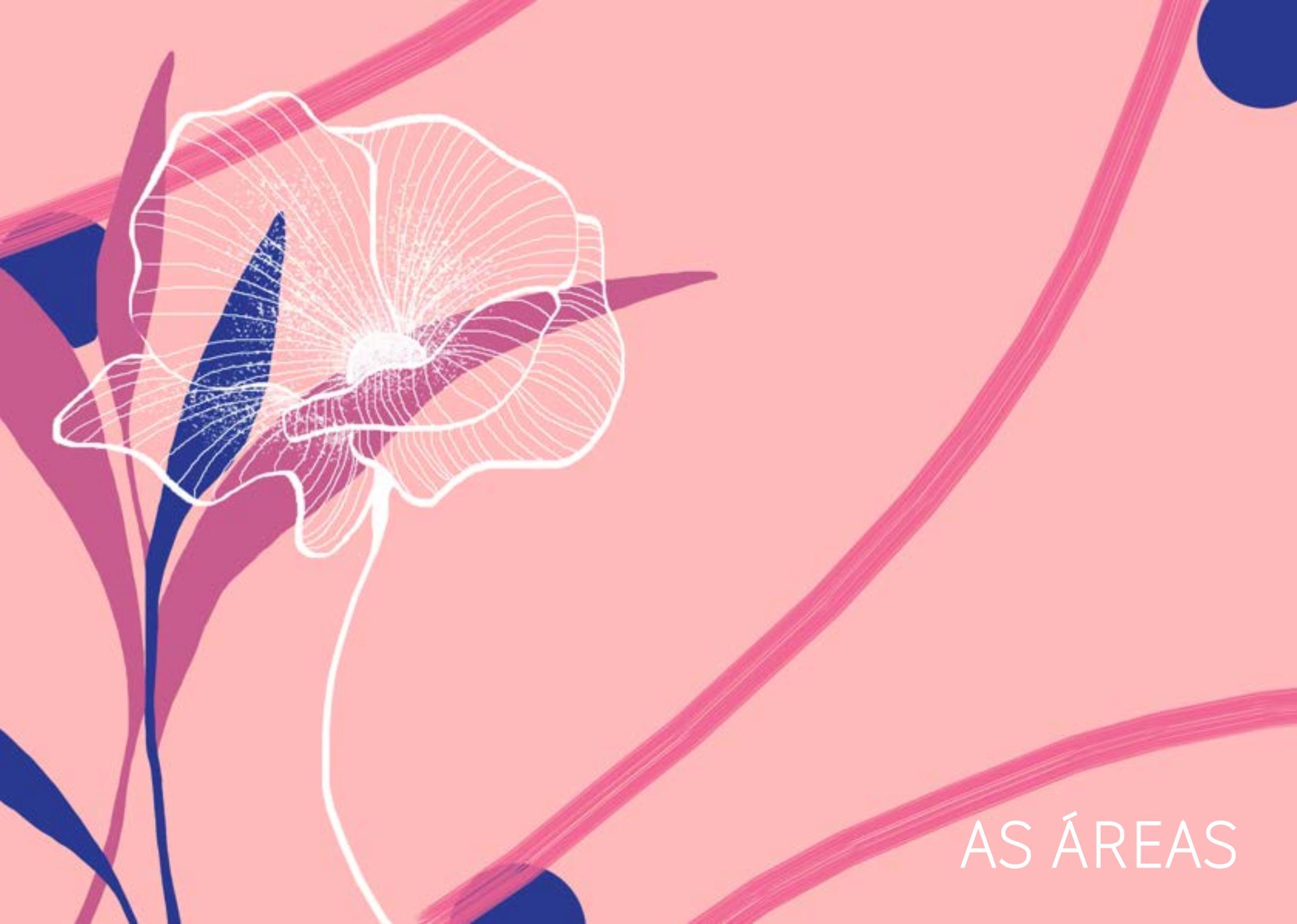
a depender de suas características. Assim, o elemento representativo das experiências das diferentes formas de ser mulher estaria assentado no entrecruzamento entre gênero, raça, classe, geração, sem predominância de algum elemento sobre outro (SOTERO, 2013, p. 36).

P o r t a n t o ,

Ao reivindicar nossa diferença enquanto mulheres negras, enquanto americanas, sabemos bem o quanto trazemos em nós as marcas da exploração econômica e da subordinação racial e sexual. Por isso mesmo, trazemos conosco a marca da libertação de todos e de todas. Portanto, nosso lema deve ser: organização já! Axé, Dandaras! (GONZALES, 2020, p. 250).



2



AS ÁREAS

## 2.1 Formação do bairro de Parelheiros

Localizado no extremo sul de São Paulo, Parelheiros é um distrito antigo, inicialmente formado por um grupo de duzentos imigrantes alemães, austríacos e suíços que vieram para o estabelecimento de uma colônia agrícola no ano de 1827. A posse do território começou com a chegada de 94 famílias alemãs em 1829, cujos remanescentes habitam até hoje a região. Esses primeiros imigrantes extraíam e forneciam madeira bruta para serrarias instaladas em Santo Amaro (PREFEITURA, 2019).

Sem o apoio do governo e enfrentando dificuldades, a colônia entrou em rápida decadência, levando muitos a deixarem a região. Mais de um século depois, durante a Segunda Guerra Mundial, a denominação Colônia Alemã foi substituída por Colônia Paulista, ou, simplesmente, Colônia, nome atual de um dos bairros centrais de Parelheiros (ZENHA, 1950).

Em termos históricos, sabemos que o regime escravista teve sua ação mais ampla e profunda nas regiões brasileiras onde a plantation e as atividades mineradoras se desenvolveram. E foi nessas regiões que se iniciaram processos simultâneos da mestiçagem e da emergência de

uma população de cor livre. Ora, na medida em que a população escrava sofreu deslocamentos geográficos que obedeciam às exigências da produção econômica (ciclos do açúcar, da mineração etc.), a população de cor livre permaneceu nas regiões de origem e reverteu para as atividades de subsistência ou mesmo de desvinculação econômica e social. Na verdade, não só essa população de cor livre, assim como os poucos escravos libertados em 1888 nessas regiões vieram a constituir a grande massa marginalizada no momento de emergência do capitalismo, posto que foram “fixados” a formas de produção pré-capitalistas (como parceiros, lavradores, moradores/assalariados rurais, trabalhadores de mineração etc.) (Gonzales, Lélia, 2020, p.36).

De acordo com a Prefeitura de São Paulo, por volta de 1940, a região passou a receber também imigrantes japoneses, que auxiliaram demasiadamente no desenvolvimento da região com suas atividades agrícolas, transformando hoje, o distrito de Parelheiros na maior área agrícola de São Paulo, juntamente com Marsilac,

território vizinho. A influência nipônica foi tão grande que em novembro de 1995, a Igreja Messiânica inaugurou seu santuário ou “Solo Sagrado” no Brasil, em Guarapiranga, maior área preservada de Parelheiros. Anunciado desde 1985, este é o primeiro Solo Sagrado fora do Japão (ORO, 2000 apud CLARK, 2000).

Em Parelheiros, além dos imigrantes germânicos e japoneses, existe uma aldeia indígena chamada Tenondé Porã, habitada pelo subgrupo guarani Mbya. Cerca de 1.200 guaranis vivem na aldeia, composta por oito grandes famílias, incluindo filhos, netos, bisnetos, genros e noras, que dividem casas de tijolos construídas pela Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano de São Paulo (CDHU), seguindo as orientações dos próprios indígenas. (PREFEITURA, 2019).

Pratica-se ali a agricultura de subsistência, que fornece o alimento cotidiano: bananeiras, pés de goiaba, mexerica, laranja e manga, que as crianças colhem no pé. A renda vem basicamente do artesanato indígena, vendido para lojinhas da capital e turistas que visitam a aldeia (PARELHEIROS, 2020, n.p.).

A região tem um marco geológico de grande importância: a Cratera da Colônia (figura 11) - uma depressão de formato circular, medindo cerca de 3,6 km de diâmetro, formado a partir da queda de um meteorito há cerca de 36 milhões de anos (Meteoritics and Planetary Science). A formação foi declarada “Monumento Geológico” pelo Conselho Estadual de Monumentos Geológicos do Estado de São Paulo (CoMGeo-SP) em 2009. Porém, quando isso ocorreu, parte da área já estava ocupada pelo bairro.

Os loteamentos irregulares estão em

processo de regularização, com cerca de 40.000 pessoas, que passam atualmente por processo de urbanização, por meio do Programa Mananciais da Secretaria Municipal de Habitação e do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) do Governo Federal.

O território de Parelheiros, considerado patrimônio ambiental, é estratégico para a vida da cidade por sua riqueza em recursos naturais. Ele abrange uma área de 353,5 Km<sup>2</sup>, representando 23,68% do município, com ocupação urbana de 2,5% e dispersa de

7,7% (SEADE, 2001). A totalidade do território está inserida em uma Macrozona de Proteção Ambiental, sendo a área mais preservada do município, com remanescente de Mata Atlântica (62,4%), segundo Censo 2001. O território abriga as APAs – Área de Proteção Ambiental Capivari-Mono e Bororé-Colônia (Lei nº 13.136, de 9 de junho 2001 e Lei nº 13.706, de 06 de janeiro de 2004). Sua rede hídrica contempla três bacias hidrográficas: Capivari, Guarapiranga e Billings. As duas represas fornecem água para cerca de 25% da população da Região Metropolitana (PREFEITURA, 2019).

Parelheiros costuma atrair turistas que querem conhecer um pouco da cultura indígena, passeios relacionados ao ecoturismo e até mesmo visitas em pequenos sítios de produção orgânica. Apesar de ser uma área preservada ambientalmente, como apontaram Ednaldo Cândido Rocha (2005), a intensificação dos danos ao meio-ambiente decorrentes do crescimento populacional nas grandes metrópoles e da expansão territorial do agronegócio, os processos de degradação do solo, o desmatamento e prejuízos à biodiversidade, passaram a ser mais discutidos mundialmente.

“A atual crise ambiental é parte de um

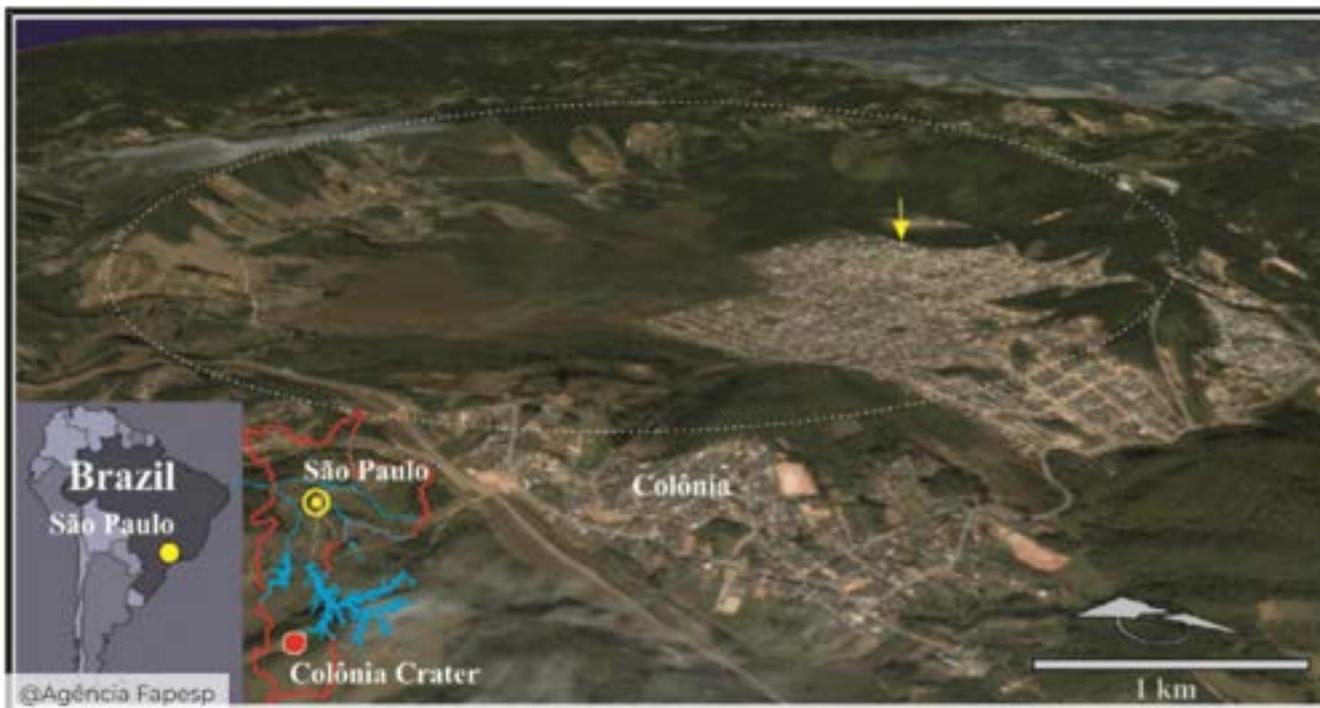


Figura 11 Mapa de localização da cratera de Parelheiros

Fonte: FAPESP



complexo mais amplo, que envolve os modelos de economia, as estruturas sociais, as relações geopolíticas, o funcionamento das instituições e o próprio processo civilizatório” (SOLÓN, 2019, p. 13). Cabe assim frisar a importância de dar voz aos grupos mais vulneráveis às alterações do clima, e ênfase a projetos que promovam a capacidade de adaptação destas populações, e a mitigação dos efeitos dos danos ambientais (FREY; GUTBERLET, 2019).

Atualmente Parelheiros possui uma população total de 149.108 habitantes segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) em 2018. A Estrada da Barragem é a principal via de acesso para o distrito em questão. Além disso, há linhas de ônibus que conectam a região ao Metrô Vila Mariana e ao Terminal Santo Amaro. No entanto, devido à área ser considerada uma Área de Proteção Ambiental (APA), a prefeitura de Parelheiros não possui autorização para pavimentar as ruas de grande parte da região, o que dificulta a expansão das linhas de ônibus para todos os bairros. (CADERNO, 2016).

A mobilidade é um dos grandes problemas dessa região, 45,8% dos residentes gastam mais de uma hora no deslocamento casa-trabalho proporção bem acima da média

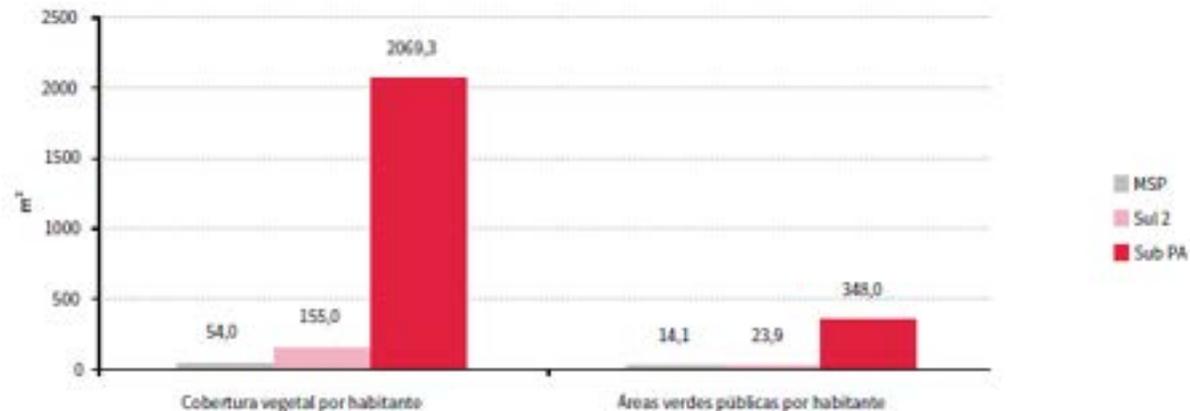


Figura 12 – Gráfico de cobertura vegetal e áreas verde por habitante em Parelheiros.

Fonte: Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente (SVMA)

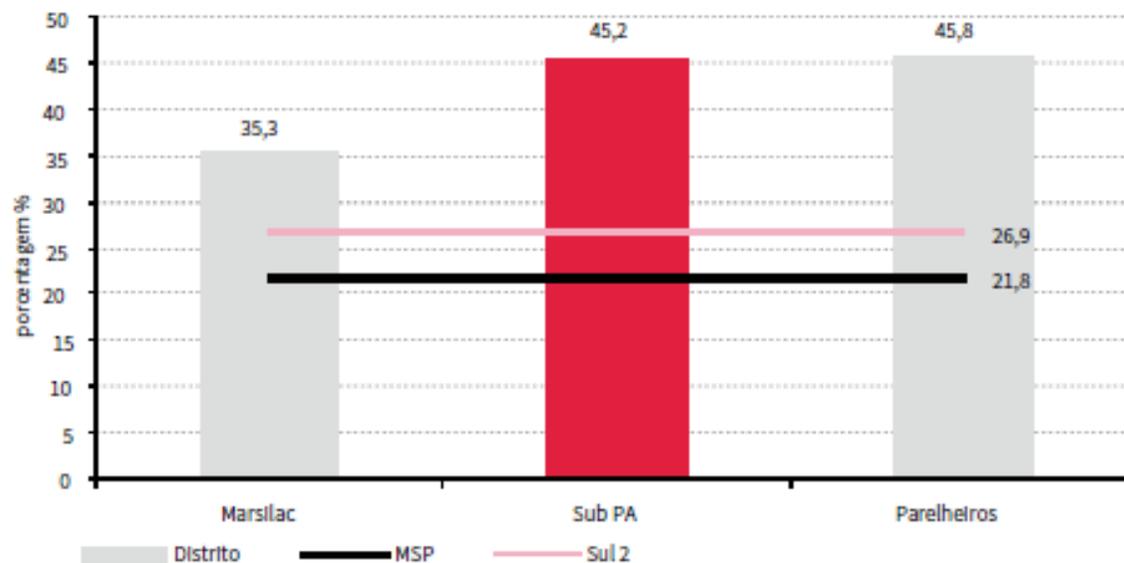


Figura 13 – Gráfico do percentual de trabalhadores que gastam mais de uma hora de deslocamento casa- trabalho

Fonte: IBGE – Censo 2020

do MSP (21,9%). Predominam na subprefeitura as viagens por modo coletivo (54,8%), e pelo modo a pé (33,2%), restando apenas 12% para o modo individual. O índice de mobilidade total é de 1,85 pontos, valor abaixo do município de 2,07 (PLANO, 2014).

Outra questão importante a ser analisada é a saúde, a área abriga o Hospital Municipal de Parelheiros que é gerenciado pela Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina (SPDM), em parceria com a Prefeitura de São Paulo. A unidade beneficia os moradores de Parelheiros, Marsilac e outros bairros da região, com uma população estimada de 2,7 milhões de pessoas. São 20 leitos de Unidades de Terapia Intensiva (UTIs), cerca de 250 leitos hospitalares, sete salas cirúrgicas e quatro salas direcionadas ao centro obstétrico. Além disso o distrito possui uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) Parelheiros e uma Unidade Básica de Saúde (UBS) Jardim São Norberto (PLANO, 2014).

Em termos de educação, segundo a Prefeitura do Estado de São Paulo, o bairro possui quatro escolas e o Centro de Educação Infantil (CEU) Professora Eneida Palma Leite. De acordo com reportagem da Folha de Parelheiros, os moradores têm apresentado diversas queixas, sendo a falta

de vagas em creches e pré-escolas uma das principais. Eles afirmam que há um número de crianças superior ao de vagas oferecidas (MORADORES, 2017).

A fim cobrir as lacunas deixadas pelo sistema foi criado a Sociedade Beneficente Equilíbrio de Interlagos (SOBEI), distribuídas nas Prefeituras Regionais Capela do Socorro e Parelheiros, atendendo cerca de 7.200 pessoas. Ela atua desenvolvendo projetos socioeducativos, culturais e esportivos para crianças, jovens e idosos na região (MORADORES, 2017).

Apesar de possuir 23,2% do território da cidade de São Paulo, Parelheiros passa quase despercebido em outro mapa, o da assistência social.

Encontra-se em déficit em alguns aspectos como economia, oferta de empregos e educação adequada para os residentes da área, atendimento de saneamento básico, além de apresentar nível de vulnerabilidade social sensivelmente acima da média do município (CADERNO, 2014, p.10).

Com uma das menores densidades demográficas dentre os distritos paulistanos

(920,24 hab./km<sup>2</sup>) em comparação com aqueles mais densos como Bela Vista, (25.806,16 hab./km<sup>2</sup>) na região central, Parelheiros concentra uma das maiores proporções da população com menos de 15 anos, cerca de 21%. Tem alta taxa de homicídios, sendo primeiro colocado como mais violento em 2017, segundo dados da Secretaria de Estado da Segurança Pública de São Paulo com os maiores percentuais de mortes não naturais, altas taxas de morte de pessoas de 0 a 14 anos e de violação dos direitos humanos (REDE NOSSA SÃO PAULO, 2018; NEV/CEPID/USP, s.d.).

As pessoas mais pobres estão sujeitas a maior risco, por habitarem regiões de infraestrutura urbana e social precária, mais suscetíveis aos efeitos das tormentas, inundações, ventanias, deslizamentos, ondas de calor ou frio, sendo menos contempladas por formas de proteção institucional (LIMA; LOEB, 2021 apud TRAVASSOS; MOMM; TORRES, 2019, p. 142).

Com 36,8% Parelheiros é o segundo pior bairro de São Paulo com acesso a rede de esgoto, a região da República, melhor bairro, possui 99,9% de acesso (IBGE, 2020). Esse indicador revela as circunstâncias socioeconômicas de uma região e a ênfase



que as políticas governamentais dão ao avanço do desenvolvimento social naquela área (REDE, 2020).

A qualidade da iluminação pública tem uma conexão indireta, mas importante, com a segurança e a percepção de segurança em espaços públicos. A ausência de uma iluminação adequada pode fazer com que adultos e crianças evitem certas áreas, o que as torna menos seguras e mais ameaçadoras. (REDE, 2020). Segundo dados de 2020 da Rede Municipal de Iluminação Pública (ILUME), Parelheiros também se encontra em segundo lugar entre os bairros menos iluminados da cidade.

Esses e outros índices apenas reforçam como Parelheiros encontra-se em condição de vulnerabilidade social, índice muito superior ao do município (17%) e da Macrorregião Sul 2 (29%) (SECRETARIA, 2016).

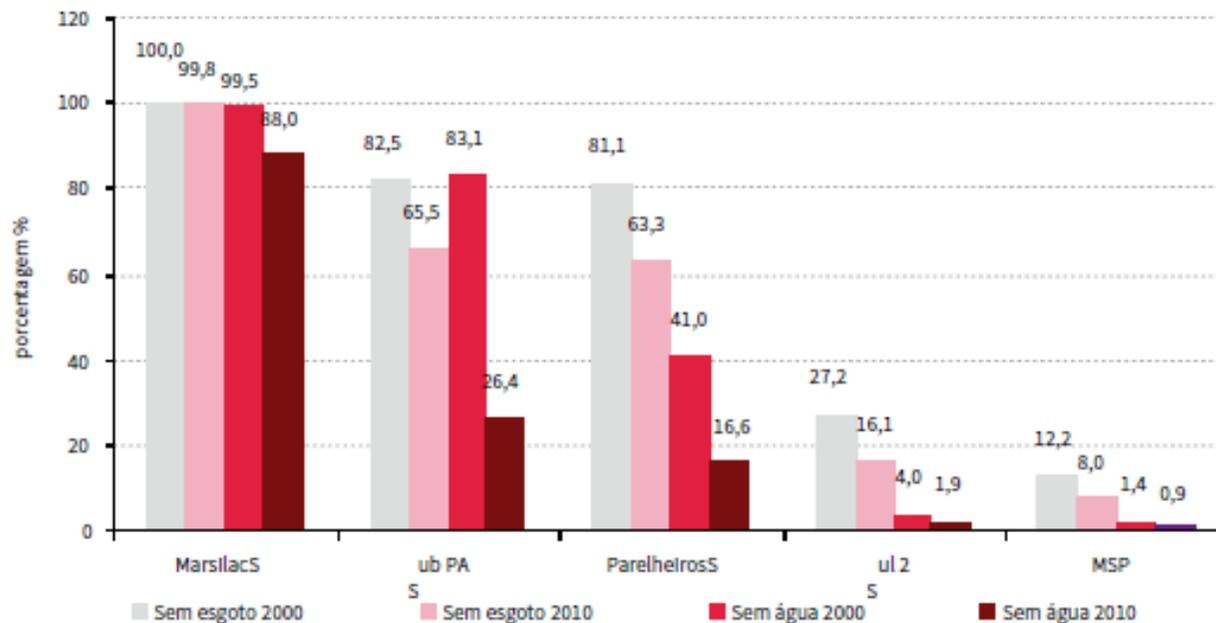


Figura 14 :Proporção de domicílios não conectados à rede geral de água e esgoto

Fonte: IBGE – Censo 2020

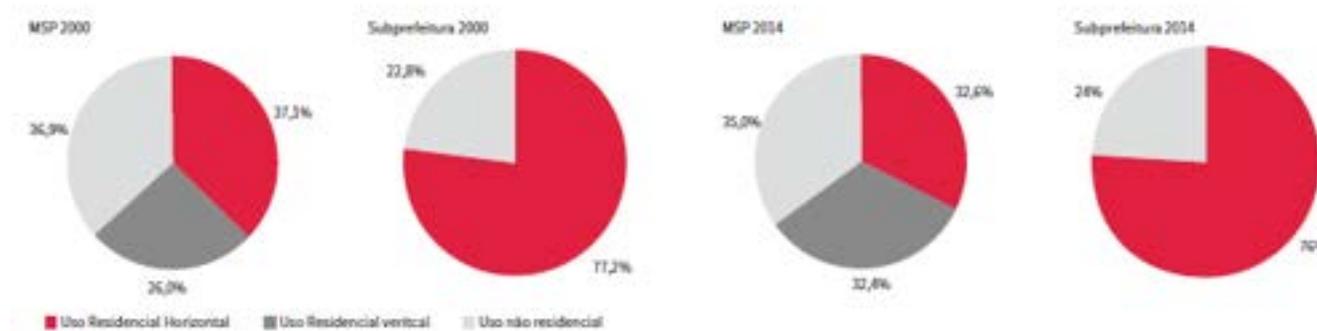


Figura 15 :Percentual de área construída do uso em relação a área construída total. Município de SP e Subprefeitura Parelheiros, 2000 e 2014

Fonte: Secretaria Municipal de Finanças e Desenvolvimento Econômico/TPCL

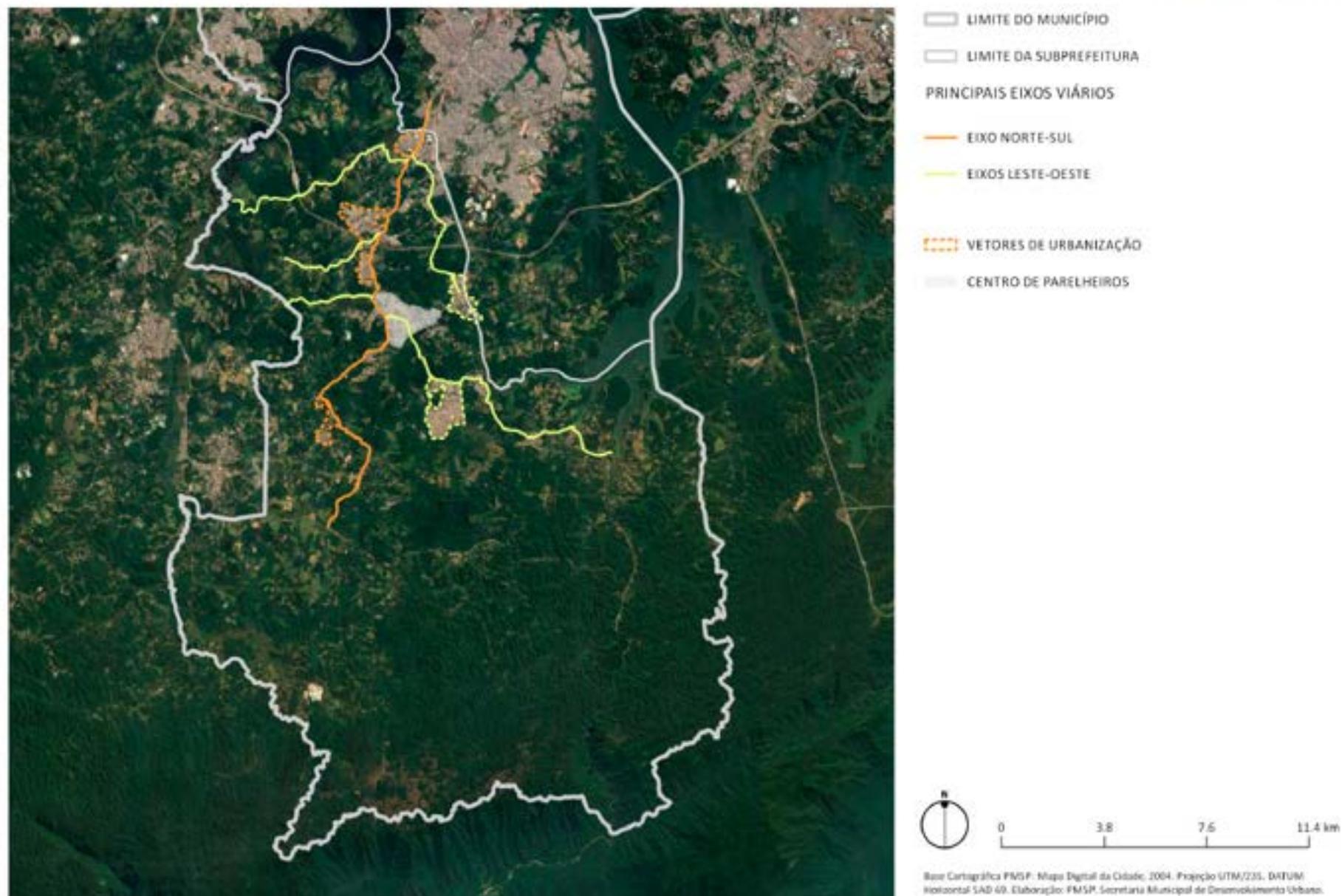


Figura 16 Eixos de transporte e vetores de urbanização em Parelheiros

Fonte: Secretaria Municipal do Desenvolvimento Urbano



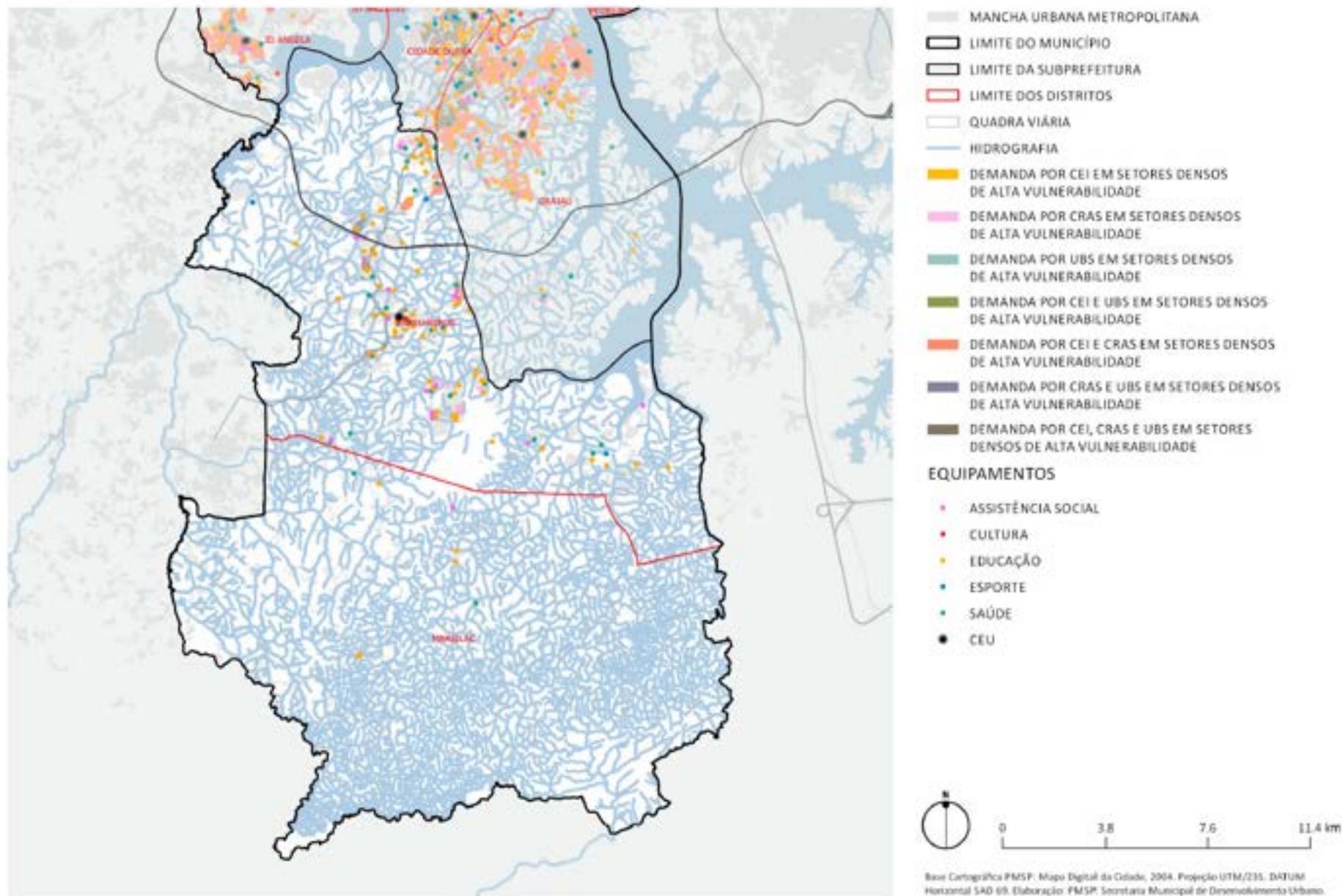


Figura 17 - Equipamentos públicos e suas demandas em Parelheiros

Fonte: Secretaria Municipal do Desenvolvimento Urbano

## 2.2. Parelheiros: território de vulnerabilidade mães e crianças

Pouco mais de 50% da população de Parelheiros é composta por mulheres (IBGE, 2010) e segundo a Secretaria Municipal de Saúde 16,53% delas tem uma gravidez precoce (19 anos), é um dos maiores índices da capital, que possui uma média de 9,23 %.

As mistificações midiáticas não deveriam ofuscar um fato simples e patente: as adolescentes negras não criam pobreza ao dar a luz. Pelo contrário, elas são mães em uma idade tão precoces justamente porque são pobres – porque não tem oportunidade de receber educação, porque para elas não existe acesso a empregos significativos e bem remunerados nem a formas criativas de lazer. Elas são mães em uma idade tão precoce porque métodos seguros e efetivos de contracepção não estão disponíveis para elas. (DAVIS, 2017, p 33).

A gravidez na adolescência pode diminuir a perspectiva educacional e futura inserção no mercado de trabalho dessas jovens mães. Apesar de uma redução no

número de adolescentes grávidas na última década, o índice ainda é considerado alto. De acordo com dados do IBGE, em 2015, 17,4% dos partos realizados em São Paulo, foram realizados em mães adolescentes, as quais, em sua maioria, têm poucos anos de escolaridade, são negras e vivem em regiões menos desenvolvidas economicamente (REDE, 2020).

Luana analisa a ausência dos pais na orientação dos jovens como um dos fatores que levam à gravidez na adolescência e conseqüentemente ao aumento da população infantil no distrito. “Os pais passam o dia todo fora de casa, esse adolescente (que fica em casa) não trabalha, começa a namorar cedo, engravidam e por aí vai. Aqui tem muita criança cuidando de outras crianças para os pais trabalharem”, afirma Luana. A jornalista atribui à distância geográfica em relação ao centro comercial e econômico da cidade como um dos fatores que geram a ausência familiar (DESIGUALDADE, 2020, n.p.).

As unidades de saúde do bairro, como dito anteriormente, são precárias e Parelheiros

se encontra no segundo pior bairro de São Paulo, perde apenas para seu bairro vizinho, Marsilac, em termos de assistência médica (SMS, IBGE, Seade, 2018). Isso resulta em um pré-natal insuficiente para a maioria das mães, o percentual de nascidos vivos cujas mães fizeram menos de sete consultas pré-natal em relação ao total de nascidos vivos é alta. As consultas médicas pré-natal são essenciais para reduzir o risco de natimortos e complicações na gravidez, além de proporcionar às mulheres uma experiência positiva da gestação (REDE, 2020).

Em 2016, a Organização Mundial de Saúde (OMS) passou a recomendar o número mínimo de oito consultas ao longo da gravidez com profissionais de saúde. Já o SUS, por meio da Portaria nº 570/2000, estabelece o mínimo de seis consultas pré-natal e uma consulta no puerpério.

Outro dado essencial para o entendimento da vulnerabilidade feminina no território, tanto em vias médicas como assistenciais, é a questão do parto cesariano. A cesariana é uma técnica crucial na área médica, com potencial para salvar a vida de mães e recém-nascidos. No entanto, no contexto brasileiro, sua realização tem sido excessiva e sem avaliação adequada dos



riscos e possíveis danos que podem afetar mulheres e bebês (REDE, 2020). O Brasil é o segundo no ranking mundial de partos cirúrgicos, com 55% - na rede privada, esse índice chega a 84% (SMS, SINASC, CEInfo, 2018). De acordo com a OMS, somente entre 10% e 15% dos nascimentos tem indicação médica de cesariana.

Todos os dados listados acima contribuem de maneira efetiva para ratificar a vulnerabilidade existente nesse grupo, sendo mães, mulheres grávidas e adolescentes. Eles geram efeitos nas áreas políticas, na vida pessoal e profissional além do aprofundando as desigualdades de gênero e territoriais.

Isso tem sido conectado a pânico morais em relação a gravidez na adolescência, com suas suposições de que as mães adolescentes irão se juntar as ditas rainhas do bem-estar social e produzir filhos pré-dispostos ao crime (KERN, 2021).

Além dos altos índices de gravidez na adolescência, Parelheiros possui a maior população infantil de São Paulo (figura 07), número este que equivale a 11,78% (IBGE; Seade, 2018). Enquanto a média de São Paulo é de 9,4 crianças de zero a seis anos a cada

100 habitantes, a Consolação tem apenas cinco, um dos menores índices. Já Parelheiros ultrapassa o dobro do distrito no centro da capital: a cada 100 moradores quase 12 são crianças (DESIGUALDADES, 2022).

Segundo Carol Guimarães, urbanista e coordenadora da ONG Rede Nossa São Paulo (RNSP) quando há um aumento na população infantil, surgem demandas específicas que

requerem mais recursos e políticas voltadas a essa faixa etária. Por exemplo, é necessário disponibilizar um número maior de vagas em creches e aumentar a presença de pediatras em unidades de saúde públicas para atender às necessidades dessas crianças.

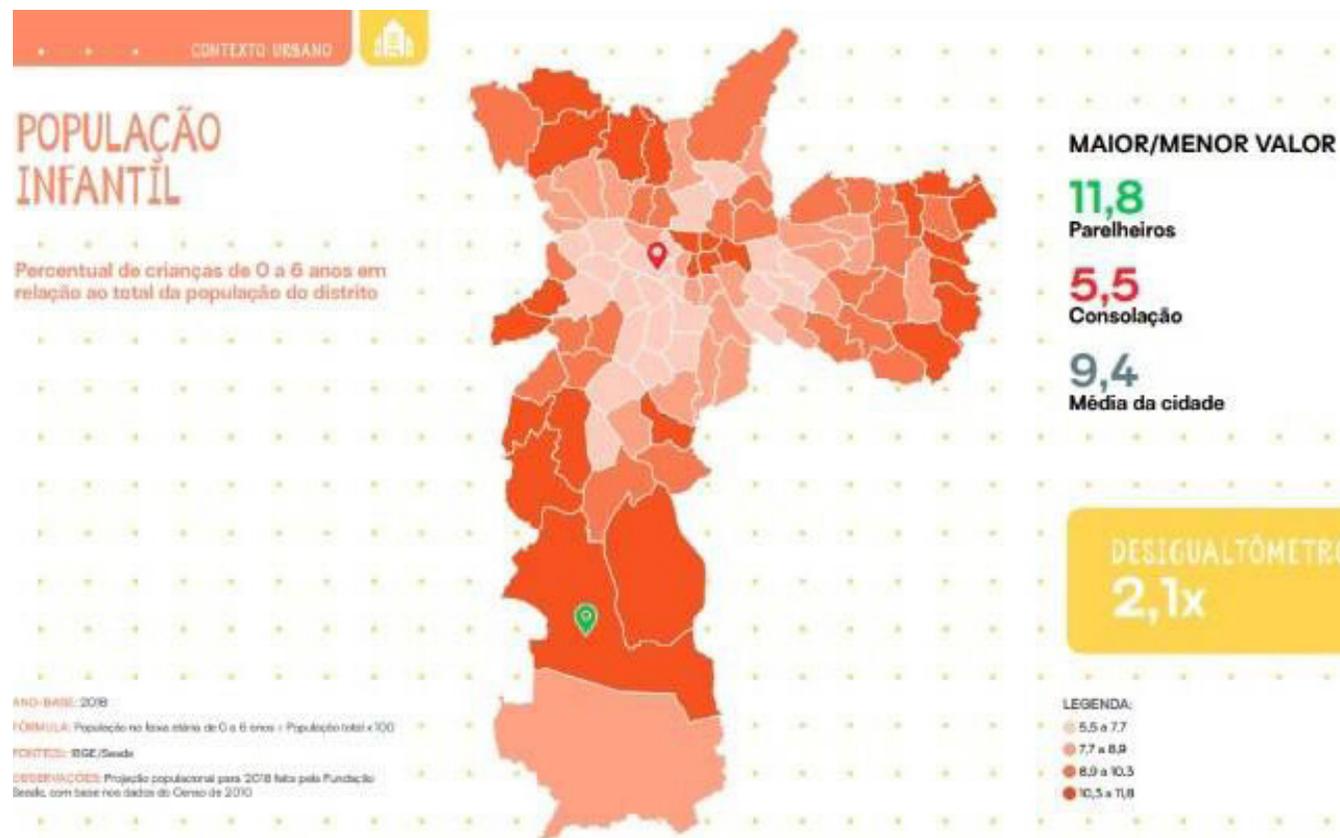


Figura 18 – Mapa mostrando a população infantil em São Paulo

Fonte: Mapa da Desigualdade da Primeira Infância, Rede Nossa de São Paulo, 2020

Contudo, o antropólogo especializado em primeira infância Gustavo Belisario, explica que há uma correlação entre pobreza e número de crianças. “Esse é um dado que se repete basicamente em todo o mundo. Os lugares de classe alta e média têm uma proporção de crianças menores do que nos lugares de classe baixa”. Ele afirma que famílias com menos crianças conseguem ter mais acesso a empregos e uma mobilidade social maior. “Você ser uma mulher com muitos filhos dificulta sua relação com a empresa”, exemplifica. Belisario afirma que o problema em si não é o número de crianças que um bairro possui, mas como a sociedade cuida dessas crianças. “Se você tem uma proporção maior de crianças na pobreza, você tem uma dificuldade maior de cuidar dessas crianças. Você tem um sistema que dificulta esse cuidado”. O antropólogo destaca que para um desenvolvimento infantil saudável é necessário apoio familiar e acesso à saúde e educação. “Políticas públicas de forma geral”, algo que ele afirma estar em escassez nas periferias. Parelheiros, no extremo sul da capital, não é uma exceção (DESIGUALDADE, 2020, n.p.).

Em uma pesquisa desenvolvida ONG Rede Nossa São Paulo, 2020 foi possível entender essas desigualdades e como elas estão presentes antes mesmo do nascimento das crianças. O percentual de filhos de mães adolescentes varia mais de 51 vezes, entre Moema (0,35%), bairro nobre da zona sul, e Parelheiros (16,53%), no extremo da zona sul. Em bairros nobres das zonas oeste e sul, os índices ficam abaixo de 1%: Perdizes (0,54%), Itaim Bibi (0,70%) e Jardim Paulista (0,74%).

Isso é reforçado na fala de Luana Nunes, jornalista, nascida em Parelheiros que deu uma entrevista para o jornal Giro Marília em 2020. O depoimento de Luana vai de encontro a pesquisa da RNSP e reforça os dados populacionais infantis. “É nítida a presença de crianças por aqui, por exemplo: eu não conheço ninguém que seja criança e filho único ao mesmo tempo” (DESIGUALDADE, 2017, n.p.).

O bairro se mostra um território vulnerável para todos os moradores e para as crianças não seria diferente. O Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) é um indicador composto que avalia fatores socioeconômicos e demográficos e classifica os setores censitários de São Paulo em seis grupos. Os grupos 4, 5, 6 e 7 apresentam os

mais altos níveis de vulnerabilidade, o que significa que são os mais desfavorecidos não apenas em termos gerais, mas também especialmente para as crianças que residem nessas áreas (REDE, 2020). O valor varia de 0 a 14 e Parelheiros está com 9,9, se enquadrando no grupo 7, dessa forma se tornando uma área de vulnerabilidade para as crianças.

Ademais, Parelheiros se encontra como mostrado no Mapa de Desigualdade da Primeira Infância, entre os cinco piores bairros de São Paulo em tempo de espera de consultas na área de pediatria. Outro indicador importante é o dos bebês que nascem abaixo do peso, segundo a Secretária Municipal de São Paulo (SMS, ano), o distrito também está listado entre os piores, com muitas crianças nascendo com menos de 2,5kg.

Esse indicador evidencia uma questão relevante de saúde pública relacionada à mortalidade neonatal e a doenças como asma e hipertensão. Estudos apontam que cerca de 15 a 20% dos bebês nascidos em todo o mundo apresentam baixo peso ao nascer (BPN). No Brasil, entre os anos de 1996 e 2011, os dados do Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC) indicam que a média de BPN nas 26 capitais dos estados



e em Brasília foi de 8,0% (REDE, 2020).

As altas taxas de mortalidade infantil são consequência de baixos níveis de saúde, desenvolvimento socioeconômico e condições precárias de vida. Em particular, percentuais elevados de óbitos neonatais estão principalmente associados a fatores relacionados à gestação e ao parto. De acordo com dados da Organização das Nações Unidas (ONU, ano), globalmente esse número diminuiu de 90 em 1990 para 43 em 2015. No Brasil, a taxa de mortalidade infantil caiu de 53,7 em 1990 para 17,7 em 2011. Porém proporção de óbitos de crianças de 0 a 1 ano, para cada mil crianças nascidas vivas, por distrito indica Parelheiros entre os 40 piores (SMS/SIM/PRO-AIM/CEInfo, 2018).

De acordo com a ONU (ano), a exposição direta ao esgoto não tratado tem efeitos extremamente prejudiciais sobre a saúde pública, as condições de vida e de trabalho, a nutrição, a educação e a produtividade econômica das pessoas. Esses efeitos são ainda mais graves para as crianças, que estão em fase de aprendizado sobre higiene e têm mais contato com o chão.

Em uma das pesquisas organizadas ONG Rede Nossa São Paulo (2020) sobre a primeira infantil foi analisado o percentual de

domicílios com banheiro de uso exclusivo dos moradores, sanitário e esgotamento sanitário onde habitem crianças de 0 a 5 anos, por distrito. O resultado da pesquisa mostra o bairro com índices duas vezes pior do que nos melhores bairros da cidade, tendo apenas 50%.

Por fim, o percentual de casos notificados de violência/abuso sexual contra crianças de 0 a 5 anos, por distrito mostra Parelheiros como o quinto pior (Seade/SINAN NET/COVISA / SMS-SP 2018). De acordo com o Mapa da Violência contra Crianças e Adolescentes no Brasil de 2012, a maioria esmagadora, 83,2%, das vítimas de violência sexual são meninas, com casos predominantemente de estupro. Além disso, a maioria dos casos é cometida por amigos ou conhecidos da família, seguido por pais e padrastos.

Uma cidade que prioriza o bem-estar das crianças é uma cidade que beneficia todos os seus habitantes. Essa cidade deve oferecer serviços de saúde de alta qualidade para mães e seus bebês, e também possibilitar que adolescentes possam continuar seus estudos mesmo em caso de uma gravidez não planejada.

### **2.3. IBEAC, CPCD e o Centro de Excelência em primeira infância**

No ano de 1981 foi criado, em São Paulo, o Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (IBEAC). É uma organização social sem fins lucrativos comprometida com a promoção dos direitos humanos e da cidadania participativa e solidária. Para alcançar esse objetivo, utilizam metodologias inclusivas e inovadoras que podem ser replicadas em outras realidades sociais. Contam com a participação ativa das equipes locais, desde a identificação dos pontos fortes e desafios das comunidades até a elaboração e execução de projetos (IBEAC, 2022).

O trabalho é focado na valorização das diferenças e na redução das desigualdades, por meio da promoção da solidariedade e da compaixão. Em vez de receitas prontas, incentivam o “fazer COM”, envolvendo todos os membros da comunidade. O IBEAC atua desde 2008 no território de Parelheiros, com atividades voltadas para a primeira infância, desde a gestação, enfatizando a importância da alimentação saudável, da literatura, do acesso a livros, da agroecologia, da agricultura familiar, da produção orgânica e do direito à comunicação (IBEAC, 2022).

O IBEAC tem como missão disseminar a cultura de direitos humanos, por meio da transformação de pessoas, comunidades e territórios, fortalecendo a cidadania participativa, criativa e solidária (MISSÃO, s.d., n.p.).

O Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD) é uma ONG fundada em 1984, em Belo Horizonte, dedicada ao aprendizado e à implementação de projetos inovadores, programas integrados e plataformas para promover a transformação social e o desenvolvimento sustentável. Inspiram as comunidades brasileiras e buscam formas de empoderamento, partindo sempre do potencial e das capacidades individuais e coletivas (ATUAÇÃO, s.d.).

Essas duas grandes instituições se juntaram no ano de 2017 para criar o Centro de Excelência em Primeira Infância (CEPI). Este projeto está presente em seis bairros de Parelheiros: Barragem, Colônia, Jardim Silveira, Nova América, São Norberto e Vargem Grande, onde residem 15 mil famílias e 50 mil habitantes.

Com o objetivo de promover um futuro melhor para a região, catorze Mães Mobilizadoras investem na excelência dos

cuidados com a primeira infância desde a gestação. Atualmente, elas são vistas como líderes em suas comunidades, referências em cuidados com gestantes, mães, bebês e crianças (figura 19). As Mães Mobilizadoras passaram por transformações individuais e coletivas, desenvolvendo habilidades como proatividade, autonomia, protagonismo e compaixão, que transbordam para além de suas casas, unidades básicas de saúde, creches, organizações sociais locais e até mesmo para a Maternidade Interlagos. Como resultado, essas mães fortalecem-se em suas práticas diárias e promovem mudanças nas famílias que acompanham,

proporcionando um ambiente mais seguro e empoderado para todos (IBEAC, 2022).

Por um lado, a formação de movimentos em que as mulheres reivindicam melhorias nas condições de vida está ligada a necessidade de superar carências (Durhan, 1984) agudizadas pela intensificação da migração, urbanização selvagem, omissão do Estado. Faltava água, faltavam esgotos, postos de saúde, transportes. Certamente os movimentos foram e (são) portadores de necessidades de consumo de bens públicos, mas a constituição do movimento implica

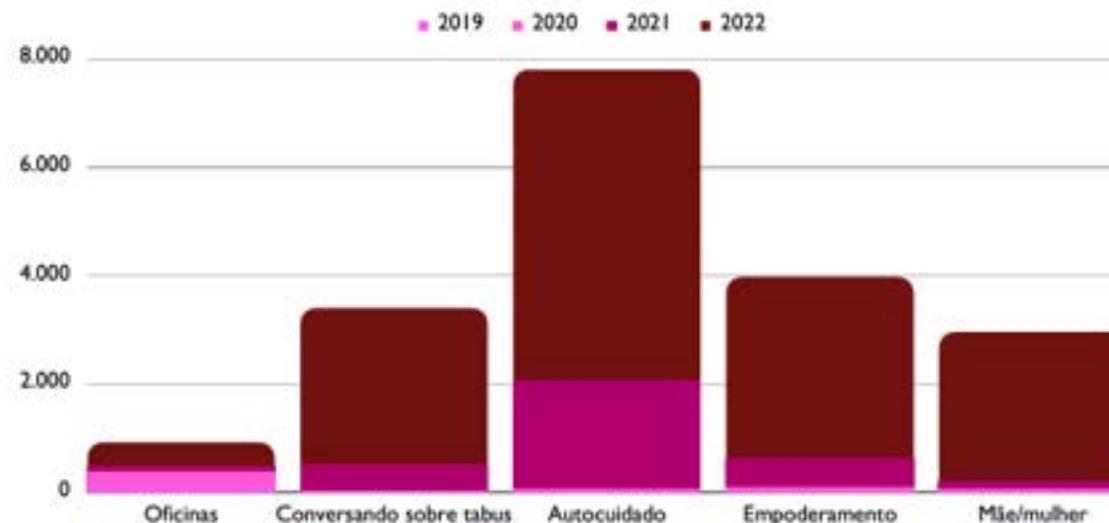


Figura 19: Dados das atividades realizadas com as mulheres nos centros de excelência

Fonte: Relatório Anual de 2022, Centro de Excelência a primeira infância, IBEAC e CPDC.



a problematização do processo mesmo de formação do coletivo, a formulação da demanda e as implicações desse momento em que, ao mesmo tempo, uma necessidade é interiorizada e se transforma em reivindicação, voltando-se para fora do indivíduo, estendendo-se como reivindicação coletiva que supõe uma solidariedade (SOUZA-LOBO, Elizabeth, 2021, p.224).

Esse projeto visa cuidar e proteger vidas, realizando a missão do IBEAC e CPCD. Desde 2019, a Casa do Meio do Caminho, que fica a duas horas de distância dos bairros onde atuam e próxima à Maternidade Interlagos, maternidade mais próxima de Parelheiros, acolhe gestantes que aguardam o nascimento de seus filhos e puérperas com bebês na UTI Neonatal. Três educadoras sociais são responsáveis por acolher essas mulheres, mantendo a casa aberta 24 horas por dia, sete dias por semana (IBEAC, 2022).

As atividades desenvolvidas pelas Mães mobilizadoras foram organizadas em diferentes áreas de atuação sendo eles: Cafuné obstétrico (figura 20), Cuidado mulher/mãe, Diversidade e inclusão, Aprendizagem para corações e mentes, Acesso à literatura

e Economia solidária. Cada um desses eixos tem como objetivo promover o cuidado integral, incentivando valores como solidariedade, convivência, respeito, diversidade (figura 21), conhecimento, ética e compaixão, além de assegurar o acesso a direitos.

Por um lado, os movimentos de mulheres nos bairros significam também a rebelião do coro, daquelas que ocupam, como na tragedia grega, o espalho subalterno e sem rosto reservado à vida cotidiana, junto com as crianças, escravos, os velhos, os mendigos, os inválidos

(Nun, 1983). As mulheres são o símbolo da vida cotidiana e dela partem para uma experiência de autorreconhecimento na igualdade e na solidariedade. (SOUZA-LOBO, Elizabeth, 2021, p.225).

Com mais de 60 mil participações em 2022 (figura 22), essas mulheres - em sua maioria negras - têm impactado positivamente as seis comunidades onde atuam, o que tem elevado o significado da causa para a equipe e para os moradores, impulsionando o desejo de ampliar as ações para além das fronteiras do território (figuras 24 e 25).

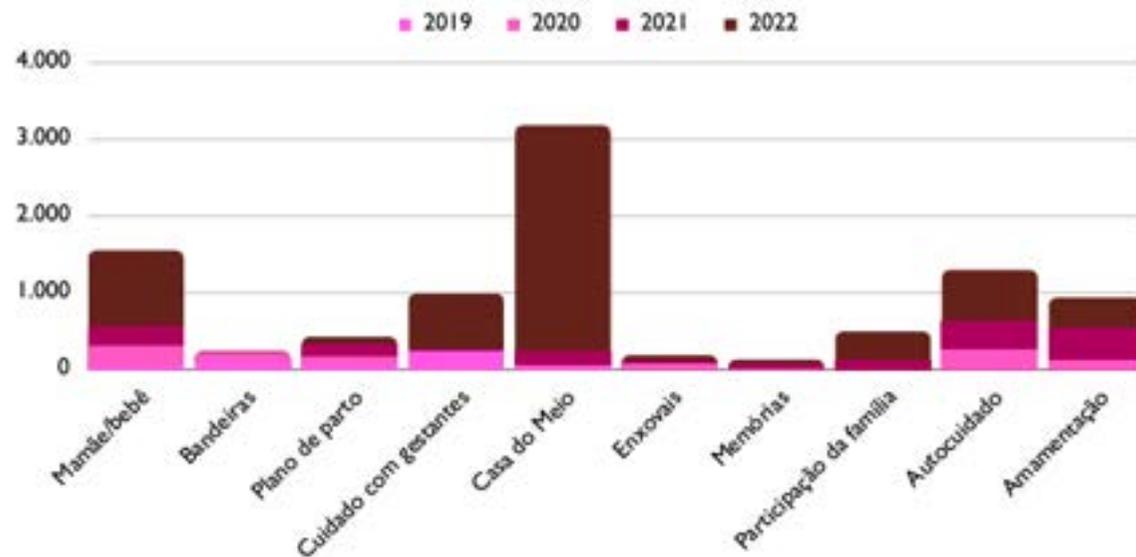


Figura 20: Atividades realizadas no cafuné obstétrico -

Fonte: Relatório Anual de 2022, Centro de Excelência a primeira infância, IBEAC e CPDC

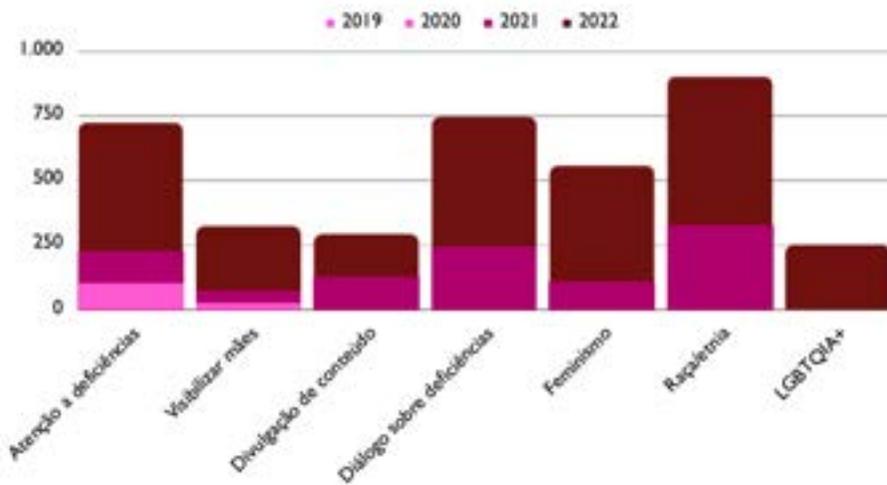


Figura 21: Pautas tratadas em todas de conversa e atividades-  
 Fonte: Relatório Anual de 2022, Centro de Excelência a primeira infância, IBEAC e CPDC.

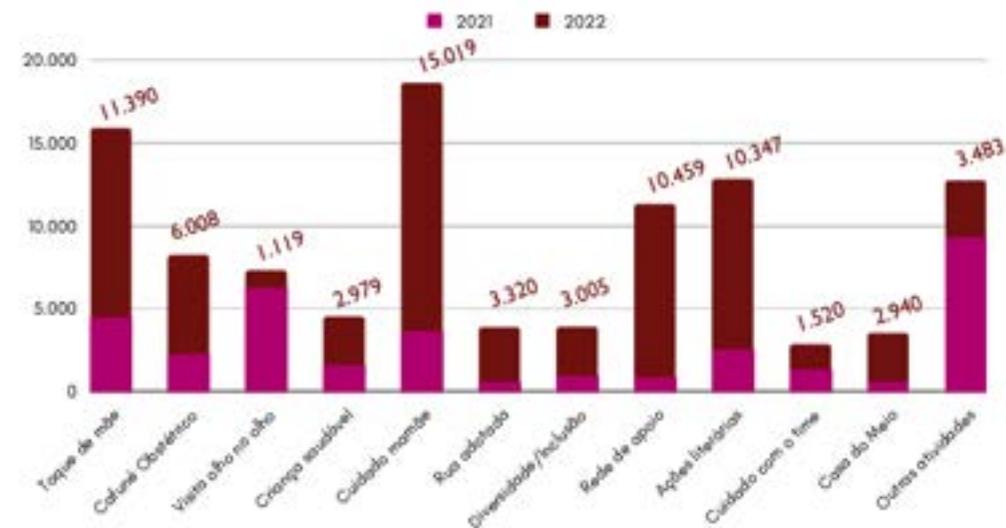


Figura 23 –Número de pessoas acompanhadas nos anos de 2021 e 2021  
 Fonte: Relatório Anual de 2021, O IBEAC e nossas ações em Paraleiros.

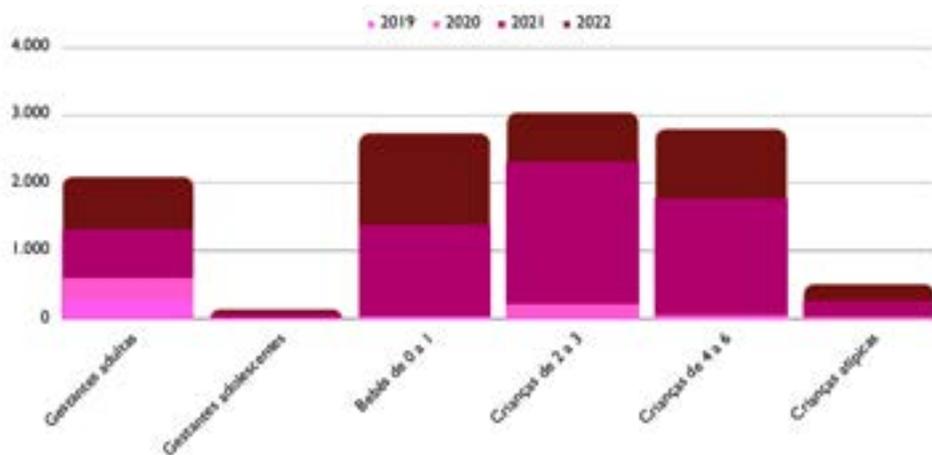


Figura 22: Público-alvo do centro de excelência ao longo dos anos -  
 Fonte: Relatório Anual de 2022, Centro de Excelência a primeira infância, IBEAC e CPDC

Relatório diário enviado pelo time CEPI, análise anual - 2018-2022

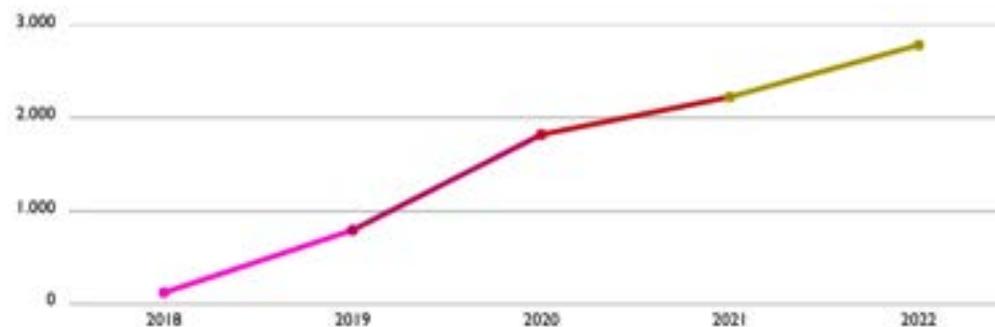


Figura 24: Gráfico de crescimento anual do Centro de Excelência a primeira infância,-  
 Fonte: Relatório Anual de 2022, Centro de Excelência a primeira infância, IBEAC e CPDC.

Esse projeto foi reconhecido mundialmente e, desde 2019, vem ganhando inúmeros prêmios, tais como: em 2019, Prêmio Estímulo ao Aleitamento Materno SMS/SP; em 2020, Prêmio Autocuidado: escutando as vozes da quebrada; em 2021, Selo Municipal de Direitos Humanos e Diversidade - Infância e Adolescência; e, em 2022, Selo Municipal de Direitos Humanos e Diversidade - Transversalidades (IBEAC, 2022).

Segundo Relatório Anual de 2022 do Centro de Excelência a primeira infância, realizado pelo IBEAC e CPD, conta com mais de trinta e oito parceiros que ajudam a desenvolver e a custear o projeto, entre eles temos universidades, farmacêuticas, bancos e instituições de saúde (figura 25).



Figura 25 : Parceiros do Centro de Excelência a primeira infância -

Fonte: Relatório Anual de 2022, Centro de Excelência a primeira infância, IBEAC e CPDC.

## 2.4. Interlagos: como chegar?

Parelheiros não possui uma maternidade, apenas uma ala dentro do hospital, recém-inaugurada, mas que não supre as demandas necessárias. Dessa forma, a maternidade mais próxima para essas mulheres é a de Interlagos.

O Hospital Maternidade Interlagos (HMI), foi criado em 1954 pela Associação Espírita Recanto de Interlagos como pequeno Hospital Geral para atender a comunidade carente do bairro. O HMI é a única maternidade existente na região da Subprefeitura de Capela do Socorro composta de 40 leitos de alojamento conjunto, 28 leitos de berçário patológico, sendo 10 leitos de UTI Neonatal, 04 leitos de UTI adulto (este é o único hospital público estadual a oferecer assistência exclusiva em UTI para gestantes e puérperas), 06 leitos de semi-intensiva, 03 leitos de isolamento adulto e 03 leitos para atendimento do Programa Mãe Canguru. Possui Também Farmácia, Banco de Leite Humano, Serviço de Radiologia e Ultrassonografia, Laboratório Clínico, Agência Transfusional e Ambulatório (MATERNIDADE, 2016).

Segundo relatório enviado pela maternidade em 22 de junho de 2020, para a Secretária de Saúde do Estado de

São Paulo, o posto de coleta dedicado ao Amparo Maternal, tem a responsabilidade de processar uma média de 47 litros de leite por mês. Esse leite é essencial para a nutrição completa de 31 recém-nascidos que estão sendo cuidados na unidade neonatal - uma vitória importante para a comunidade e para o bem-estar das mães e dos bebês.

Desde 2001, têm o título de Hospital Amigo da Criança, o que significa que seguem práticas rigorosas para promover o aleitamento materno bem-sucedido. É também, Hospital Amigo da Mulher, garantindo que as mães recebam o melhor cuidado possível durante a gestação e o parto. Além disso, desde

2019, fazem parte de um grupo seletivo de sete Maternidades Apoiadoras<sup>1</sup>, criadas pelo Núcleo de Humanização da Secretaria de Estado da Saúde. Esse apoio é fundamental para manter e melhorar continuamente o cuidado prestado a mães e bebês.

Além de realizar os partos e internações, caso necessário, a Maternidade de Interlagos também possui um ambulatório a poucas quadras de distância da maternidade. O ambulatório (figura 26) que hoje compõe a estrutura de serviços desta Maternidade, realiza consultas de pré-natal, exames e faz todo o acompanhamento da mulher gestante. (MATERNIDADE, 2020).



Figura 26 : Ambulatório da Maternidade de Interlagos

Fonte: <https://www.maternidadeinterlagos.com.br/c%C3%B3piaambul%C3%B3rio>



Essa rede está localizada cerca de 13 km do centro de Parelheiros (figura 27), com percursos de ônibus que variam entre 1,5 hora até duas horas, dependendo do bairro em que a mãe sair para o deslocamento, essa média de horas vai desde o tempo do percurso como espera do ônibus e deslocamento a pé.

Para mulheres grávidas, principalmente nos últimos meses de gestação, esse percurso é desgastante. Em casos de rompimento de bolsa, contrações de treinamento ou até contrações para o parto todo esse tempo de percurso se torna irracional, visto que poderá ocorrer em qualquer momento do dia, inclusive de madrugada quando não há transporte. É importante reforçar que predominam na subprefeitura as viagens por modo coletivo (54,8%), e pelo modo a pé (33,2%), restando apenas 12% para o modo individual (PLANO, 2014).

<sup>1</sup>Maternidades Apoiadoras é um projeto do Núcleo Técnico de Humanização da SES, que estimula a cooperação e compartilha o diálogo, o saber e as experiências exitosas entre as maternidades do Estado de São Paulo, fortalecendo e qualificando a gestão, valorizando o trabalhador e multiplicando o conceito e a prática da humanização, transformando o cuidado no ciclo de vida que envolve a gravidez, o parto e o puerpério.

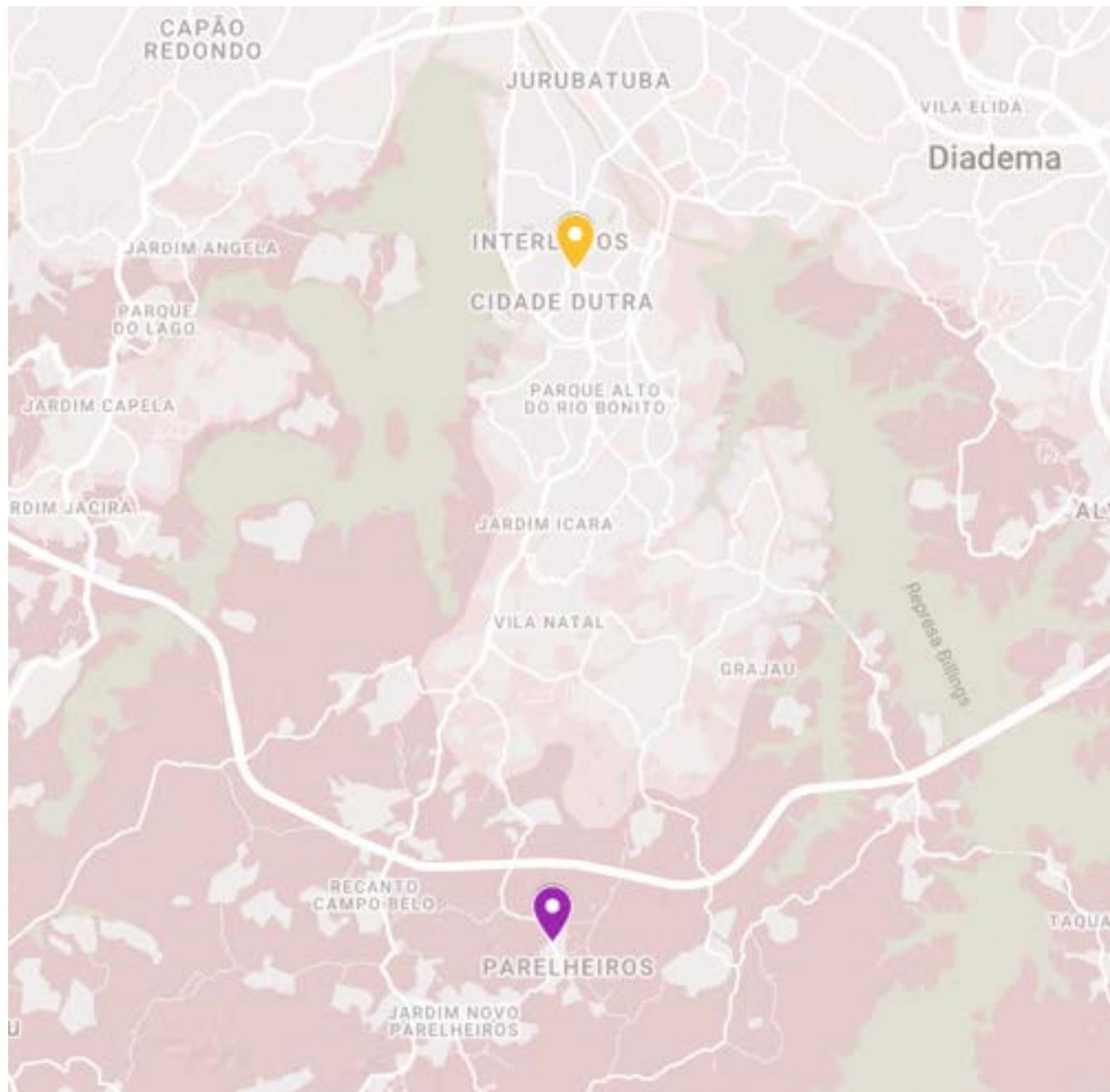


Figura 27- Mapa de distância entre Parelheiros e a Maternidade

Fonte: Mapa autoral

Devido a essa falta de assistência médica presente no território de Parelheiros e a migração de mulheres para a Interlagos foi desenvolvido o projeto da Casa do Meio do Caminho (figura 28) pelo IBEAC e CPDC.

Compondo o Centro de Excelência de Primeira Infância, a Casa é um ambiente dedicado ao acolhimento e cuidado, com o objetivo de apoiar, respeitar e garantir que as gestantes, mães no pós-parto, bebês e acompanhantes se sintam valorizados e conectados com sua humanidade. Além disso, possui equipe altamente qualificada, composta pelas Mães Mobilizadoras, enfermeiros e médicos voluntários. A Casa, portanto, é gerenciada de maneira a fornecer todo o suporte necessário durante os momentos críticos que envolvem a gestação, o parto e o pós-parto.

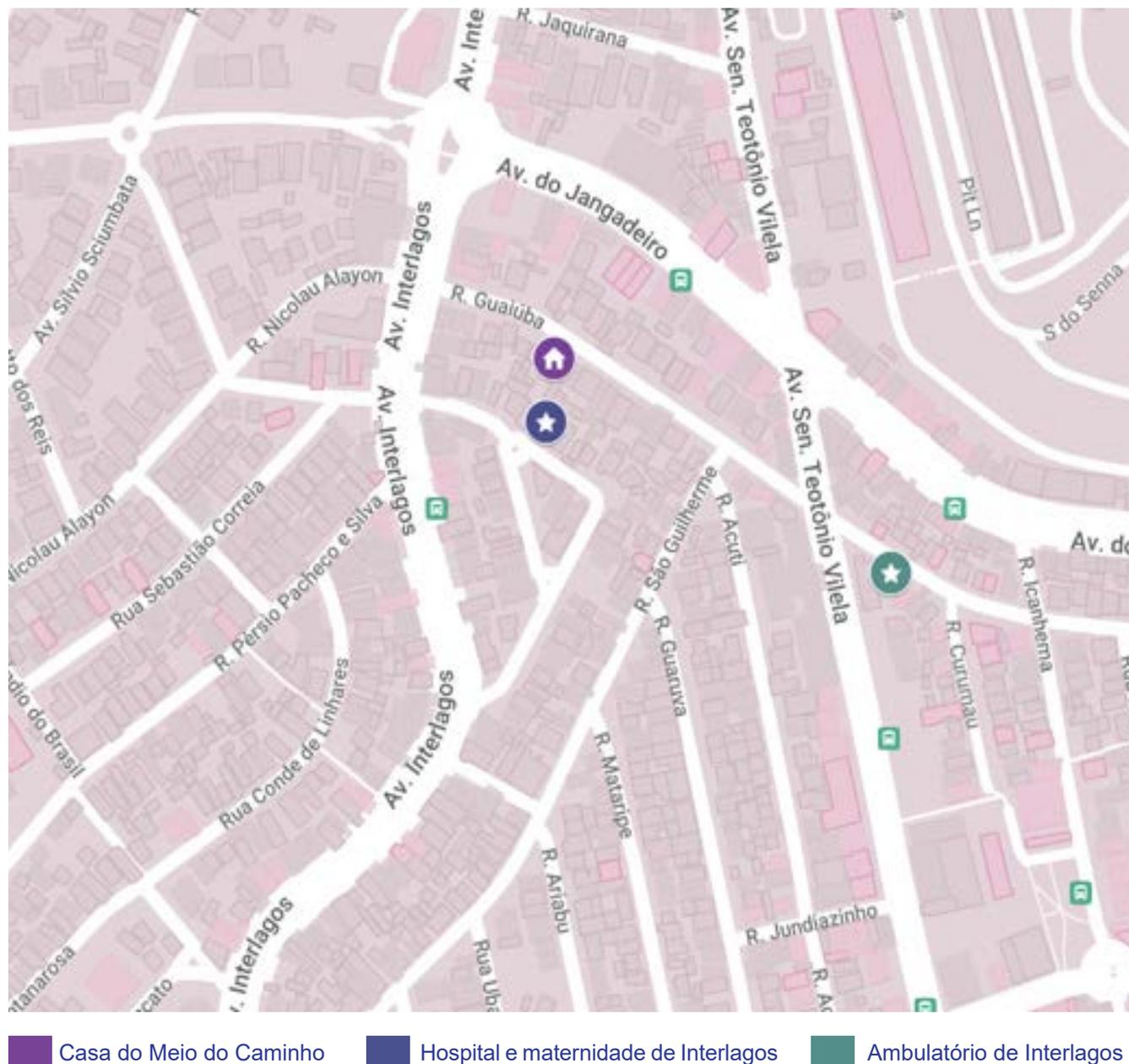


Figura 28 - Mapa da localização da Casa do Meio do Caminho em relação com a Maternidade e o Ambulatório.

Fonte: Mapa autoral



3



AS CASAS

### 3.1. As Mães Mobilizadoras de Parelheiros:

As Mães Mobilizadoras são um grupo de mulheres que vivem em Parelheiros, extremo Sul da cidade de São Paulo. Elas realizam diversas atividades na comunidade, em especial com mulheres grávidas, puérperas e com crianças até quatro anos. Entre suas tarefas estão mediações de leitura, visitas presenciais nas casas das mulheres (conhecidas como “olho a olho”) e uma série de práticas chamadas de cafunés obstétricos. Dessa forma, elas acompanham as futuras e jovens mães, abordando temas importantes: alimentação saudável, amamentação, entre outros assuntos. Além disso esse grupo de mulheres, com apoio da comunidade introduz e cria novas perspectivas e oportunidades para jovens mulheres, embeleza casas através das tintas de terra e ajuda na mobilidade do bairro organizando saídas em grupo para o centro e até mesmo grupos para que as mulheres não andem sozinhas pelas ruas, principalmente durante a noite.

Esse grupo é composto, atualmente, por treze mulheres que são divididas em: massoterapeutas - fazem ações como massagens pré-parto e pós-parto, escalda pé e acolhimentos; doulas - preparadas

para auxiliar em partos, fazer partos, realizar acompanhamentos de pré-natal e em partos humanizados; consultoras de amamentação que atendem nos bairros, nos centros de excelência de primeira infância, além de auxiliarem pré e pós parto. Todas essas mulheres passaram pelos cursos de formação em suas devidas áreas que foram fornecidos e financiados pelo Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário Queiroz Filho (IBEAC) e Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD).

A memória das mulheres que começaram os clubes de mães mostra em que medida possibilidade de discutir sua vida e seus problemas contribui para uma ideia de igualdade, de comunidade (SOUZA- LOBO, Elizabeth, 2021, p.226).

Divididas em duplas ou trios e atuando em seis bairros de Parelheiros essas mães têm como função principal ser os olhos da comunidade, por fazerem parte dela, possuem maior confiança e credibilidade entre as mulheres para relatarem problemas e aceitar ajuda. As mulheres que aceitam ser apadrinhadas pelo grupo participam de um grupo de WhatsApp com atendimento 24

horas. Essas 13 mulheres dedicam sua vida para cuidar uma das outras, de seus filhos, se tornam uma grande família e uma rede de apoio muito forte, o laço criado a partir do senso de comunidade que simboliza a persistência, amor, luta, garra e também a força feminina à frente desta Associação.

Mas não só as que estudam ou trabalham fora são confrontadas com vivas experiências. Também são espaços públicos os clubes de mães, as associações, as comunidades de base onde as mulheres transitam para a vida pública, se informam e se transformam. A nova identidade das mulheres surge de experiências em que se descobrem como cidadãs e pessoas, elas que eram objeto sexual e doméstico (SOUZA- LOBO, Elizabeth, 2021, p.252).

Para realizar as atividades com as mães da comunidade foram desenvolvidos alguns itens que funcionam como facilitadores, o primeiro deles é a flor de mãe: uma prancheta desenvolvida junto com voluntários para auxiliar as recém mães em relação as mamadas. A prancheta (figura 29) possui uma flor com 8 pétalas, número mínimo recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS)

de mamadas por dia. Dessa forma, a cada mamada do dia a mãe abaixa uma pétala. Logo abaixo foi criado um calendário para escrever relatos sobre as mamadas, adicionar retornos aos médicos e consultas.

O segundo item desenvolvido foram bandeiras (figura 30), a ideia é que elas sejam distribuídas para todas as mães acolhidas e para isso existem duas estampas, para aquelas que estão grávidas e para aquelas que acabaram de ter seus filhos dessa forma, a comunidade fica ciente da condição da mulher que está dentro da casa, além de criar segurança e divulgar o projeto do centro de excelência.

Uma questão muito importante para essas mulheres é o empoderamento feminino, muitas vezes perdido ou nunca conquistado durante a gravidez, principalmente em jovens mães. Com a finalidade de aumentar a autoestima, autocuidado, feminilidade e segurança com o próprio corpo é realizado um ensaio de gestante (figura 31), que depois é revelado e entregue a mãe. Isso também tem funcionado como um chafariz para o centro de excelência. Para finalizar foi desenvolvido especialmente para as consultorias de amamentação, seios de crochê (figura 32) para ensinar a “pega” e as melhores posições durante o aleitamento.



Figura 29 – Flor de mãe (Acervo pessoal)



Figura 31 – Fotografias (Acervo pessoal)



Figura 30 - Bandeiras (Acervo Pessoal)



Figura 32- Itens reunidos (Acervo Pessoal)

### 3.2. As casas:

Criado em 2017 pelo IBEAC (Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário) e pelo CPCD (Centro popular de cultura e desenvolvimento), o centro de excelência em primeira infância localizado em Parelheiros, distrito no extremo sul da cidade de São Paulo, possui o maior índice de gravidez precoce (19 anos ou menos): 17,06% (a média da cidade é de 9,43%), segundo a Secretaria Municipal de Saúde, o centro de excelência em primeira infância não é um espaço físico, mas uma causa: transformar parelheiros no melhor lugar para se nascer e viver. Atuando em seis bairros de Parelheiros (Barragem, Colônia, Jardim Silveira, Nova América, São Norberto e Vargem Grande) busca-se a excelência no cuidado da primeira infância desde a barriga como um direito. As mães mobilizadoras, time formado por mães residentes dos bairros de atuação do projeto, mobilizam solidariedades, afetos, cuidados e compromissos.

A Casas de histórias, os Territórios Abraçados, Bibliotecas, Ruas Adotadas, Hortas Comunitárias, Maternidade, Casa do Meio do Caminho, Cozinha de Alimentação Saudável, entre outros, buscam provocar a empatia e vínculos entre gestantes, mães e cuidadores com seus bebês e crianças pequenas.

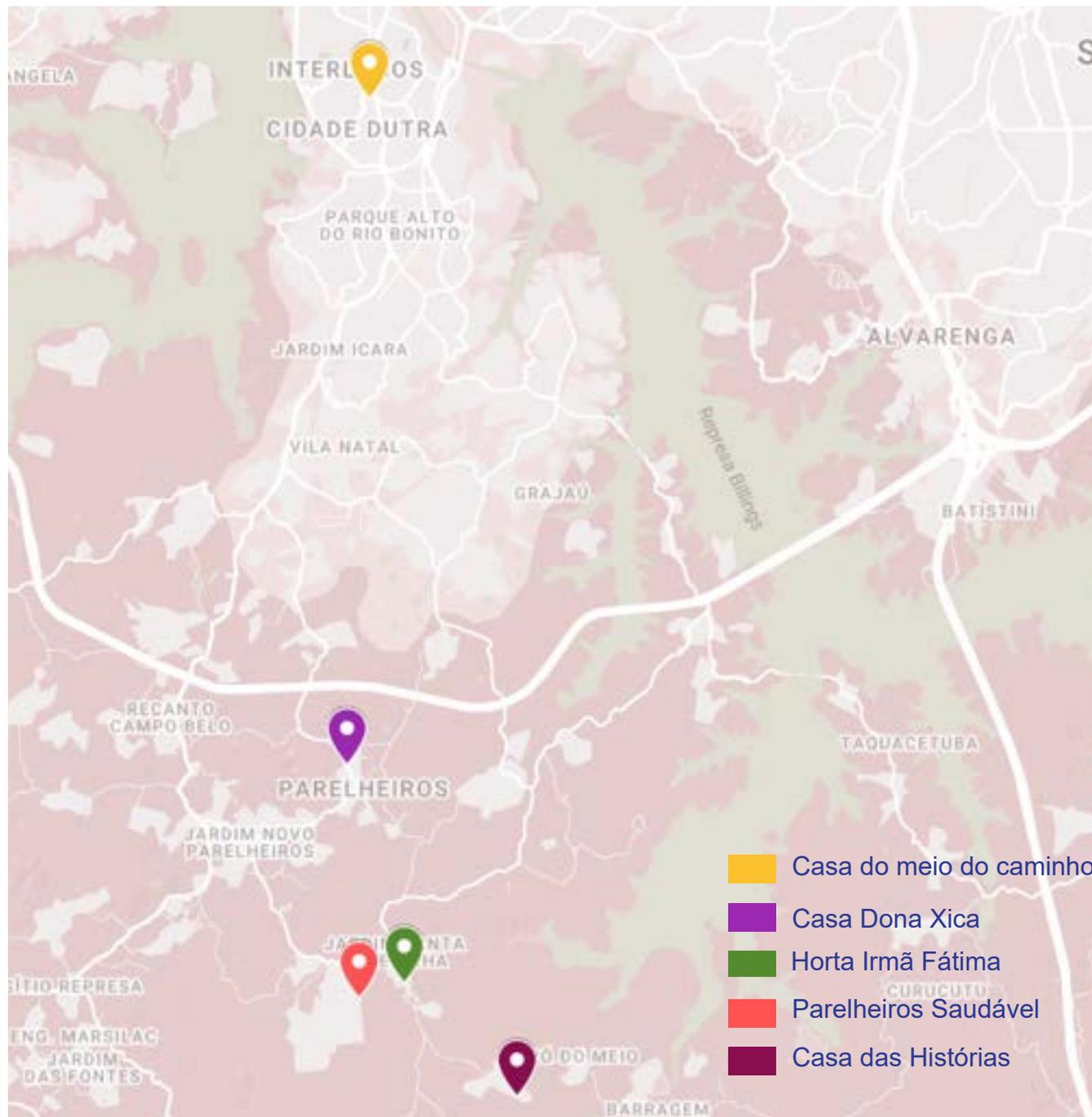


Figura 33 - Mapa de localização das casas  
Fonte: autoral

## Casa das histórias:

Localizada no bairro de Nova América, em Parelheiros a Casa das Histórias é um dos locais em que as Mães Mobilizadoras atuam pelo território. Nela ocorrem atividades de autocuidado, mediação de leitura e a oficina de cafuné . A “casinha”, como é carinhosamente chamada pelos usuários, acolhe histórias, discussões, livros e muita risada.

Dividida em três espaços principais a Casa das Histórias contam com uma biblioteca infantil (Figura 34), infanto juvenil (Figura 35) e adulta, que possui locação de livros, espaço para a leitura e discussões. Além disso, serve como um apoio no contraturno escolar, de apoio físico e emocional as mães através do seu espaço de convivência.

Com seu muro colorido e cheio de flores (Figura 36), a Casa das Histórias está localizada ao lado de uma das escolas do bairro, tendo assim um grande alcance entre as crianças principalmente no horário da saída. Por esse motivo, acabou se tornando uma parada obrigatória entre as crianças que criaram um fluxo contínuo, o qual se baseia em sair da escola, pegar um livro, ler durante o dia em casa para sua família e devolver no dia seguinte. Esse ciclo se repete todos os

dias da semana, levando a leitura para dentro de casa.

Casinha tem mais histórias para contar, histórias de crianças, jovens e mulheres que se juntam para transformar a região de Parelheiros em um lugar melhor pra se viver



Figura 34 – Biblioteca infantil (Acervo pessoal)



Figura 35– Biblioteca infanto juvenil (Acervo pessoal)

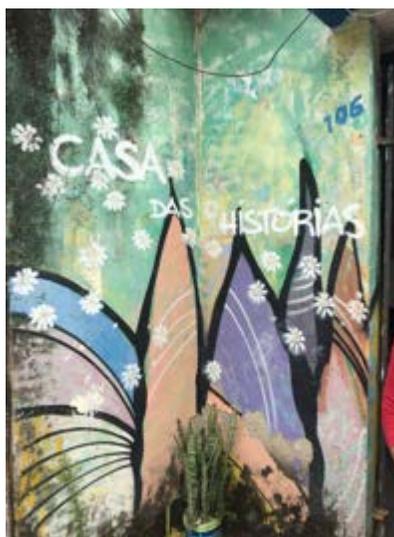


Figura 36 – fachada da casa das histórias (Acervo pessoal)



Figura 37 – Mensagens de autocuidado ao longo dos corredores da casa das histórias. (Acervo pessoal)



Parelheiros saudável e cozinha Amara:

A maior carência da população de Parelheiros está ligada à baixa renda das famílias, tendo em vista esse problema o IBEAC e o CPCD buscaram desenvolver e criar oportunidades de uma nova geração de renda, principalmente para as mulheres, visto que parte essencial de todo o projeto é o empoderamento feminino.

Dessa forma, surge a ideia do Parelheiros Saudável junto com a Cozinha Amara (Figura 38) que trabalha com alimentação saudável e produtos orgânicos acessíveis para a população local. São servidos almoços, venda de produtos de agricultura familiar e doces feitos pelas mulheres da Cozinha Amara, como por exemplo geleias e compotas de frutos locais.

O local escolhido para a implantação desse projeto é um edifício de dois andares, maior espaço que o centro de excelência de primeira infância possui. Nele as características de casa se mantem, tendo em sua entrada um grande espaço para rodas de conversa (Figura 39), prateleiras com livros e frases motivacionais. Ainda em Parelheiros Saudável podemos encontrar a biblioteca “Azul das ondas” (Figura 40), um dos maiores acervos

do projeto contendo espaço para exposições locais, computadores e poltronas de leitura (Figura 41). Uma cozinha equipada e diversos sofás completam o andar térreo.

No primeiro e último pavimento da casa temos o viveiro de mudas (Figura 43), local onde são armazenadas as tintas de terra<sup>2</sup>, mobiliários para palestras e eventos e uma grande quantidade de mudas que são distribuídas entre as hortas comunitárias. Pensando nas práticas de autocuidado há também o espaço dedicado para as atividades e roda de conversa, além de uma sala de costura para que essas mulheres possam empreender, além da cozinha.

<sup>2</sup>Tinta de terra: atividade dentro da Permacultura, que consegue obter mais de 18 tonalidades de tinta através da terra extraída da cratera presente em Vargem Grande, Parelheiros.



Figura 38 – Placa de entrada de Parelheiros saudável (Acervo pessoal)



Figura 39 – Entrada da casa com estantes de livros (Acervo pessoal)



Figura 41 – Espaço de convivência da biblioteca com as fotos do livro desenvolvidos pela comunidade em exposição (Acervo pessoal)

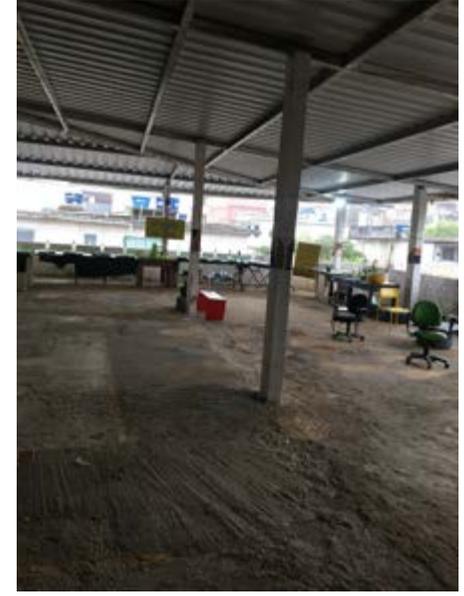


Figura 43 – Laje superior com espaço para armazenamento, oficinas de tinta de terra e viveiro de mudas (Acervo pessoal)



Figura 40 – Biblioteca azul das ondas (Acervo pessoal)



Figura 42 – Quadro realizado com tinta de terra (Acervo pessoal)



Figura 44 – Cartilha de autocuidado (Acervo pessoal)



## Horta Comunitária Irmã Fatima

Como já dito anteriormente um dos grandes problemas da população de Parelheiros é a baixa renda, que está diretamente ligada a problemas de má nutrição. Durante a pandemia a insegurança alimentar cresceu demasiadamente e se tornou um problema mundial. Em Parelheiros não foi diferente, sem a merenda da escola muitas mães se preocuparam com alimentação de seus filhos.

Uma terrível consequência da pobreza é a desnutrição, bem como a uma plethora de doenças que derivam da alimentação inadequada. A desnutrição, que pode causar anemia materna e toxemia, condição potencialmente fatal para uma mulher grávida, também está relacionada a partos prematuros e mortalidade infantil (DAVIS, 2017).

Nascido de uma vontade de programa de turismo e ampliado durante a pandemia o programa Acolhendo em Parelheiros conta com diversas hortas comunitárias espalhadas pelo território que garantem produtos orgânicos, frescos e comida na mesa da população. Produtores orgânicos da área passaram seus

conhecimentos para um grupo de moradores que veem repassando e plantando ao longo do território. Aberto ao público durante três dias da semana, todos podem pegar seu alimento e levar para a casa. Essas hortas contam com uma grande diversidade de folhas, legumes, verduras e frutas.



Figuras 45 - Horta comunitária irmã Fátima, terreno doado uma freira para a construção da horta. Todos os moradores possuem livre acesso para a retirada dos alimentos. Comunidade e agricultores realizam a manutenção e plantio. (Acervo pessoal)



Figura 46 – Espaço de plantio (Acervo pessoal)



Figura 48 – Espaço de plantio (Acervo pessoal)



Figura 50 – Espaço de plantio (Acervo pessoal)

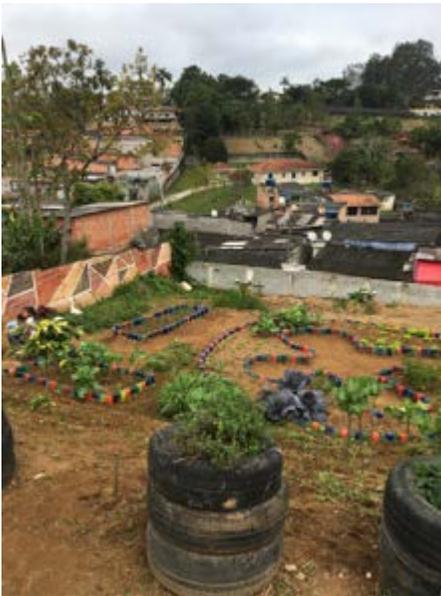


Figura 47 – Espaço de plantio (Acervo pessoal)



Figura 49 – Espaço de plantio (Acervo pessoal)



Figura 51 – Espaço de plantio (Acervo pessoal)



## Casa Dona Xica:

Localizada em Vargem Grande, a casa Dona Xica (Figuras 52) funciona como um dos centros de apoio das Mães Mobilizadoras, possuindo espaços de acolhimento, roda de conversas e sempre tendo um espaço destinado para as práticas do café obstétrico. Além disso possui uma cozinha, uma sala especial para ensaios fotográficos e uma biblioteca.

A Dona Xica possui o funcionamento bem parecido com a Casa das Histórias, porém por ser um espaço mais recente já possui uma horta comunitária (Figura 53) em seu jardim ajudando a comunidade por meio da segurança alimentar e servindo como um divulgador do trabalho das mulheres na comunidade e incentivo à leitura.



Imagem 52 – entrada do espaço Dona Xica, localizado ao norte de parreiros. (Acervo pessoal)



Imagem 54 – Logo na entrada um grande mural “amo ler” representando a potencia das bibliotecas e da leitura dentro da comunidade e principalmente nos centros de excelência de primeira infância (Acervo pessoal)



Imagem 53 – Horta coletiva na entrada da casa. (Acervo pessoal)



Figura 55 – Centro de excelência de primeira infância. (Acervo pessoal)

### 3.3 A Importância da leitura nos centros de excelência:

Não é por acaso que, em todas as casas pertencentes ao Centro de Excelência em Primeira Infância, a sala de televisão é trocada pela sala de leitura e biblioteca. Com livros de diversas áreas – de infantis a adultos – e, sobretudo sobre maternidade, esses espaços são os mais usados das casas. A ideia principal é disseminar a leitura para todos e, principalmente, para as crianças, desde a barriga, pois entende-se que a leitura traz conhecimento, informação e empoderamento – tudo aquilo que se busca por meio das casas.

Compartilhar com mães, pais e cuidadoras/es que a literatura é fundamental para que a criança pequena desenvolva sua intelectualidade é importante; mais ainda é dizer que para além de ter filhos/as inteligentes, terão filhos/as com capacidade para trilhar trajetórias diferentes, mais justas e menos desiguais que a de seus avós, pai e mãe (Bruno Souza – mediador de leitura).

Por meio da leitura é possível entender que o desenvolvimento infantil perpassa o

cuidado, a alimentação saudável, o diálogo, a cultura e a literatura. As mediações de leitura realizadas nas creches, CCAs e EMEIs, são fundamentais para esse desenvolvimento e estão tomando grandes proporções e até incentivos externos, com bolsas de pesquisas financiados pelo banco Itaú para jovens leitores.

No desejo de divulgar a importância da leitura e atingir todos os públicos, além das mediações as Mães Mobilizadoras, junto com voluntários da comunidade, desenvolveram um projeto único de catalogação de livros (Figura 56), que é comum para todo o centro de excelência. Esse trabalho foi feito para garantir o acesso a leitura a todos, visto que muitas mães pegam livros para os seus filhos, porém são analfabetas. Dessa forma, a catalogação foi feita mediante o uso de cores, cada cor representa um gênero textual (Figura 57 e 58), a mãe pergunta para uma mobilizadora, que explica o gênero de cada cor e assim é possível chegar no objeto de desejo.

Pequenas bibliotecas ou até mesmo estantes espalhadas pelos bairros, dentro de comércios, Unidades Básicas de Saúde e praças tem sido peças fundamentais para a continuação e valorização do projeto.

Até mesmo nas maternidades as leituras continuam, as mães são estimuladas a realizar quatro leituras diárias que estimula o cérebro do bebê.

Nascidos para ler no melhor lugar de se viver, é o título do livro organizado pelo IBEAC e Instituto Emília, com o apoio da Fundação Itaú para Educação e Cultura. Escrito por jovens, mães e pela comunidade de Parelheiros, o livro reúne diversos poemas, textos e dedicatórias para a nova geração. Por meio de palavras calorosas, cuidado e felicidade nos mostra como é viver em comunidade, no sentido exato dessa palavra. As fotos dos bebês, em cada página virada, representam esperança e vontade de um lugar melhor para se viver.





Figura 56 – Catalogação de livros por cor na base de todos os livros (Acervo pessoal)



Figura 58 – Legendas dos gêneros textuais por cor (Acervo pessoal)



Figura 57 – Catalogação de livros por cor na base de todos os livros (Acervo pessoal)



Figura 59 – Legendas dos gêneros textuais por cor (Acervo pessoal)

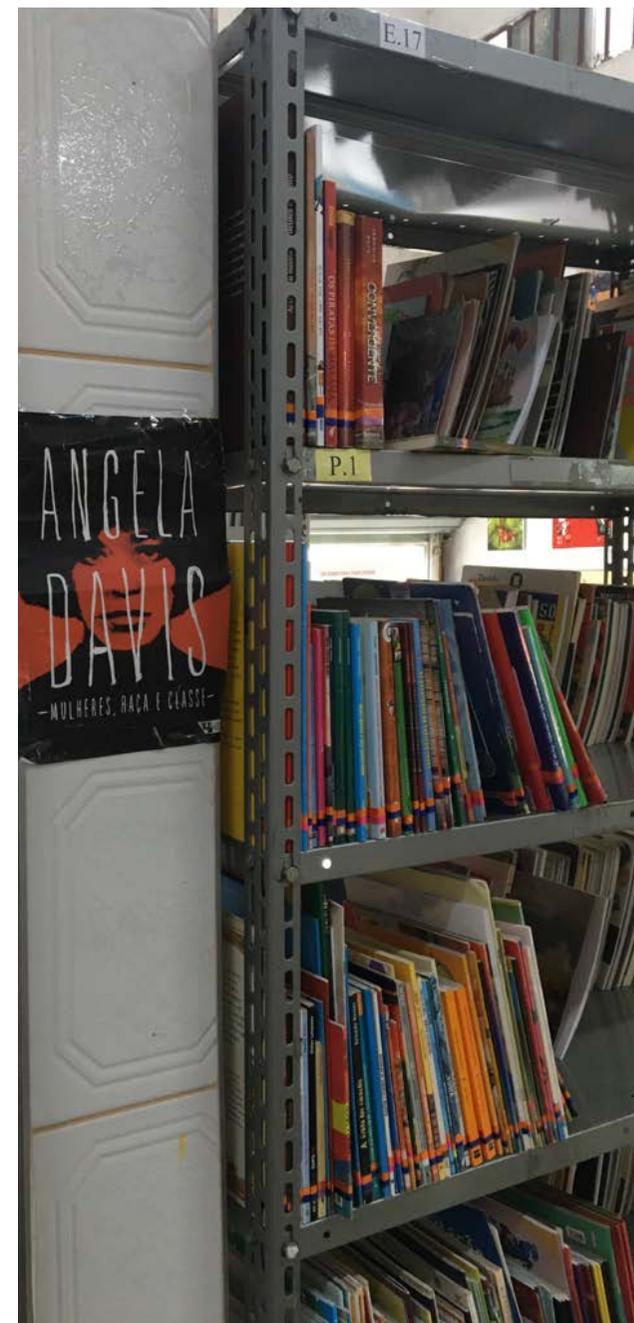


Figura 60 – Biblioteca (Acervo pessoal)



Figura 61 – Biblioteca (Acervo pessoal)



4



# REFERÊNCIAS PROJETOAIS

## 4.1 A casa do Meio do Caminho

Inaugurada em janeiro de 2019, essa casa faz parte do Centro de Excelência da Primeira Infância atuando diretamente com as mulheres grávidas e puérperas que vivem em Parelheiros. A casa surgiu com o intuito de reduzir as distâncias entre Parelheiros e a Maternidade Interlagos, a mais próxima da região.

O percurso de carro é feito em pelo menos 2 horas. Gestantes examinadas na maternidade têm alta frequentemente tarde da noite ou durante a madrugada. Sem opção de transporte, esperam nas calçadas próximas à maternidade, até que o dia amanheça e alguém venha buscá-las ou possam usar o transporte público. Quando entram em trabalho de parto no percurso de volta para casa, e até que voltem e sejam atendidas na maternidade, gestante e feto correm vários riscos, que podem resultar na morte da criança ou de ambos. Mães e seus bebês recém-nascidos quando têm alta tarde da noite ou ao longo da madrugada, muitas vezes sozinhas e sem opção de transporte, aguardam também na calçada (LIMA; LOEB, 2021, p. 8).

A casa está localizada em Interlagos, mais especificamente na rua de trás da Maternidade e entre o ambulatório, sendo um espaço de encontro, acolhimento, carinho, cuidado e respeito para gestantes e mulheres de parceiros, assim como denominado pelo IBEAC.

Algumas mulheres chegam na casa em busca de um lanche, realizado pela Cozinha Amara, que manda comidas e produtos para a casa. Outras chegam através das consultas de rotina, realizadas no ambulatório próximo dali; outras chegam na hora do trabalho de parto e ficam acolhidas até atingirem o momento de dilatação necessário; e, por fim, as mulheres puérperas que acabaram de ter seus filhos, mas que tiveram que ficar internados, dessa forma pernoitam para amamentar.

Além do boca-a-boca a casa é divulgada pelo time de Mães Mobilizadoras, que estão organizadas por todo território de Parelheiros e cumprem uma agenda de ações e compromissos. O centro também é divulgado pelas Unidades Básicas de Saúde (UBS) de Parelheiros e nas creches. Uma parceria com a Maternidade de Interlagos também traz grande visibilidade para a casa, os próprios médicos e enfermeiros relatam sobre a casa e seus serviços gratuitos. Mas

essa parceria vai além da divulgação visto que as Mães Mobilizadoras têm acesso livre à maternidade para acompanhar suas apadrinhadas, nessas visitas acontecem mediações de leitura, colo e aconchego.

A gente tem uma gestora, a ginecologista e obstetra Rita Calabrese, que apoia e incentiva essa parceria, rara na área da saúde. Por isso, trabalhamos com as nossas equipes para esclarecer que o serviço que a Casa presta não é de saúde, e sim de solidariedade, e que não somos concorrentes, somos parceiras nesse projeto de fortalecimento do cuidado materno-infantil, em que cada um entende muito bem seus limites de atuação. (Daniela Dias Chead, enfermeira do Hospital e Maternidade Interlagos, 2020)

Empoderamento, pensação, mimo, colo e cafuné, são os nomes de alguns dos cômodos (Figura 67) da Casa do Meio do Caminho. Estes nomes, dados pelas mães, trazem uma sensação de casa, pertencimento e indicam os espaços de forma eficiente para os visitantes.

Ao entrar na casa é possível ver diversas frases motivacionais e literárias escritas nas paredes (Figura 62), a biblioteca (Figura 63)

e uma boa comida. A casa fica aberta 24 horas por dia para todas as que precisem de um espaço para descanso, cuidado e troca. Tatiana, uma das Mães Mobilizadoras, é a responsável pela casa, ela vive nos fundos da edificação, junto com sua filha.

A Casa do Meio do Caminho oferece rodas de conversa e de leitura, atendimento psicológico gratuito, incentivo à leitura, empréstimos de livros, cafuné obstétrico além de comidas e lanches para as mães apadrinhadas e visitantes. A casa conta com dois quartos (Figura 65) para receber as mães que irão pernoitar. Caso a demanda seja maior são usados colchões reservas e até o sofá.

É importante ressaltar que mulheres, seus filhos e familiares são bem-vindos à casa, conforme relatou Letícia Barbosa: “Minhas filhas gêmeas, Mirella e Milenna, 4 meses, nasceram de 36 semanas. Uma delas precisou ficar internada para ganhar peso. Foi assim que conheci a Casa. Fiquei lá para poder amamentar as duas”.

Em 2019, de acordo com dados disponibilizados pelo IBEAC (2019): 1039 pessoas foram recebidas pela casa: 228 gestantes, 211 puérperas, 257 acompanhantes e 609 visitantes interessados em conhecer esse espaço.



Imagem 61– Entrada da Casa do Meio do Caminho. (Acervo pessoal)



Figura 63 – Biblioteca da casa “Pensação” (Acervo pessoal)



Figura 62 – Frases logo na entrada da casa de empoderamento e de incentivo a literatura (Acervo pessoal)



Imagem 64 – Espaço de exposição dentro da biblioteca (Acervo pessoal)



Figura 65 – Quarto usados pelos visitantes da casa (Acervo pessoal)



Figura 67 – Bandeiras com os nomes de cada um dos cômodos da casa (Acervo Pessoal)

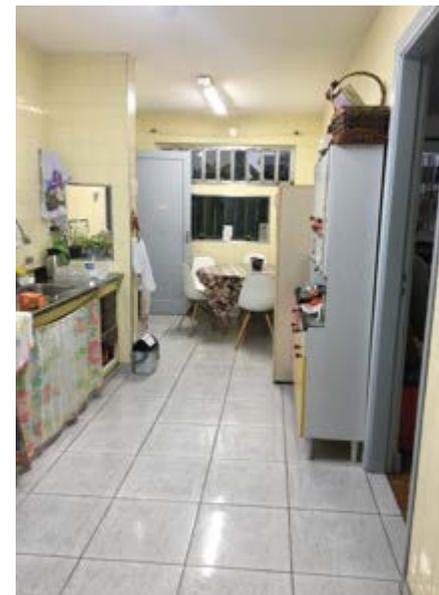


Figura 69 – Cozinha (Acervo pessoal)



Figura 66 – Quarto usados pelos visitantes da casa (Acervo pessoal)



Figura 68 – Bandeiras com os nomes de cada um dos cômodos da casa (Acervo Pessoal)



Figura 70 – Espaço de jardim (Acervo pessoal)

## **Análise arquitetônica da Casa do Meio do Caminho:**

A entrada da casa é bastante acolhedora. Do lado direito, existe um pergolado destinado para garagem, é usado como um espaço de eventos e feiras. Do lado esquerdo, tem um jardim florido, cuidado por Tatiana.

A tinta de terra, utilizada nos muros da casa, é um símbolo importante da comunidade de Parelheiros, por esse motivo está presente e gera a ideia de lar e pertencimento. Logo na entrada da edificação, em si, temos uma placa com o nome, ilustrações de mulheres e uma casinha, mostrando que ali é um lugar de abrigo e aberto a todos.

Ao entrar na casa temos uma pequena recepção, que na planta original deveria ser usada como apenas um hall, mas hoje é o lugar mais convidativo e que interliga todos os cômodos. É o elo central, o principal lugar de conversa, debate e a porta de entrada para as mulheres grávidas e puérperas. Por ser um espaço tão relevante para o funcionamento, percebe-se que esse é um local pequeno para a função que exerce, visto que com apenas um sofá não acomoda as mais de cinco mulheres que passam diariamente por ali. Além disso possui uma mesa, a qual sempre possui

lanches para os visitantes.

Como dito anteriormente, todos os cômodos da casa possuem um nome e para os quartos não seria diferente, o primeiro deles é o quarto “Mimo”. Possui apenas duas camas de solteiro e uma cortina. Sem espaço para uma acomodar malas, roupas ou outros tipos de pertences, acaba exercendo sua função, porém sem grandes espaços de respiro e circulação. Além disso como podemos ver nas fotos as camas são muito baixas, dificultando a mobilidade de grávidas a partir do sétimo mês de gestação, além de puérperas. É importante entendermos essas relações de necessidade para projetar, criar e remodelar os espaços de acordo com as necessidades mediante questões relativas à acessibilidade e a implantação. O quarto “Colo” possui exatamente a mesma disposição, com as duas camas, uma cadeira e sem espaços para acomodação dos pertences pessoais das mães e crianças.

O quarto “Cafuné”, além de ter a função de dormitório, é também um espaço multiuso, utilizado principalmente para duas finalidades: a primeira delas é o cafuné obstétrico, como é chamado pelas Mães Mobilizadoras, é neste momento e local que acontecem massagens, escalda pés e leitura, todas as atividades têm

a finalidade de tranquilizar, diminuir inchaços da gestação além de ser um momento de carinho e afeto entre as mulheres. “Ajudar, dar e apoiar” – é o lema desse local.

Em um segundo momento, esse espaço é usado para capacitação das mães, com palestras sobre segurança alimentar, nutrição na primeira infância e durante a gestação, conversas sobre amamentação e aulas práticas. Quando não há esses eventos, o espaço se torna uma espécie de almoxarifado, além de ser ocupado como parte administrativa das coordenadoras do local. Mas que, em caso de leitos cheios nos quartos, abriga mulheres.

O banheiro não foi reformado, é original da casa, assim como a maioria dos outros espaços, porém como conta Flávia, uma das coordenadoras do IBEAC, esse banheiro foi um achado, visto que ele possui um tamanho maior do que o convencional criando uma maior acessibilidade além da possibilidade de colocar um trocador para mães que chegam com outros filhos, com seus bebês prematuros ou com seus filhos para a consulta depois de alguns dias do parto. Esse é o único banheiro da casa, dessa forma atende as necessidades, porém em caso de lotação máxima o fato de se ter apenas um, transforma-se em um problema.



A cozinha é o maior cômodo da casa, apesar de ser um grande corredor atende as necessidades atuais e consegue ter uma certa infraestrutura para fazer as refeições diárias, tanto da Tatiana, Mãe Mobilizadora que mora na Casa do Meio do Caminho, quanto dos visitantes.

A falta de marcenaria adequada e móveis improvisados deixam o ambiente com um aproveitamento baixo. Com duas grandes janelas e uma porta com acesso aos fundos a ventilação funciona de forma eficiente. O fundo da casa conta com um pequeno anexo que hoje é a moradia da Tatiana, uma pequena horta, pomar e um espaço verde. O acesso aos cômodos é um pouco difícil por conta da topografia e escadas antigas.

*“Gratidão por poder fazer parte de um projeto tão importante que contribui para ajudar e empoderar as pessoas.” Tatiane Helena*



Figura 71 – Área externa Casa do Meio do Caminho (Acervo pessoal)

## Problemáticas:

Não há um espaço determinado para as mães que estão ali hospedadas, a circulação está sempre junto as áreas de convivência

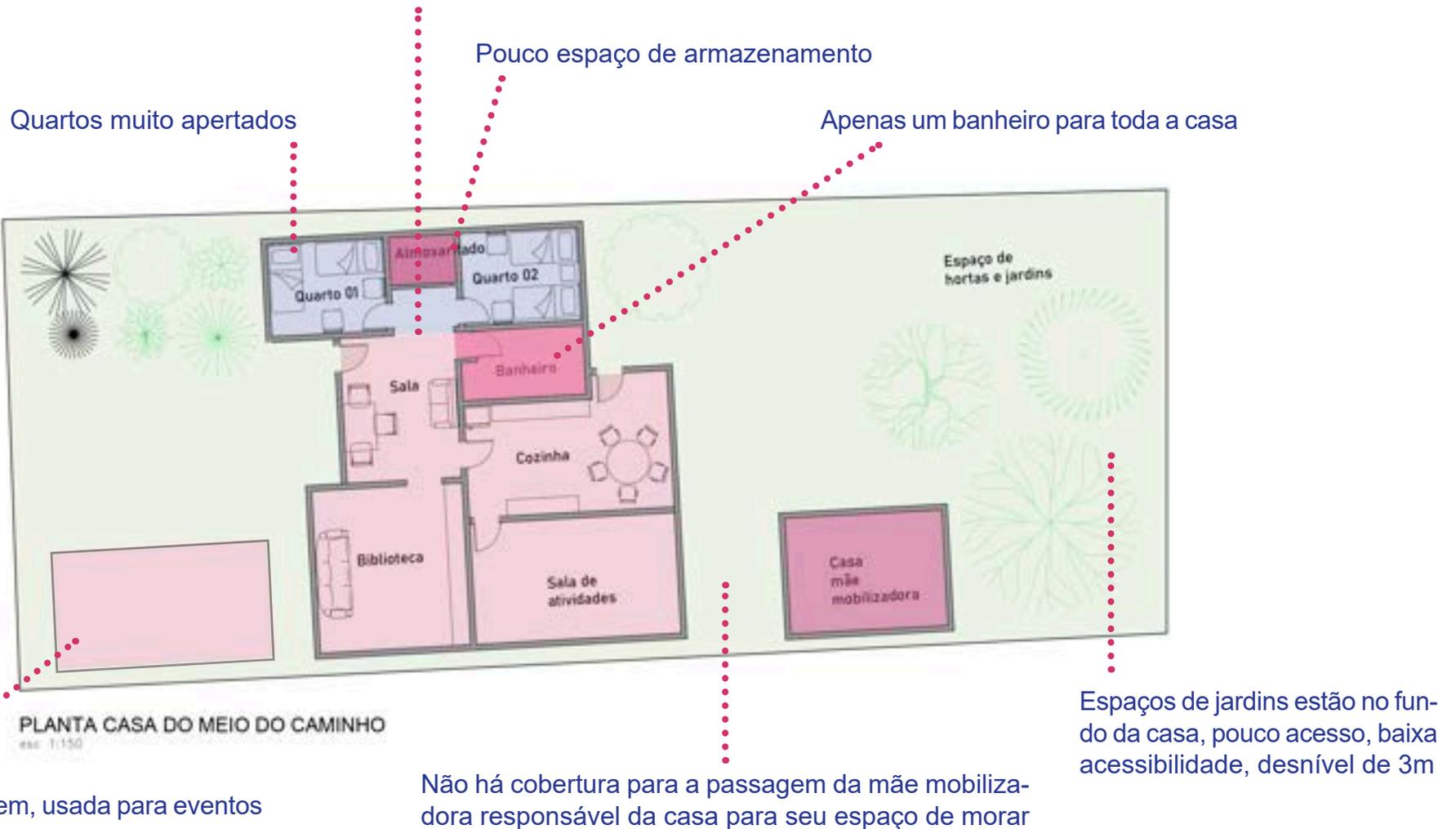


Figura 72 - Planta aproximada da atual Casa do Meio do Caminho feita de acordo com a visita e imagens ( Desenvoldida pelo autor)

Atual espaço de convivência    Dormitórios    Acesso mãe mobilizadora

## 4.2 Trädgårdarna

Idealizada pelos escritórios de arquitetura Marge Arkitekter em 2018, a Trädgårdarna é um lar de idosos e de bem-estar que está localizada em Örebro, Suécia. Assim como a Casa do Meio do caminho, esse projeto está em uma área predominantemente residencial e se encontra em um eixo de desenvolvimento.



Figura 73– Trädgårdarna  
Fonte: Marge Arkitekter



Figura 74 Localização do projeto  
Fonte: <http://landarkitektur.se/projekt/tradgardarna/>



Figura 75 – Imagem vista de cima  
Fonte: Marge Arkitekter

O projeto se molda a partir da relação do verde e dos pátios internos, incentivando atividades ao ar livre, estimulação e interação. A ideia principal na organização do plano é que os moradores possam usar o edifício e os terrenos da forma mais independente possível e junto a vegetação. Isso é fundamental pois, há uma redução do estresse e é uma importante fonte de recuperação, reabilitação e bem-estar para esses idosos. Os pátios, jardim de inverno e áreas comuns também satisfazem a necessidade de um ponto de encontro social para conviver com a família e amigos.

Os pátios verdes além de toda a questão do caminhar, exigia um projeto especial e que atendesse as demandas locais, como por exemplo as grandes chuvas. Dessa forma, foi projetado para resistir a uma precipitação forte sem riscos de inundação, isso ocorre devido a escolha certa de espécies, as quais são drenantes além de canteiros mais fundos que o plano térreo da edificação e do caminhar.

Ainda na planta podemos analisar que o interior encontra áreas comuns abertas com conexões de salas bem estudadas e conexões ilimitadas entre salas privadas, semiprivadas e comuns. Os moradores têm assim a oportunidade de passear sem becos sem saída

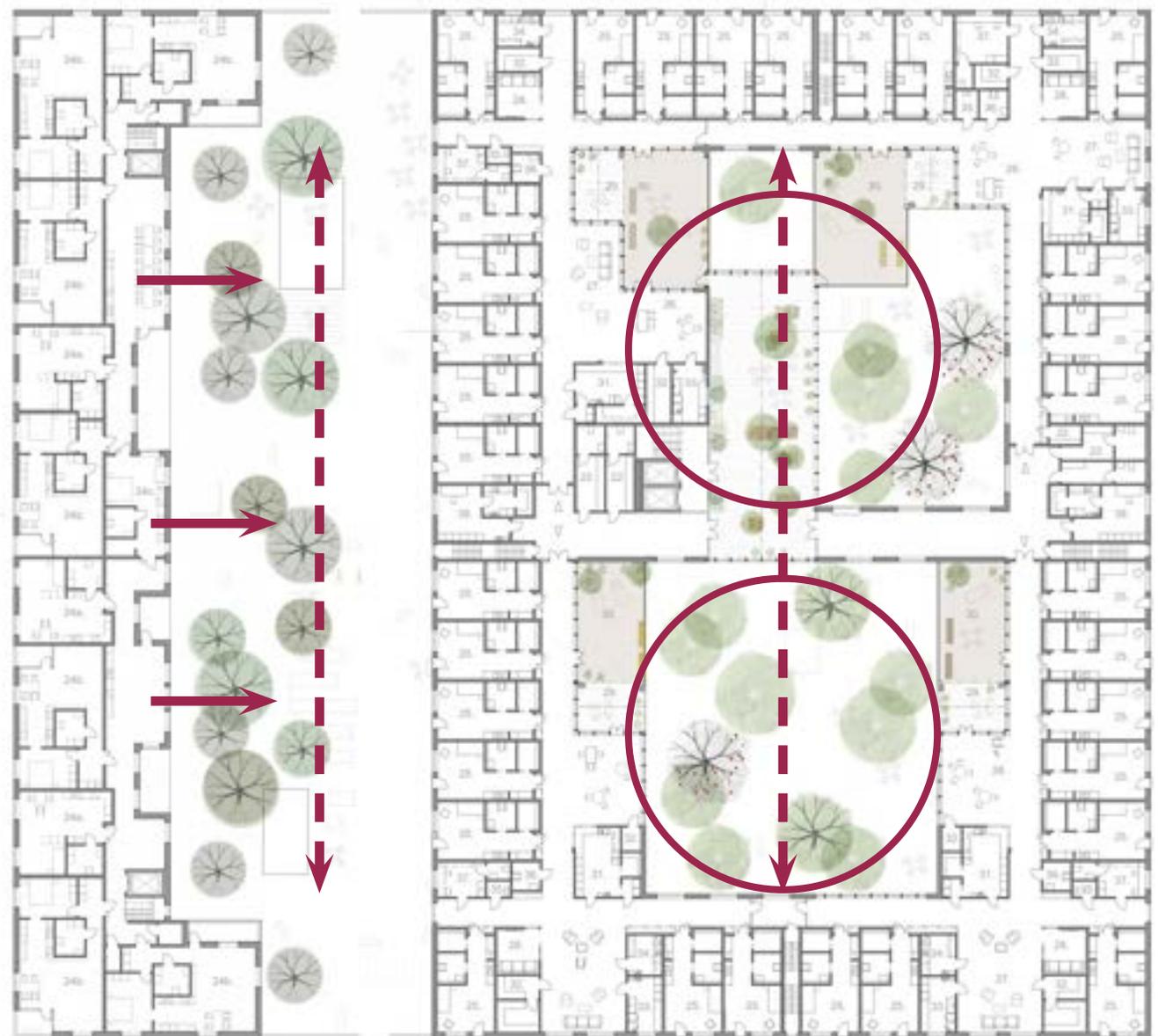


Figura 76 – Planta do térreo com indicações  
Fonte: <http://landarkitektur.se/projekt/tradgardarna/>



e circular livremente entre departamentos e áreas públicas.

O programa possui mais de um modelo de apartamento e em diversos tamanhos, que variam entre 35 a 70m<sup>2</sup>. Esses módulos são compostos por banheiros grandes e acessíveis, uma cozinha, máquina de lavar roupa, varanda. Apartamentos maiores possuem uma sala de estar integrada com a cozinha. A ideia é que os residentes vivam uma vida boa e ativa nos seus próprios termos.

Na planta do térreo podemos perceber que todas as unidades residenciais estão conectadas com o pátio, ou apenas possui uma circulação como barreira, dessa forma os moradores se sentem integrados junto ao verde criando um espaço convidativo. De acordo com os arquitetos do projeto, os pátios

-  Residencial 60 a 70m<sup>2</sup>
-  Área de convivência
-  Circulação
-  Residencial 50 a 60m<sup>2</sup>
-  Residencial 35 a 40m<sup>2</sup>
-  Áreas de pátio com convivência



Figura 77 – Planta do térreo com indicações do programa  
Fonte: <http://landarkitektur.se/projekt/tradgardarna/>

verdes são projetados para que os idosos se sintam seguros para passear.

Uma das características a qual mais se destacou no estudo do projeto foi o fator da personalização e acessibilidade. De acordo com Marge Arkitekter, escritório que realizou o projeto, foram desenvolvidos diversos estudos sobre alarmes próprios para cada tipo de idoso que ali se instala, mais de um tipo de pátio e jardim, além de uma arquitetura neutra como “capa” e personalizada dentro de cada um dos apartamentos (Figura 78).

A cozinha é um espaço singular pois se torna uma vitrine e, oferece espaço para os moradores aflore suas memórias particulares e que aumentem a sensação lar, ou seja, de estar em casa, de pertencimento. Atualmente o edifício está inserido isolado, em uma paisagem pouco urbanizada, logo, o projeto se torna notório diante do entorno existente.

Um ponto notável desse projeto era a certificação ambiental LEED, a ideia era atingir no nível GOLD, tendo como base a seleção de materiais, clima interno, uso de energia, consumo de água e localização. Por isso a Trädgårdarna conta como um sistema de água de chuva tratada, espaço para reciclagem de diferentes materiais, incluindo restos de comida e no consumo de energia.

A fachada externa do projeto é revestida com placas de fibrocimento (Figura 81). Essas



Figura 78 – Apartamento personalizado para moradora  
Fonte: <http://landarkitektur.se/projekt/tradgardarna/>



Figura 80 – Área do refeitório  
Fonte: <http://landarkitektur.se/projekt/tradgardarna/>

placas possuem diferentes cores e tonalidades que remetem a paisagem local, campos verdes. A expressão da fachada assemelha-se a uma orla têxtil bordada em ponto cruz que contorna a edificação.

Nessas imagens (Figuras 81 e 82) podem é possível perceber como a paginação foi pensada e se encaixa com outros elementos como por exemplo as portas, as árvores e até mesmo nos triângulos dos telhados. O uso dos revestimentos em tons de verde nos primeiros metros, buscam mimetizar e neutralizar a edificação com o entorno. Os tons vão subindo com alguns toques de amarelo, agora se misturando com a vegetação mais alta presente.

As fachadas voltadas para os pátios internos apresentam painéis de madeira robustos (Figura 84), de baixa manutenção e baixo impacto ambiental. Esses painéis têm boas propriedades isolantes, são bons do ponto de vista ambiental e conferem um caráter acolhedor ao projeto. O restante do projeto foi feito por estruturas de aço, tanto pilares como vigas.

Outro fator interessante a ser analisado nas fachadas é o peitoril das janela (Figuras 87 e 88) , que foram projetados abaixo do padrão considerado para permitir uma visão para as pessoas deitada na cama, para aquelas com mobilidade, que andam em cadeira de rodas e também para maior conforto dos moradores que estão sentados e contemplando os jardins.



Figura 81 – Apartamento personalizado para moradora  
Fonte: <http://landarkitektur.se/projekt/tradgardarna/>



Figura 82 – Área do refeitório  
Fonte: <http://landarkitektur.se/projekt/tradgardarna/>



Figura 83 – Jardim interno

Fonte: <http://landarkitektur.se/projekt/tradgardarna/>



Figura 85 - Fachada inteira de madeira

Fonte: [https://www.mynewsdesk.com/se/orebro\\_kommun/pressreleases/traedgardarna-vinner-vaar-dbyggnadspriset-2019-2946525](https://www.mynewsdesk.com/se/orebro_kommun/pressreleases/traedgardarna-vinner-vaar-dbyggnadspriset-2019-2946525)



Figura 87 – Vista interna mostrando o peitoril

Fonte: <http://landarkitektur.se/projekt/tradgardarna/>



Figura 84 - Fachada inteira de madeira

Fonte: [https://www.mynewsdesk.com/se/orebro\\_kommun/pressreleases/traedgardarna-vinner-vaar-dbyggnadspriset-2019-2946525](https://www.mynewsdesk.com/se/orebro_kommun/pressreleases/traedgardarna-vinner-vaar-dbyggnadspriset-2019-2946525)



Figura 86 - Fachada inteira de madeira

Fonte: [https://www.mynewsdesk.com/se/orebro\\_kommun/pressreleases/traedgardarna-vinner-vaar-dbyggnadspriset-2019-2946525](https://www.mynewsdesk.com/se/orebro_kommun/pressreleases/traedgardarna-vinner-vaar-dbyggnadspriset-2019-2946525)



Figura 88 – Vista interna mostrando o peitoril

Fonte: <http://landarkitektur.se/projekt/tradgardarna/>



Os telhados feitos estruturalmente com a madeira possuem uma calha verde que retardam a passagem das águas pluviais, a qual segue seu caminho sendo conduzida para os pátios e para a horta. Esses elementos, juntamente com diferentes arranjos paisagísticos de árvores, água e outras plantas, criam uma atmosfera íntima e suave.

Esses telhados foram o ponto alto do projeto pois conseguiram gerar luminosidade através dos vidros, aconchego através da madeira e deixar a arquitetura minimalista e simples.



Figura 90 – Estrutura por fora dos telhados  
Fonte: <http://landarkitektur.se/projekt/tradgardarna/>



Figura 89 - Restaurante  
Fonte: <http://landarkitektur.se/projekt/tradgardarna/>



Figura 91 – Estrutura telhado por dentro  
Fonte: <http://landarkitektur.se/projekt/tradgardarna/>



Figura 93 – Cortes  
Fonte: <http://landarkitektur.se/projekt/tradgardarna/>



5



A CASA DO MEIO  
DO CAMINHO

A Casa do Meio do Caminho, diferente das demais, está localizada em Interlagos, em um lote estratégico, logo atrás da Maternidade (Figura 94) e a poucos quarteirões do ambulatório. Atualmente, ela funciona de forma efetiva em termos de localidade, tendo fácil acesso a ambos os serviços a qual ela se dispõe a auxiliar e já possui reconhecimento por parte das mulheres e Mães Mobilizadoras. Assim, não seria interessante mudar a Casa do Meio do Caminho de lugar.

O projeto tem como propósito ampliar a casa, usando o lote já existente acrescentando três lotes vizinhos, criando novos espaços de rodas de conversa, aumentando número de dormitórios, gerando uma maior infraestrutura para receber bebês e crianças, além de garantir uma moradia digna para a mãe mobilizadora responsável pela casa, que nos dias atuais vive em um anexo nos fundos da casa. Para compreender melhor a implantação do projeto, foram realizadas análises do entorno imediato.

### 5.1 Análise territorial

Um dos maiores problemas entre as mulheres é a questão do tempo de locomoção entre Parelheiros e Interlagos, consequentemente foi importante entender a rede viária local (Figura 95) e as principais rotas

Legenda:

-  Lote atual
-  Ampliação
-  Maternidade de Interlagos

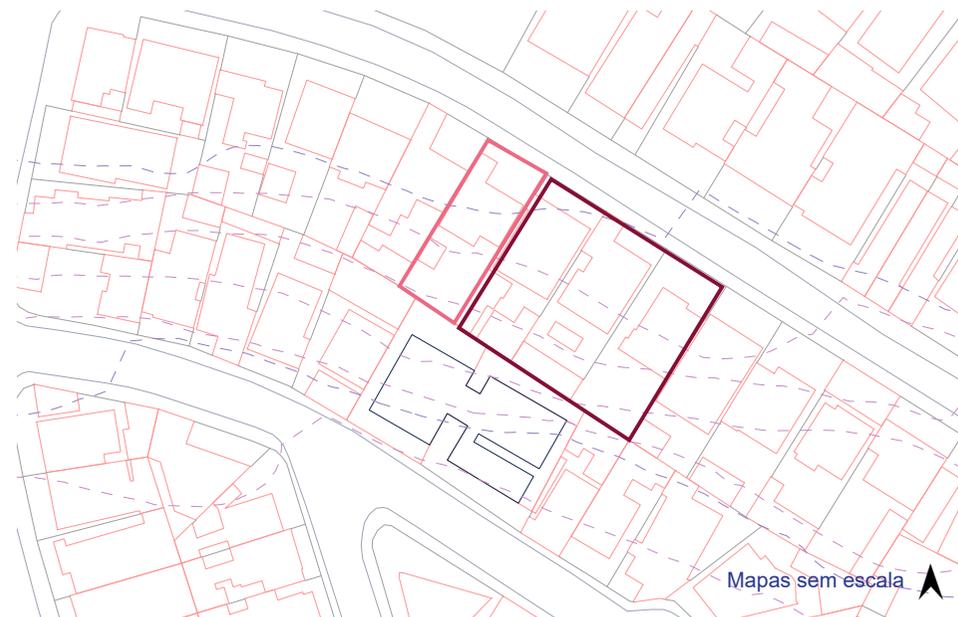


Figura 94 - Mapa de ampliação da Casa do Meio do Caminho (Desenvolvido pelo autor)

Legenda:

-  Via arterial
-  Via coletora
-  Via local
-  Área verde
-  Lote casa

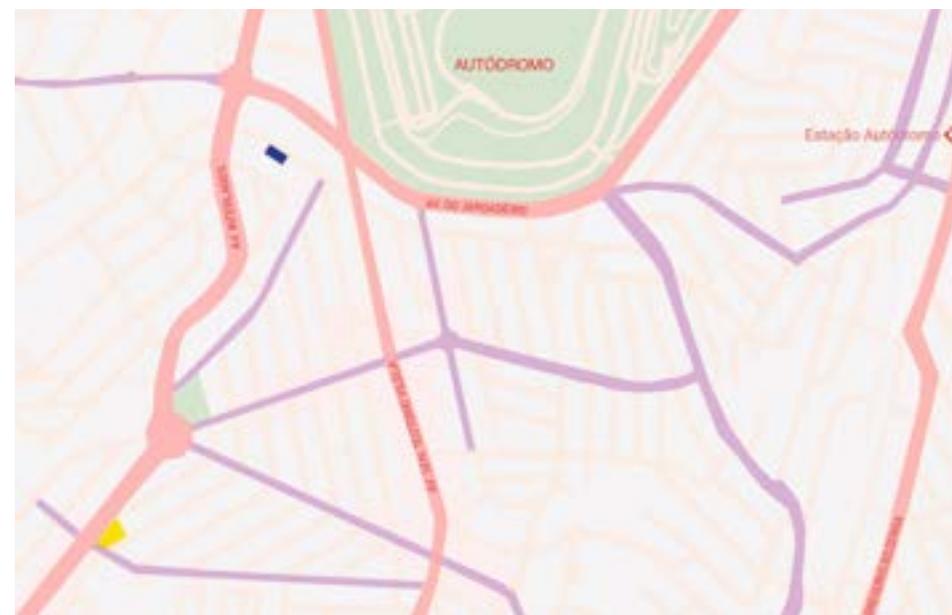


Figura 95 - Mapa da rede viária do entorno (Desenvolvido pelo autor)

que essas mulheres percorrem, normalmente a pé. A partir desse mapa (Figura 96), é possível compreender que iremos tratar de um local abastado de pontos de ônibus e que o lote atual está localizado perto de um grande corredor de ônibus o que facilita de alguma maneira a chegada das mães tanto na Casa do Meio do Caminho como na Maternidade e no Ambulatório. Outra questão importante foi entender de onde elas vêm, ou seja, qual é a rota de maior fluxo, pois desta maneira conseguimos inferir melhor a dinâmica da rua e projetar uma melhor implantação para o projeto.

A casa está localizada entre 3 grandes avenidas (Figura 95), Interlagos, Jangadeiro e Teotônio Vilela, facilitando o acesso tanto para quem vem de transporte público como para aquelas que vem de carona utilizando carro ou moto.

Por estar situada em uma área predominantemente residencial (Figura 97), há uma rede abastada e diferenciada de equipamentos, em sua maioria escolas e cartórios cercam as redondezas da implantação. Um fator determinante para o partido do projeto é o estudo de áreas verdes do entorno imediato, a qual é baixa. Apenas uma praça a seis quarteirões de distância da atual Casa do Meio do Caminho (Figura 98).

Legenda:

-  Linhas de ônibus
-  Corredor de ônibus
-  Principais fluxos p/ casa e maternidade
-  Pontos de ônibus
-  Lote casa
-  Maternidade e ambulatório

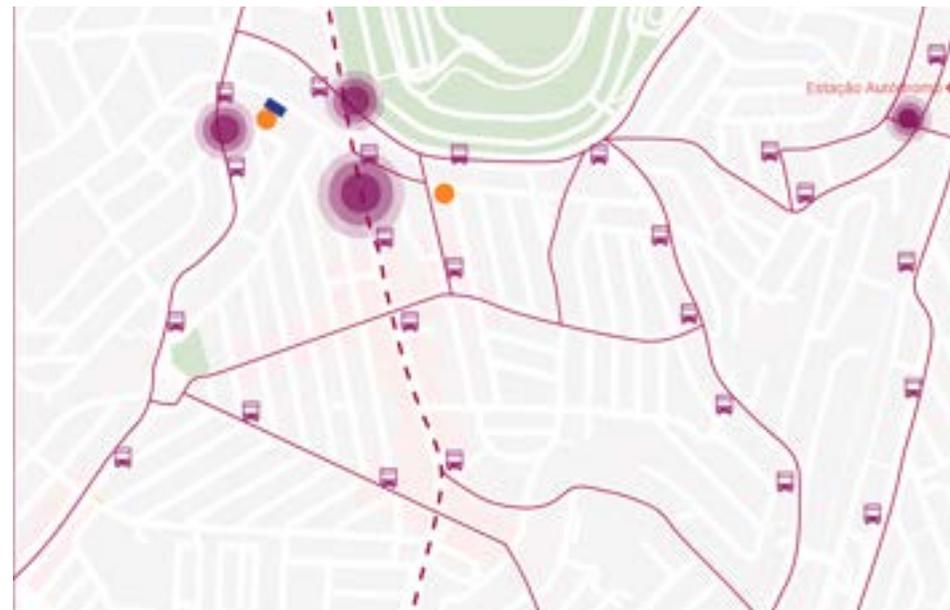


Figura 96 - Mapa de transporte e fluxos (Desenvolvido pelo autor)

Legenda:

-  Residencial
-  Comércio
-  Garagens
-  Indústria/ Galpão
-  Escola
-  Equipamentos públicos

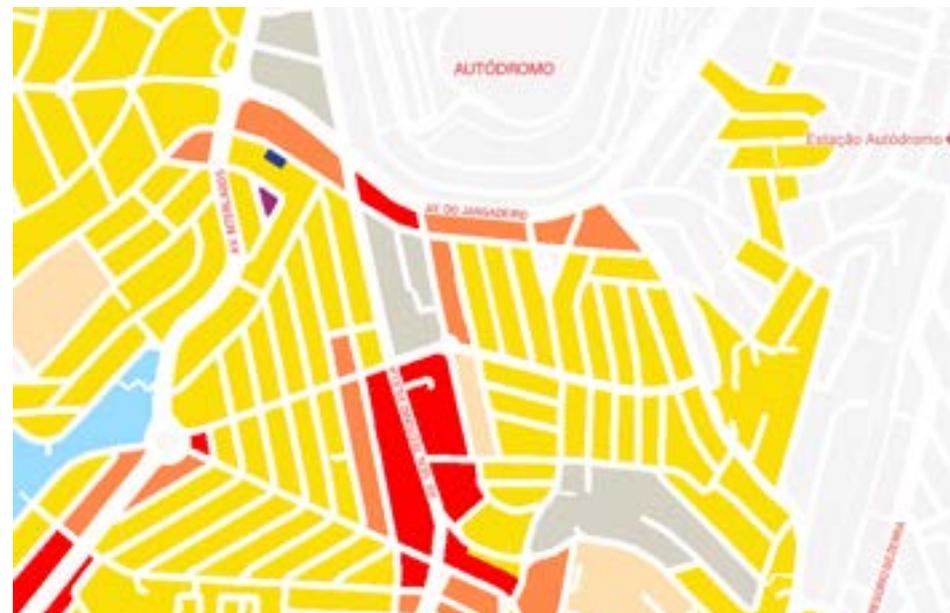


Figura 97 - Mapa de uso do solo (Desenvolvido pelo autor)



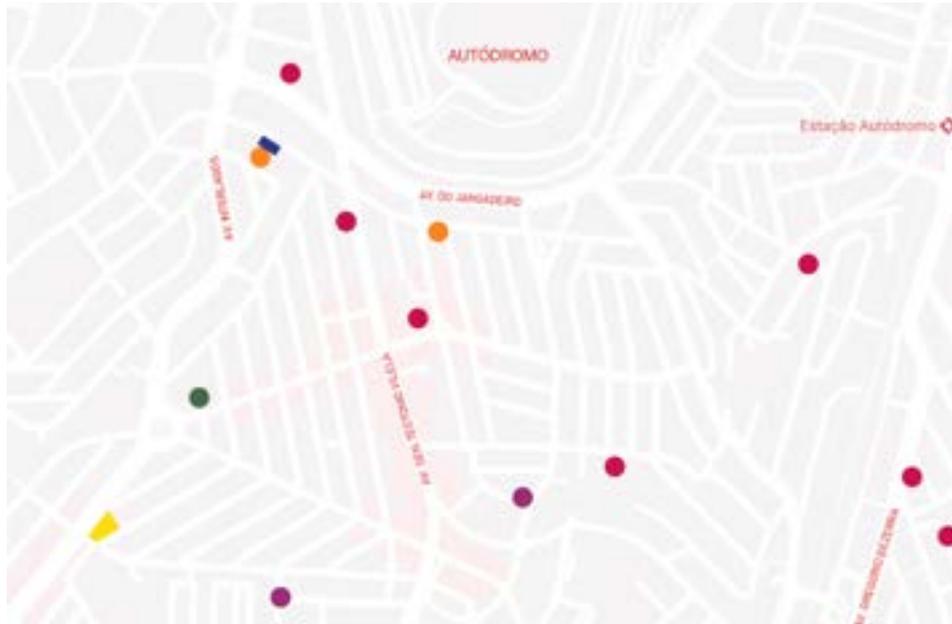


Figura 98 - Mapa de equipamentos (Desenvolvido pelo autor)

Legenda:

- Saúde
- Escolas
- Cartório
- Área verde



Figura 100 - Rua Casa do Meio do Caminho (Acervo pessoal)



Figura 101 - Rua Casa do Meio do Caminho (Acervo pessoal)



Figura 99 - Fachada atual Casa do Meio do Caminho (Acervo pessoal)



Figura 102 - Rua Casa do Meio do Caminho (Acervo pessoal)

## 5.2 Partido

Por se tratar de um bairro residencial, ele é composto por muitas casas unifamiliares, dessa forma o gabarito do entorno é baixo (Figura 103). Para implantação do projeto isso se torna um ponto fundamental, manter o gabarito do entorno para que o projeto se integrasse com a paisagem existente além de manter a ideia de uma casa de família, aconchegante e convidativa tanto para as mulheres que irão usufruir, quanto para aqueles que passarem de visita.

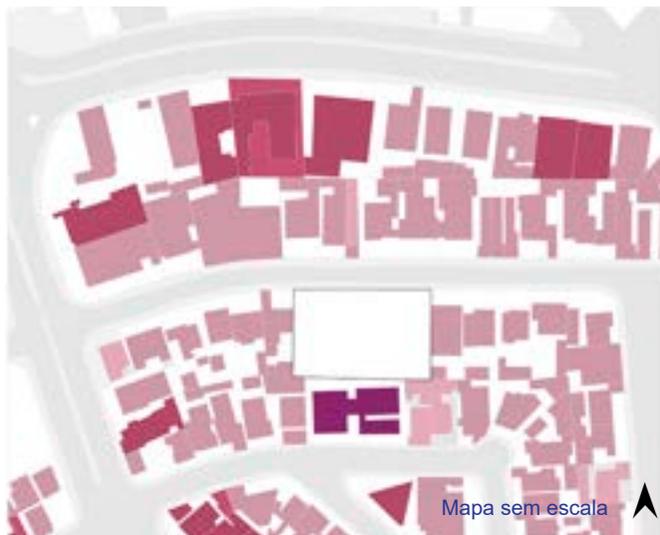


Figura 103 - Mapa de gabaritos (Desenvolvido pelo autor)

■ + de 8 pavimentos    ■ + de 3 pavimentos    ■ Até 2 pavimentos

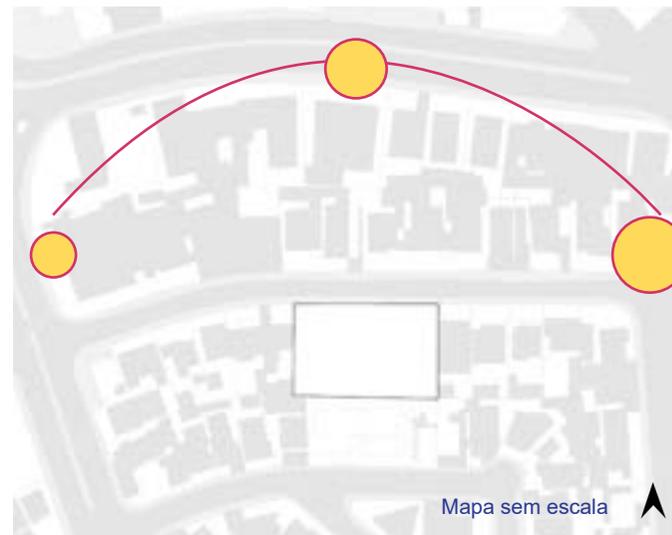
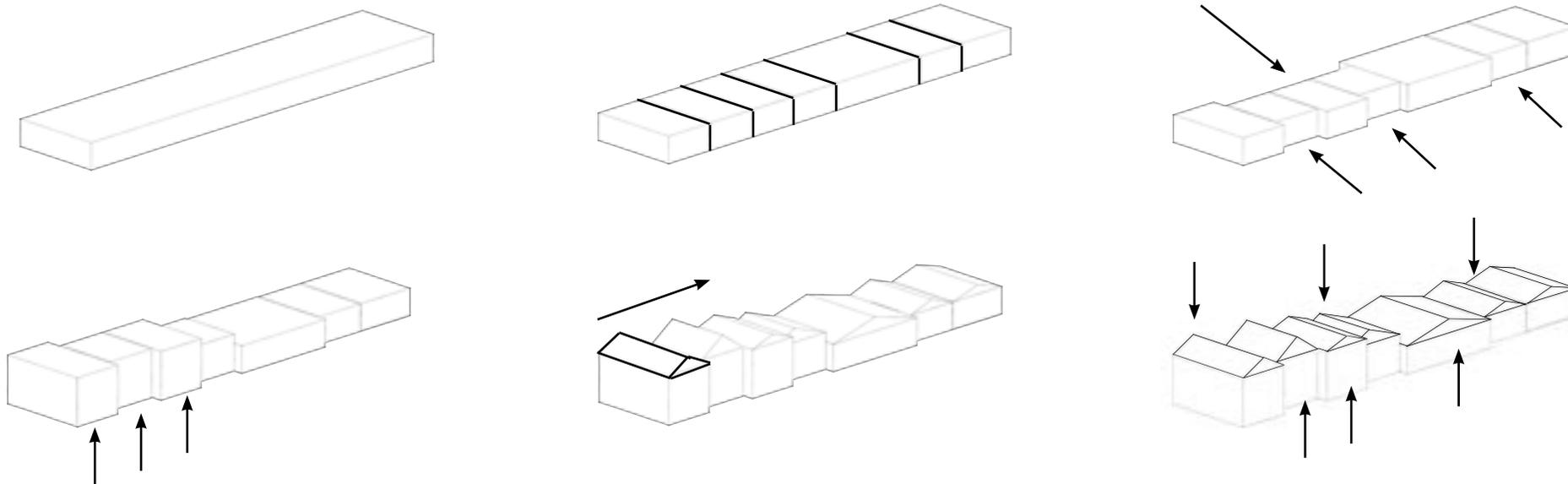


Figura 104 - Mapa de insolação (Desenvolvido pelo autor)

### Evolução do modulo principal



Destacar as circulações são essenciais para o entendimento do projeto, em que no módulo principal o visitante pode percorrer de fora a fora, sem nenhuma interrupção e permear para os espaços cobertos e internos (Figura 106).

Após o módulo principal, há uma grande quantidade de área verde, dessa forma seria preciso garantir a passagem entre esses espaços de maneira coberta para os dormitórios e para o cafuné obstétrico. Para isso, foram criados pergolados durante todo o percurso até a porta de cada modulo, além de garantir o fluxo para ambos os lados.

Parelheiros, faz parte de uma das

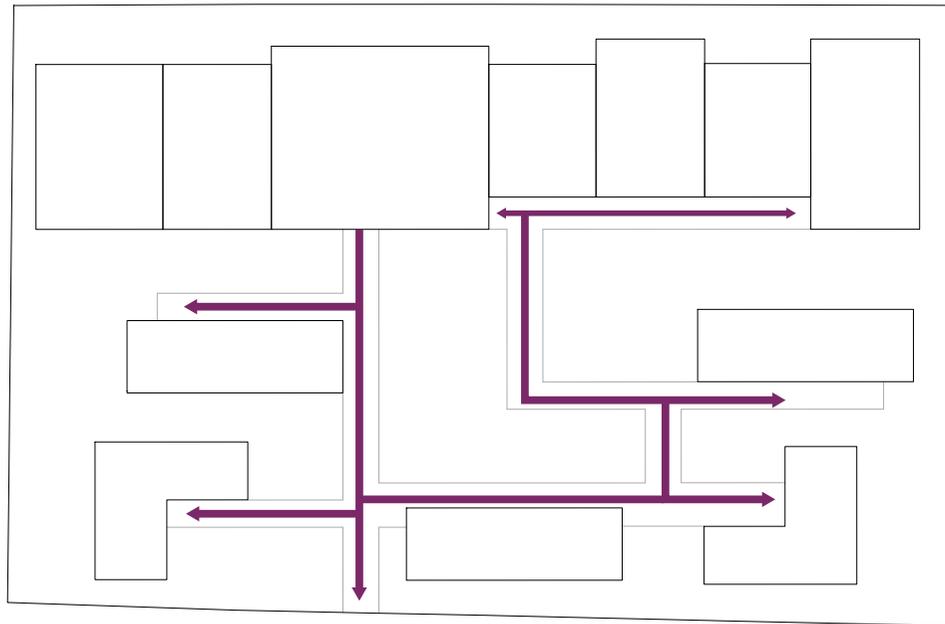


Figura 106 - Circulação fluxos internos cobertos

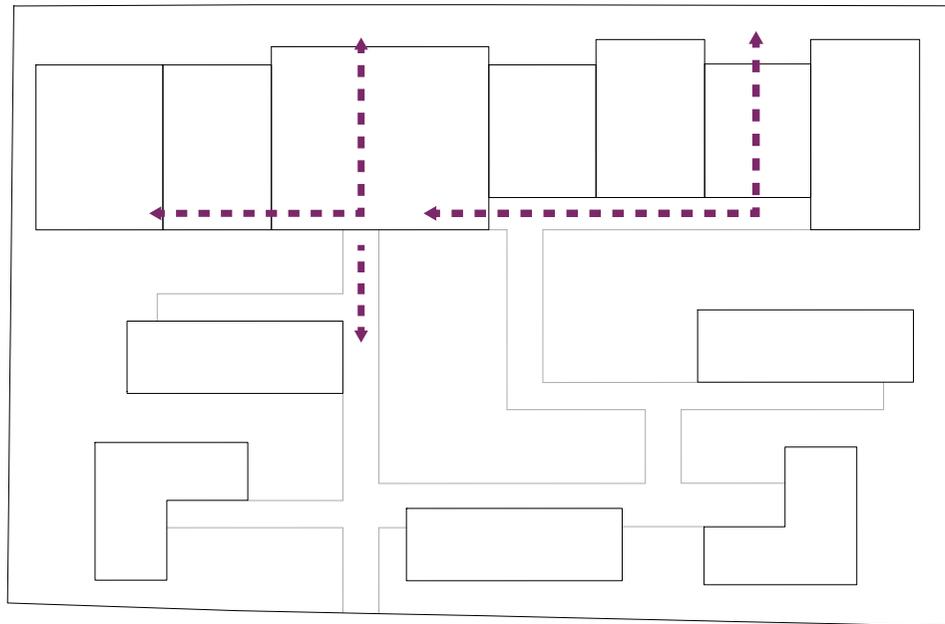


Figura 107 - Fluxo interno

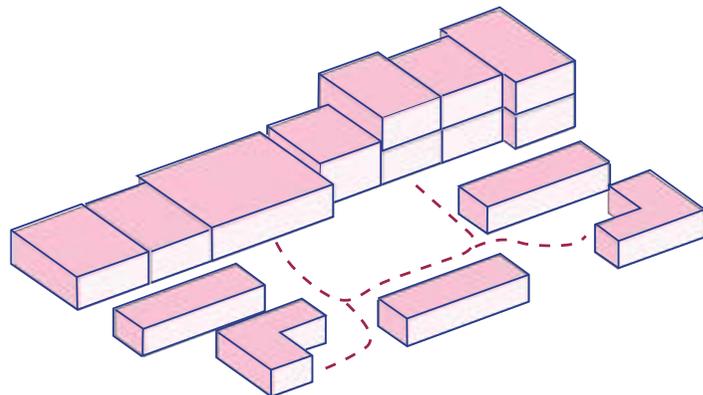


Figura 105 - Diagrama de circulação  
Desenvolvido pelo autor

maiores reservas de mata atlântica do país, logo, era imprescindível trazer o verde para dentro do projeto,( Figura 108) para que a casa não se distanciasse da realidade vivida por essas mulheres em suas casas e até mesmo no centro de excelência de primeira infância, garantindo assim, mais um ponto de pertencimento e acolhimento. O entorno próximo também não possui nenhuma área verde significativa apesar das ruas serem arborizadas.

Concentrar os programas de uso aberto ao público e das mães no andar térreo do projeto era imprescindível (Figura 109),visto que a locomoção das mulheres grávidas, grande parte frequentadora, acima de 7 meses de gestação é reduzida, ou até mesmo para as mães que estão com seus bebês recém-nascidos.

### 5.3 Programa

O programa se manteve baseado na casa original, contendo um setor de convivência, um para os dormitórios e a administrativa, a qual o acesso é restrito às Mães Mobilizadoras e aos voluntários. Porém com a ampliação foi possível agregar programas de outras casas do centro de excelência para dentro da Casa do Meio do Caminho, como por exemplo

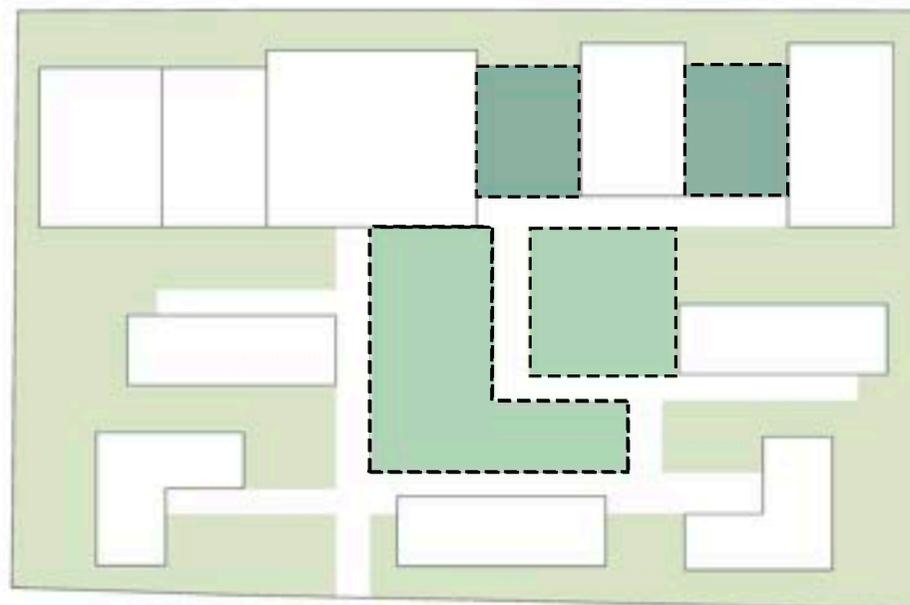


Figura 108 - Praças, jardins internos e externos

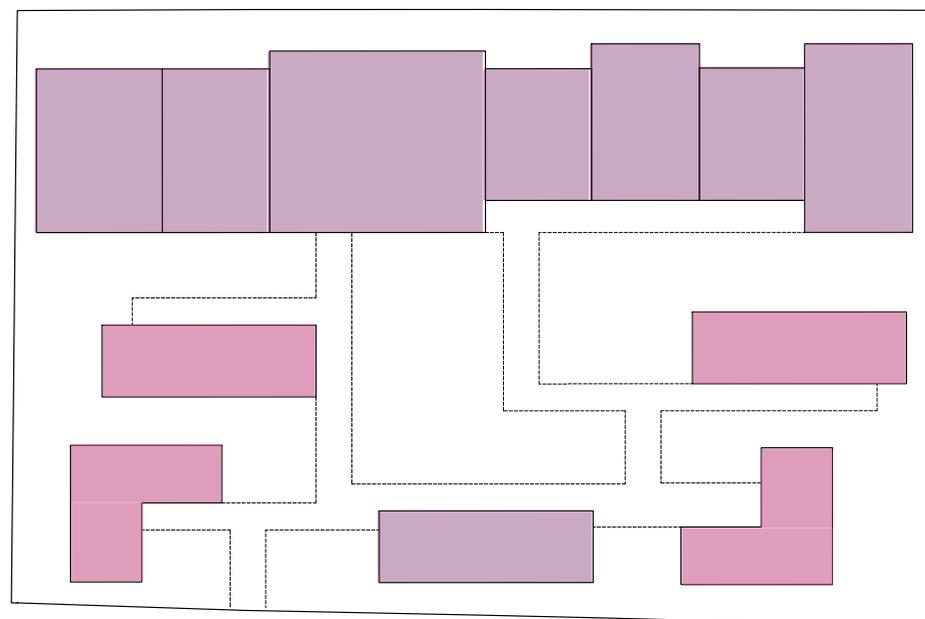
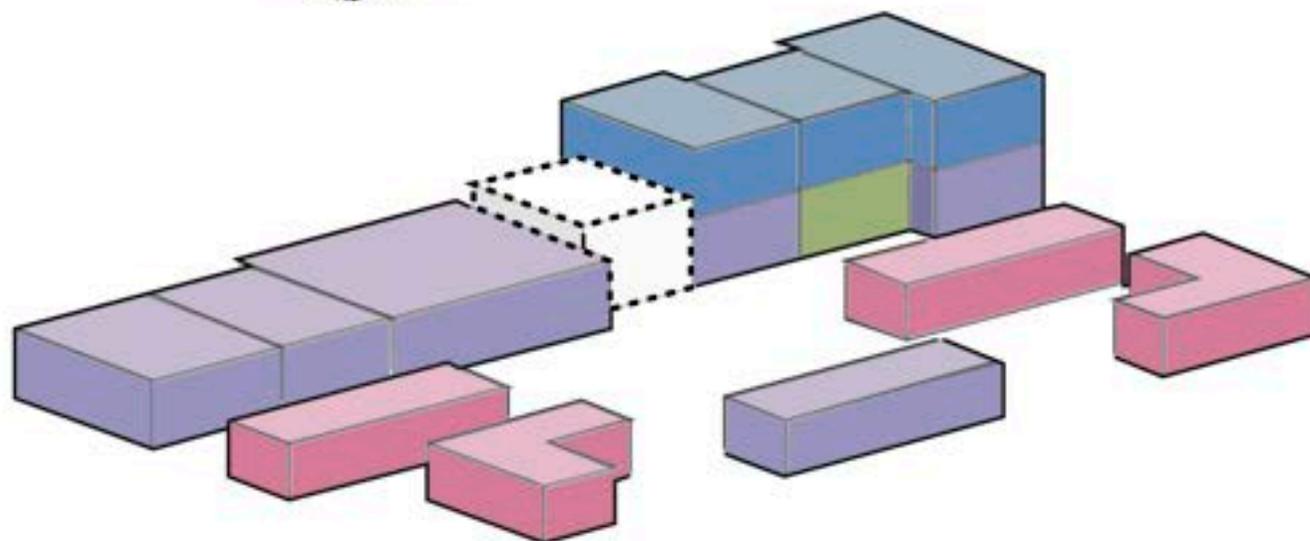
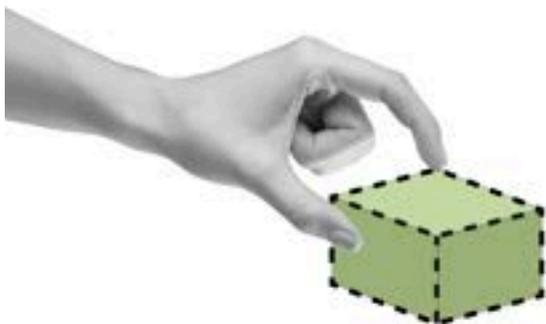


Figura 109 - Programa térreo, área de convivência e dormitórios





uma parte para brinquedoteca, salas de aula e a criação de um escritório para o trabalho de todos os voluntários, tendo assim um espaço para as funções administrativas, financeiras e de marketing. Além disso, foram criados diferentes tipos de dormitórios, sendo todos eles multifuncionais e que podem abrigar desde a mãe e seu bebê assim como seus acompanhantes, familiares e filhos.

A criação de ambientes multifuncionais e que não necessariamente serviriam o tempo inteiro para o programa estipulado foi um dos pontos de partida, desse modo ficaria mais fácil adaptar os ambientes em casos de feiras, aulas, palestras e os eventos que já ocorrem na casa.

#### Área de convivência

Garagem	63m <sup>2</sup>
Cozinha	52m <sup>2</sup>
Sala de estar e biblioteca	113m <sup>2</sup>
Jardim interno	64m <sup>2</sup>
Brinquedoteca	27m <sup>2</sup>
Recepção administrativa	20m <sup>2</sup>
Sala de aula	30m <sup>2</sup>
Espaço do café obstétrico	43m <sup>2</sup>

#### Dormitórios

Dormitório Mãe bebê (2)	43m <sup>2</sup>
Dormitório Mãe acompanhante (2)	43m <sup>2</sup>

#### Administrativo

Administrativo	49m <sup>2</sup>
Circulação	135m <sup>2</sup>
Casa Mãe mobilizadora	59m <sup>2</sup>

#### Áreas verdes

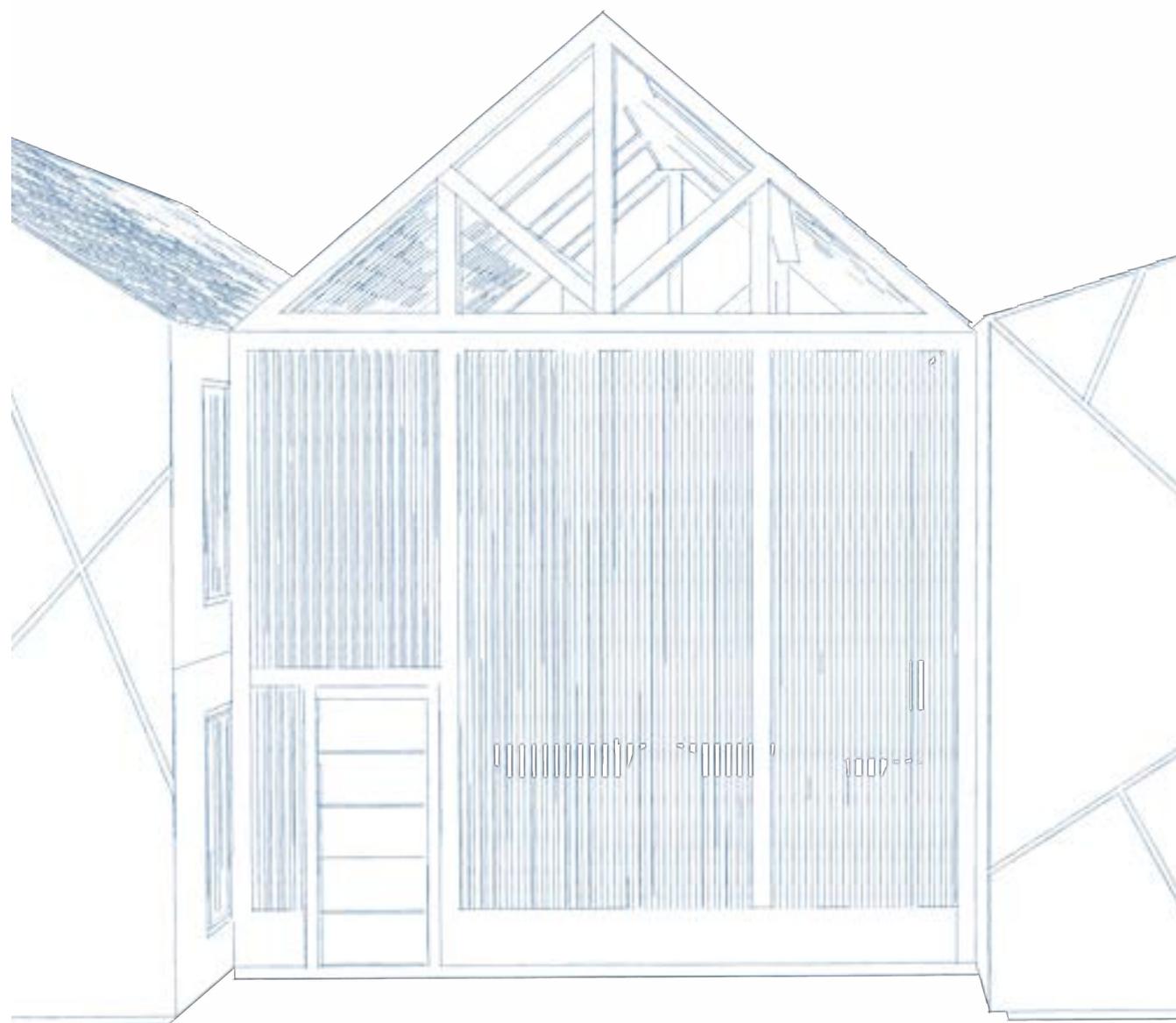
Jardins internos	64m <sup>2</sup>
Praça principal	49m <sup>2</sup>
Horta comunitária	40m <sup>2</sup>
Pomar	55m <sup>2</sup>
Área total do terreno	1.634m <sup>2</sup>
Área total construída	796m <sup>2</sup>
Área total verde	208m <sup>2</sup>

## 5.4 O Projeto

A Casa contará com 3 entradas, a primeira delas é a da garagem. Funcionando como uma espécie de carga e descarga, essa entrada servirá tanto para serviços, com acesso direto para a parte de armazenamento e dispensa da casa, como também como um acesso coberto de entrada para pessoas com veículos. A garagem foi desenhada de uma maneira abastada com o intuito de caber mais de um carro além de uma ambulância caso fosse necessário.

Logo em seguida está a cozinha, uma área grande, com amplas bancadas e mais de uma cuba e fogão, isso se deve a participação efetiva da Cozinha Amara na preparação dos alimentos da casa e, pensado para as palestras de alimentação saudável, onde as Amaras dão aulas sobre os preparos e receitas para as futuras mães.

A segunda entrada da casa é a principal, é onde se localiza a sala de estar e jantar e a biblioteca. Isso foi pensando justamente para manter a configuração da atual da Casa do Meio do Caminho, que ao entrar é possível sentir a sensação de literalmente estar em uma casa de família e se sentir parte dela. Trazer a biblioteca como um espaço integrado é uma



RUA GUAÍUBA



Hospital e maternidade de interlagos

RUA LEONOR ALVIM

INTERLAGOS

Escala 1:500



forma de evidenciar ainda mais a importância dos livros e da leitura para todos que entrarem. Ademais, está localizado no coração da casa, sendo visto como espaço de aprendizado e aconchego.

Os jardins internos tem como intenção de trazer a paisagem para dentro do projeto, incentivar a leitura em um lugar aconchegante e remeter a casa dos que passam por ali, além de criar um espaço de respiro e visão para a rua. Esse jardim interno tem uma conexão direta com a brinquedoteca através do peitoril baixo e amplas janelas.

Logo após os banheiros está localizada a terceira e última entrada. Pensada para o uso comercial, ela dá acesso para as salas de aula e as escadas para o próximo pavimento. Essa entrada é fundamental pois em dia de eventos ela servirá como um mitigador de fluxos, ou seja, mesmo se estiver ocorrendo mais de um evento na casa, a entrada dos voluntários, das mães hospedadas, poderá ser feita por ela, sem comprometer o fluxo principal.

A ideia de uma praça central é importante, pois atualmente as conversas ao ar livre acontecem dentro do pergolado da garagem, não sendo um espaço muito amplo e confortável. Com a praça central será possível

realizar as rodas de conversa em contato com a natureza, com uma paisagem arborizada. Em casos de precipitação essas rodas mudam para as salas de aula que possuem divisórias removíveis tornando o espaço mais amplo e com a vista para os jardins da casa.

A horta comunitária, como foi dito anteriormente, faz parte do amplo programa idealizado pelo IBEAC e CPDP, como uma forma de mitigar os danos causados pela insegurança alimentar presente em Parelheiros, dessa forma agregar esse espaço dentro da Casa do Meio do Caminho era fundamental e muito funcional, visto que a mãe mobilizadora utilizaria desse novo recurso, tanto para sua própria benfeitoria como para cozinhar no dia a dia para as mulheres que ali passarem. Ademais, as hortas comunitárias estão espalhadas pelos 6 bairros de parelheiros, porém nem sempre estão em um caminho de rota para todas, principalmente nos últimos meses de gestação ou no puerpério, portanto, possuir esse programa dentro da própria Casa do Meio do Caminho perto da Maternidade e ambulatório se torna um facilitador.

Ao longo dessas áreas verdes estão localizados os dormitórios e o espaço do cafuné obstétrico. Esses programas estão localizados em módulos e organizados

permeando os espaços verdes como uma forma de trazer privacidade para as mães, isolamento do módulo principal em dias de palestras e rodas, além de criar um espaço acolhedor em meio a natureza.

A casa da Mãe Mobilizadora, está localizada no segundo andar do módulo principal, tendo como objetivo deixar o espaço de repouso mais privativo, principalmente para seus filhos, como é o caso da Tatiana, mãe responsável pela casa atualmente, que possui uma filha. Outro fator importante para a implantação dessa casa era a visão, visto que de cima ela consegue enxergar de maneira mais ampla o funcionamento da casa além de ter visão para a rua.

Ainda no andar superior está localizado o setor administrativo, que conta com uma sala ampla, cozinha, uma sala de reuniões e banheiro.



Fachada principal para a Rua Guaiuba





# Planta do térreo

Rua Guaiuba



Hospital e Maternidade  
de Interlagos

- 1- Despensa
- 2- Almoarifado
- 3- Cozinha
- 4- Sala de estar
- 5- Biblioteca
- 6- Jardim interno
- 7- Brinquedoteca
- 8- Sanitários
- 9- Recepção adm
- 10- Salas de aulas e apoio
- 11- Mãe bebe
- 12- Mãe acompanhante
- 13- Cafuné obstétrico
- 14- Praça central
- 15- Horta comunitária
- 16- Pomar

Escala 1:250

# Planta do primeiro pavimento

Rua Guaiuba



- 1- Marketing
- 2- Copa
- 3- Financeiro
- 4- Sanitário
- 5- Sala de estar/jantar
- 6- Cozinha
- 7- Lavandeira
- 8- Quarto
- 9- Suite
- 10- Banho 01
- 12- Banho 02

Escala 1:250

# Planta de cobertura

Rua Guaiuba



Escala 1:250

# Linhas de corte

Rua Guaiuba



Hospital e Maternidade  
de Interlagos

Escala 1:250

Entrada principal da Casa do Meio do Caminho, com vista para os jardins





Vista da sala de estar, jantar e biblioteca





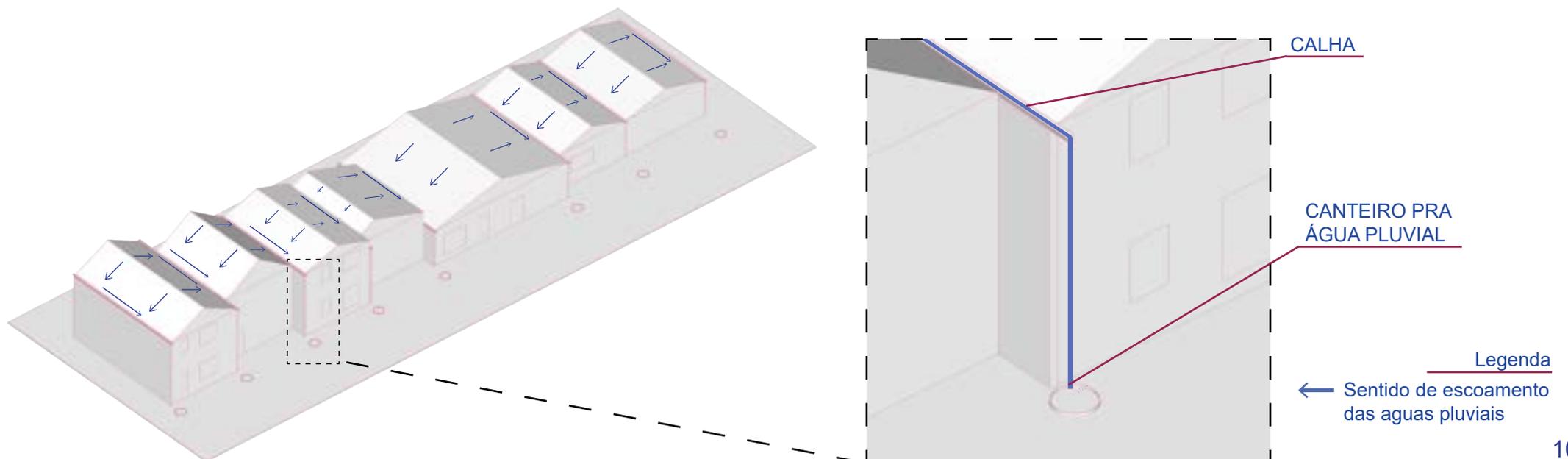


Vista para a sala e o ripado interno



## Cortes

Os telhados da casa foram um dos eixos para a realização do projeto. A ideia principal era criar uma expressão estética do lado de fora que pudesse ser entendido como uma casa, que parecesse acolhedor e trouxesse essa aparência de domesticidade. As diferentes alturas dos telhados e as diferentes inclinações trazem um movimento para a fachada, que por ser extensa permite esse jogo. Além disso podemos analisar que grande parte do programa ocorre diante dessa estrutura, que comporta os diferentes usos dos mais privativos até os de uso comum. Ademais, os telhados viabilizam a criação de diferentes aberturas e entrada de luz, tendo claraboias, espaços envidraçados e o próprio telhado.









## Relação Casa do Meio do Caminho com a maternidade:

Nas conversas iniciais que tive com a Vera Lion e Flávia Kolchraiber, coordenadora e gestora de projetos do IBEAC, foi citado sobre a importância da Maternidade e sobre planos futuros de uma ligação direta com a casa. Isto posto, era importante idealizar e fazer essa conexão entre ambas. A partir de uma análise dos terrenos encontramos uma solução através de uma escada, que liga a Casa do Meio do Caminho ao primeiro andar da maternidade, que também funciona

como uma das recepções. Essa proposta era essencial para o projeto e se tornou uma das diretrizes para a implantação que se organizou no módulo principal desde os espaços de convivência e mais para o fim do lote os dormitórios garantindo menos locomoção para essas mulheres, além disso foi criado um eixo central que liga a porta de entrada até a porta de acesso à maternidade.



Figura 111 – Maternidade de interlagos  
Fonte: Secretária de Estado de Saúde)









## 5.5 Aspectos contrutivos:

O projeto é composto em sua maioria por paredes de alvenaria, que estão localizadas no módulo principal e nos dormitórios.

O uso da madeira foi um diferencial usado nos telhados visto que é um isolante térmico e acústico natural, por isso foi usada nos telhados do módulo principal e nas paredes que estão localizados os jardins internos.

Para a cobertura dos dormitórios foram projetados telhados verdes, os quais foram usados como um recurso projetual a fim de se camuflar com o restante da vegetação presente no seu entorno. Devido a topografia o observador do primeiro nível (módulo principal), conseguirá visualizar a parte superior, principalmente dos 3 últimos módulos (cafuné obstétrico e dos dormitórios). Dessa

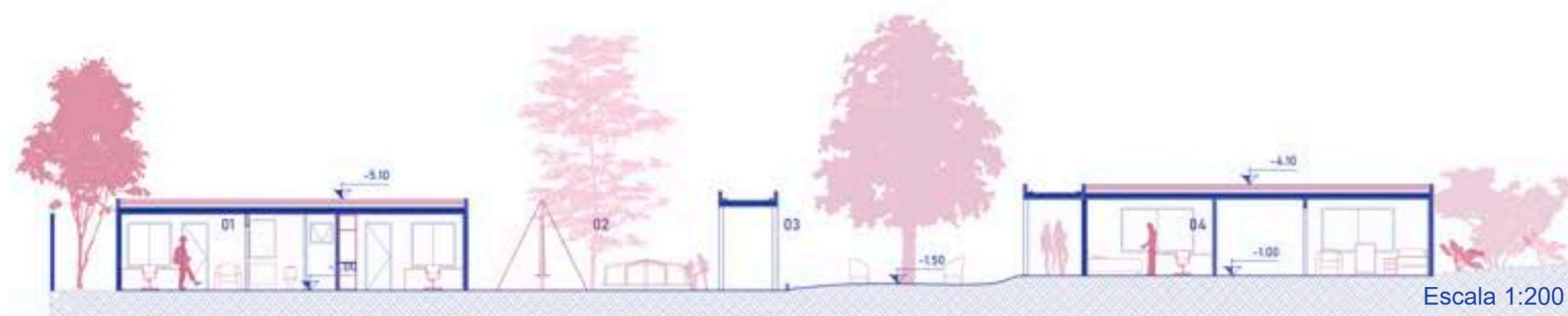
forma, esses telhados além de servirem como um bom isolante térmico, garantem maior retenção das águas pluviais e aumentam a qualidade do ar, principalmente para recém-nascidos, além de garantir a paisagem verde.

Os módulos denominados como jardins internos são feitos inteiramente de madeira, desde a parede até os telhados. Uma composição foi criada entre a madeira e o vidro para garantir a entrada de luz tanto para a casa como para a vegetação. Além disso ripas de madeira com espaçamentos de 5 em 5 milímetros foram adicionados criando espaços de circulação de ar, iluminação e conexão com a rua.

Os pergolados que ligam o módulo

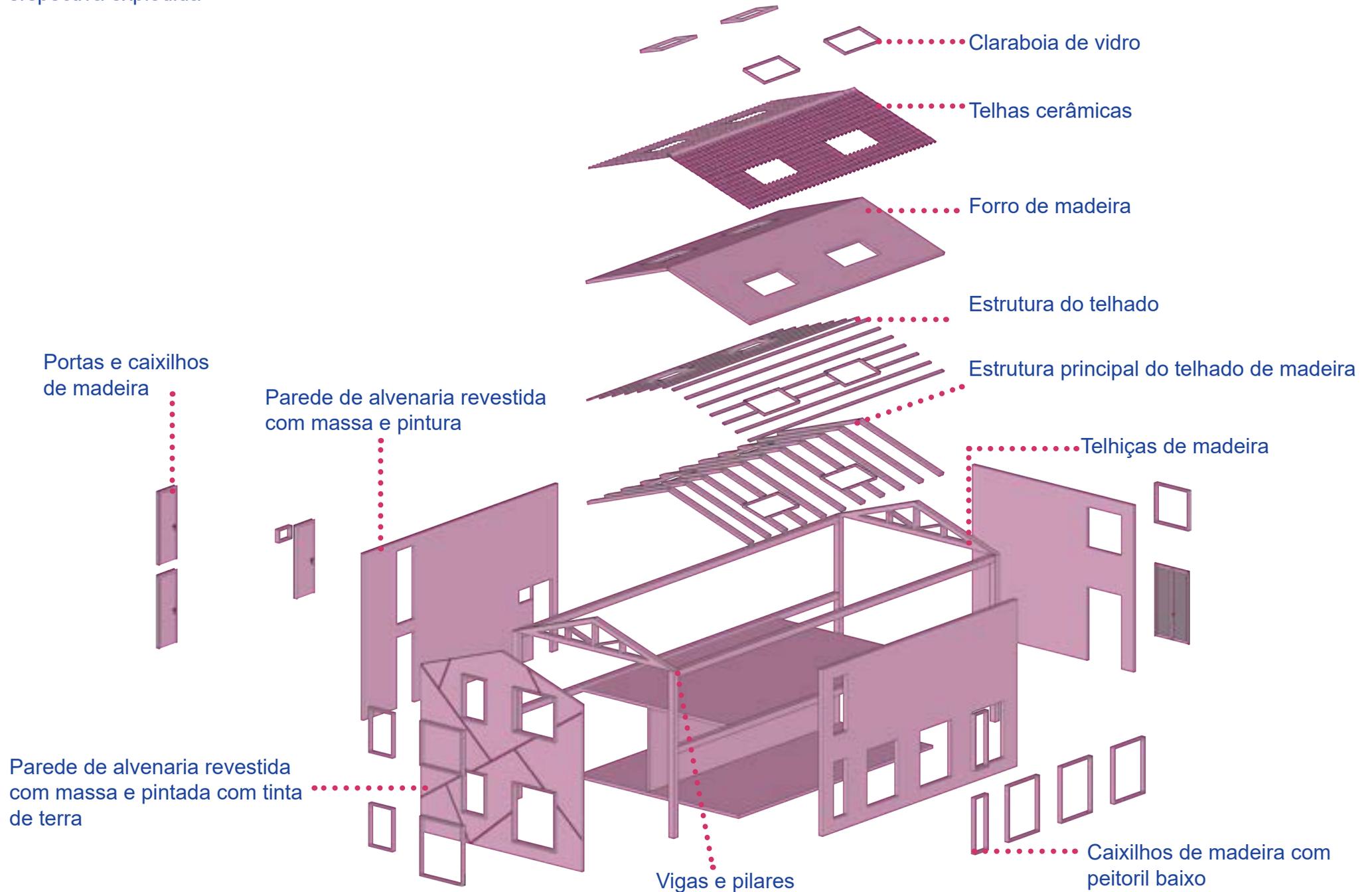
principal até os dormitórios e cafuné obstétrico são feitos com uma laje plana de concreto e com pequenos pilares espalhados ao longo do percurso, a intenção era criar um espaço coberto que ficasse integrado com a paisagem, além de não brigar com o restante da arquitetura.

Os pisos foram divididos e escolhidos em 3 tipos: áreas molhadas internas, aplicando um porcelanato cinza, área interna coberta em que foi usado um piso de madeira conversando com a estrutura da casa, além de janelas e portas e, por fim, o piso para área externa: a pedra portuguesa branca, que funciona como um piso drenante além da flexibilidade para criar espaços de canteiros verdes intercalados com a paginação.



Corte CC

Perspectiva explodida



## 5.6 Layouts

A criação mais de um tipo de dormitório era essencial de acordo com as demandas passadas pelas Mães Mobilizadoras, que seriam: mães que vem com seus filhos, mães que vem com seus cônjuges, mães solos ou mães que vem com algum familiar.

Assim sendo, foram projetados dois tipos de quartos: Dormitório mãe - bebê (Figura 112), para aquelas que tiveram seus filhos em períodos noturnos e não tem como voltar para casa, ou até mesmo para as mães que estão à espera de carona para voltar para Parelheiros. Esse modelo pode servir também para mães ainda grávidas que precisam de um lugar para descansar, trabalhar ou possuem um filho mais velho que a acompanha. Esse quarto tem como mobiliário uma cama de solteiro, um berço reversível (desenvolvido na semana de integração), cadeira de amamentação, cômoda e guarda-roupa.

O segundo tipo é: Dormitório mãe - acompanhante (Figura 113), pensado para uso unifamiliar, alguns contendo uma cama de casal e uma de solteiro, para mães com filhos e parceiros e outro com duas camas de solteiro, podendo atender duas mães ao mesmo tempo ou uma mãe com acompanhante. Ambos os

ambientes possuem cadeiras de amamentação e guarda-roupa. Todos os dormitórios possuem banheiros individuais e seguindo as normas de acessibilidade.

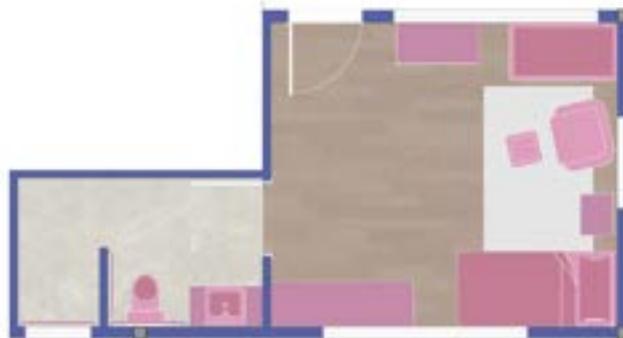


Figura 112 – Dormitório mãe - bebê

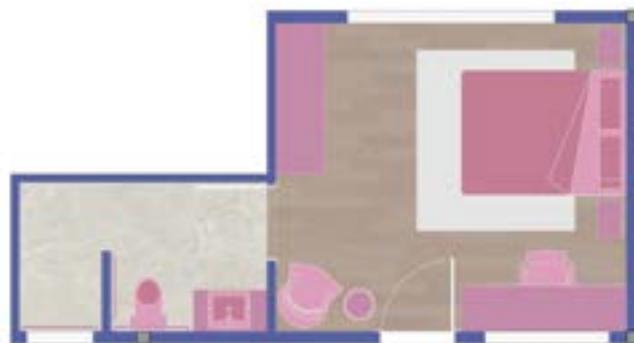


Figura 113– Dormitório mãe - bebê

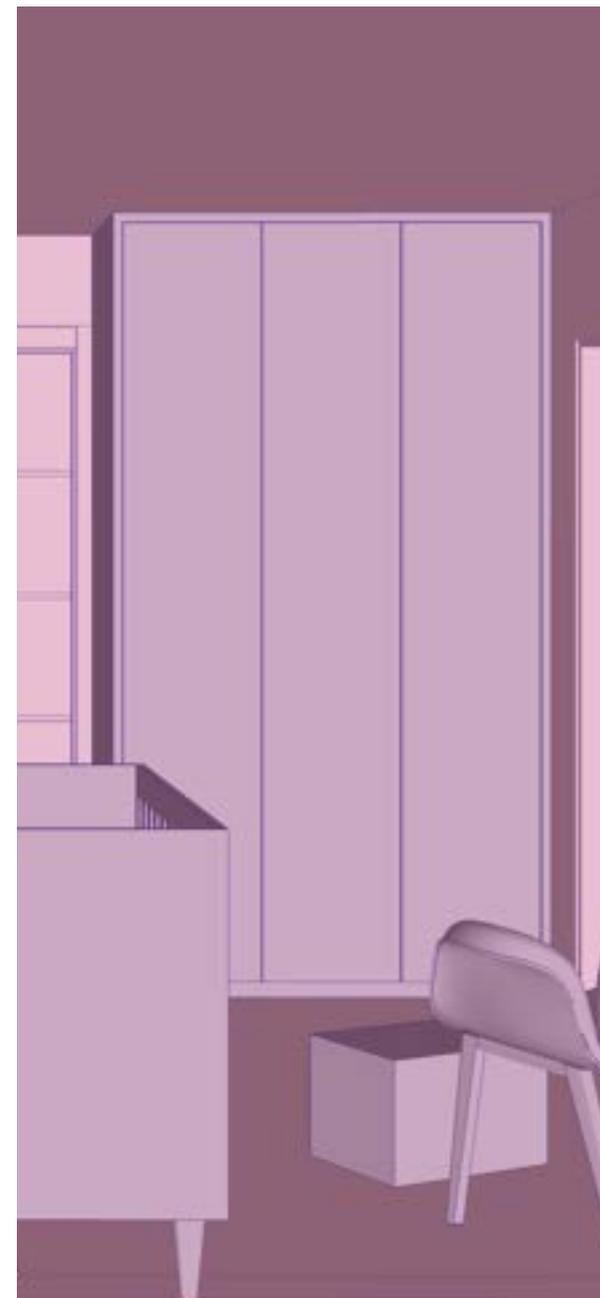


Figura 114– Dormitório mãe - bebê



A brinquedoteca faz parte do novo programa inserido na casa e tem como função principal acolher os filhos das mães que vêm participar das atividades da casa, como as rodas de conversas, palestras e cafunés obstétricos além de servirem como um espaço para desenvolvimento infantil, o qual é muito importante para toda a rede de excelência de primeira infância. O fluxo de crianças de 1 a 4 anos é intenso na casa, visto que a maioria das mães que frequentam a casa possui mais de um filho.

Em todas as casas do Centro de Excelência de Primeira Infância esse espaço funciona de uma forma improvisada, normalmente em um espaço mais amplo ou em alguma sala de estar. Desse modo, era importante criar um espaço pensado para essa atividade de grande importância. O ambiente foi pensado com um grande sofá e poltronas de apoio principalmente para os momentos de escalda pés, rodas de leitura específicas ou apenas como um espaço de afeto. O cômodo também possui duas mesas de massagem, que são usadas tanto pelas doulas em treinamentos como pelas massoterapeutas, além de dois banheiros.

Durante a semana de integração foi realizada uma oficina de desenvolvimento de

mobiliários multifuncionais ministradas por mim juntamente com a Beatriz Rolim. Ao longo da semana foram explicadas para as participantes sobre as necessidades de ambos os projetos e pensado em mobiliários que atendessem as necessidades principais. Um dos produtos obtidos ao longo da oficina foi esse berço, que pode ser desmontado e se tornar uma cama infantil, ou até mesmo uma escrivaninha.

Esse tipo de mobília é interessante na composição do projeto, visto que as necessidades de cada mulher que passa pela casa são particulares e mutáveis. Dessa forma, conseguimos explorar melhor os ambientes e garantir de forma mais efetiva todas as necessidades.



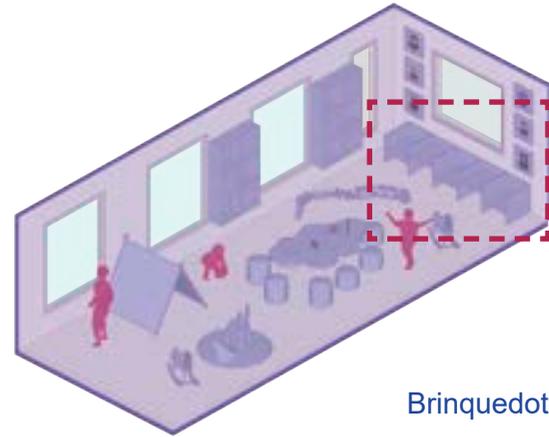
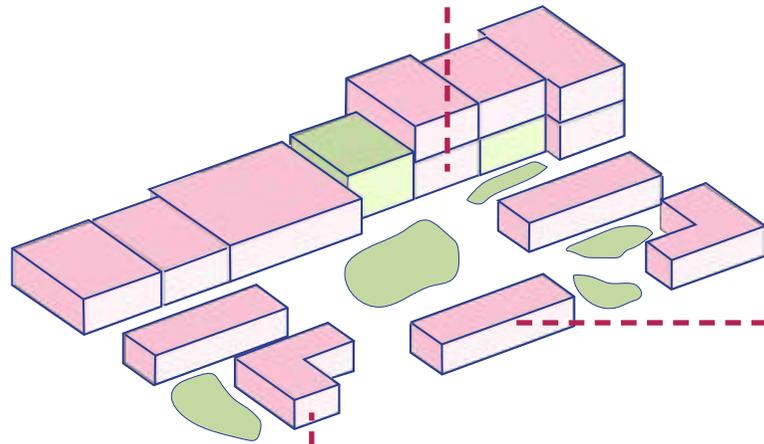
Figura 115 – Oficina de integração (Acervo pessoal)



Figura 116 – Oficina de integração (Acervo pessoal)

# Diagramas

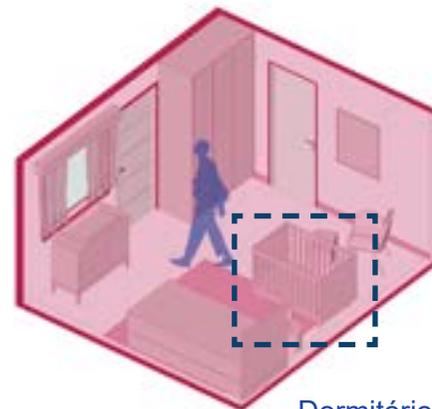
## Diagrama base da Casa



Brinquedoteca



Cafuné Obstétrico



Dormitório Mãe- Bebê

## Mobiliário desenvolvido na semana de integração







A fachada do projeto foi um dos grandes desafios, além dos telhados com diferentes alturas, inclinações e aberturas com claraboias, as aberturas para a rua também eram importantes. O partido para o resultado consistiu na criação de janelas mais baixas que o padrão, possibilitando uma maior integração com rua além de garantir a visão das crianças tanto para a rua quanto para os ambientes internos. Ademais, essas janelas avançam para o nível do módulo a

qual está inserida criando um grande parapeito de madeira. Outra questão importante são as janelas laterais que tem como função principal garantir maior entrada de luz.

A pintura da fachada foi elaborada através das técnicas de tinta de terra, atividade dentro da Permacultura, que consegue obter mais de 18 tonalidades de tinta através da terra extraída da cratera presente em Vargem Grande, Parelheiros. Essa arte da fachada representa a comunidade, sua união, o trabalho da associação e sua identidade.

Essa tinta única que só existe em Parelheiros reforça ainda mais a importância do cuidar, do acolher e do ressignificar a vida dessas mulheres e crianças que passam pela casa diariamente, definitivamente a fachada, o chamariz para a casa, não poderia ser de outra maneira.

Esses avanços das janelas em conjunto com a tinta de terra e os telhados trazem um movimento para a fachada poderoso e que poderá ser facilmente reconhecido como a Casa do Meio do Caminho.



Figuras (110,111,112,113 e 114) Terra extraída da cratera para a realização das pinturas e, exemplos desse material no território de Parelheiros (Acervo pessoal)

Fachada principal para Rua Guaiuba



Fachada principal para Rua Guaiuba



Fachada principal para Rua Guaiuba















LINK PARA VIDEO DO TRABALHO COMPLETO:

<https://vimeo.com/829966394?share=copy>



6

# CONSIDERAÇÕES FINAIS





Conforme evidenciado pela pesquisa, a cada ano ocorrem 89 milhões de gestações não planejadas em países em desenvolvimento, sendo que aproximadamente 43% dessas gestações não são intencionais. Um estudo conduzido pela ONU Mulheres em colaboração com o Banco Mundial em 2017 revelou que as mulheres têm maior probabilidade de viver em situação de pobreza durante seus anos reprodutivos, devido à redução ou perda de renda decorrente do tempo e esforço dedicados ao cuidado dos filhos, às tarefas domésticas e ao lar (UN WOMEN, 2017).

As consequências advindas da pobreza, da violência de gênero e da divisão sexual do trabalho têm um impacto significativo na vida das mulheres e também afetam intensamente a vida das crianças. Estudos científicos recentes sobre a primeira infância (NELSON et al., 2006; SHONKOFF, 2011; BERLINSKI; SCHADY, 2016) fornecem evidências sólidas de que um ambiente seguro nos primeiros seis anos de vida de uma criança resulta em

uma melhor saúde, maior capacidade de aprendizado e cooperação com os outros, além de um maior rendimento ao longo de toda a vida. Entre os fatores de risco para o desenvolvimento na primeira infância, os mais comuns incluem a pobreza, doença mental dos cuidadores, maus-tratos, baixa escolaridade dos pais, abuso de substâncias tóxicas pelos progenitores e violência na comunidade (BERLINSKI; SCHADY, 2016).

Parelheiros ocupa a posição mais alta em casos de gravidez na adolescência, com falta de hospitais e leitos, além de estar entre os 40 piores em termos de insuficiência de cuidados pré-natais e entre os 10 piores em idade média de mortalidade e baixa taxa de emprego. No distrito, 17% dos bebês nascidos vivos são filhos de mães com 19 anos de idade ou menos (SEADE, 2014).

Em meio dessas constatações é possível apontar a importância do papel das mães mobilizadoras, que acolhem umas as outras nos mostrando como o senso de comunidade, a

sororidade feminina e a empatia são essenciais para o desenvolvimento das novas gerações. É fundamental também ressaltar a relevância de projetos realizados por institutos como o do IBEAC e do CPCD para a organização dos bairros além do financiamento externo.

Nesse contexto, a Casa do Meio do Caminho, assim como outros centros de excelência voltados para a primeira infância, desempenha um papel fundamental na mitigação das consequências enfrentadas diariamente pelas mulheres, ao oferecer cuidados durante a gestação, maternidade e primeira infância.

7

The background features a light pink color with several thick, expressive brushstrokes in a darker pink shade. On the left side, there are stylized, elongated leaf shapes in a dark blue color. In the top right and bottom center, there are solid dark blue circular shapes. The overall aesthetic is modern and artistic.

# REFÊRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Companhia das Letras; 1ª edição, 2015

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. São Paulo: Paz & Terra, 2022.

ATUAÇÃO. [S. I.], s.d. Disponível em: <http://www.cpcd.org.br/atuacao/>. Acesso em: 16 set. 2022.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: Fatos e mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 3ª edição, 2016.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. 16ª edição. Rio de Janeiro, 2018.

DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DESIGUALDADE de gênero no mercado de trabalho brasileiro. [S. I.], 31 maio 2022. Disponível em: <https://www.santocaos.com.br/desigualdade-de-genero-no-mercado-de-trabalho-brasileiro/#:~:text=O%20impacto%20da%20pandemia%20na%20desigualdade%20de%20g%C3%AAnero&text=No%20ano%20de%202019%2C%20a,feminina%20em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20masculina>. Acesso em: 12 maio 2023.

DESIGUALDADE infantil. [S. I.], 12 fev. 2020. Disponível em: <https://www.giromarilia.com.br/noticia/giro-cidades/desigualdade-infantil-parelheiros-tem-o-dobro-de-criancas-que-a-consolacao/18995>. Acesso em: 2 maio 2023.

DESIGUALDADE infantil: Parelheiros tem o dobro de crianças que a Consolação: Mapa da Desigualdade da Primeira Infância mostra que a cada 100 moradores na Consolação, no centro de São Paulo, apenas 5 são crianças; já Parelheiros, no extremo sul, há 12 crianças e mais exposição à vulnerabilidade. [S. I.], 12 fev. 2020. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2020-02-12/desigualdade-infantil-parelheiros-tem-o-dobro-de-criancas-que-a-consolacao.html>. Acesso em: 1 maio 2023.

DESIGUALDADES raciais na saúde: cuidados com pré natais e mortalidade materna no Brasil, 2014 -2020. [S. I.], 1 ago. 2022. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://ieps.org.br/wp-content/uploads/2022/08/IEPS\\_NT27.pdf](chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://ieps.org.br/wp-content/uploads/2022/08/IEPS_NT27.pdf). Acesso em: 15 maio 2023.

DORLIN, Elsa. *Sexo, gênero e sexualidades: introdução à teoria feminista*. São Paulo: Ubu editora, 2021.

EDITAL DE CHAMAMENTO PÚBLICO Nº 01/2023. [S. I.], 22 jun. 2022. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/http://saude.sp.gov.br/resources/ses/perfil/cidadao/homepage-new/ou-tros-destaques/editais-de-chamamento-publico/edital\\_chamamento\\_53.pdf](chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/http://saude.sp.gov.br/resources/ses/perfil/cidadao/homepage-new/ou-tros-destaques/editais-de-chamamento-publico/edital_chamamento_53.pdf). Acesso em: 11 maio 2023.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ENGELS, Friedrich. *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*. São Paulo: Edipro, 2022.

FEDERICI, Silvia. *O patriarcado do salário: notas sobre Marx, Gênero e feminismo*. São Paulo: Boitempo, 2021.

ESTATÍSTICAS sobre a desigualdade de gênero no Brasil. [S. l.], 3 jul. 2021. Disponível em: <https://www.aulatica.com.br/10-estatisticas-sobre-a-desigualdade-de-genero-no-brasil/>. Acesso em: 13 maio 2023.

ESTUDO revela tamanho da desigualdade de gênero no mercado de trabalho: Fatores como afazeres domésticos trazem limitações. [S. l.], 4 mar. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-03/estudo-revela-tamanho-da-desigualdade-de-genero-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 13 maio 2023.

HISTÓRICO Parelheiros: uma cidade do interior dentro da metrópole. [S. l.], 31 maio 2019. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/parelheiros/historico/index.php?p=411#:~:text=Parelheiros%20recebeu%20este%20nome%20devido,a%20S%C3%A3o%20Paulo%20em%201827>. Acesso em: 1 maio 2023.

HOSPITAL Municipal de Parelheiros. [S. l.], 18 mar. 2016. Disponível em: <https://spdm.org.br/onde-estamos/hospitais-e-pronto-socorros/hospital-municipal-de-parelheiros/>. Acesso em: 2 maio 2023.

FREY, K.; GUTBERLET, J. *Democracia e governança do clima: diálogos Norte-Sul*. In: TORRES, P.; JACOBI, P. R.; BARBI, F.; GONÇALVES, L. R. (Orgs). *Governança e Planejamento Ambiental: adaptação e políticas públicas na Macrópole Paulista*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HARVEY, David. *A Produção Capitalista do Espaço*. São Paulo: Anablume, 2005.

HEIN, Cleonice Dias dos Santos; SANCHES, Debora. *Mulheres da união em luta: na construção do direito à cidade*. In: *Revista da União nacional por moradia popular*, São Paulo, 2020.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020.

KERN, Leslie. *Cidade feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

KOWARICK, Lúcio. *Escritos urbanos*. São Paulo: editora 34, 2009.

KOWARICK, Lúcio; MARQUES, Eduardo. *São Paulo novos percursos e atores: sociedade, cultura e política*. São Paulo: editora 34, 2011.

LIMA, Aline Araújo dos Santos. *Mulher e as experiências no espaço público: e se essa rua também fosse nossa?* Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2020.

LIMA, A.G.G.; LOEB, R.M. *Cidade, Gênero e Mudanças Climáticas: Parelheiros como estudo de caso na capital paulista. Ambiente & Sociedade*. São Paulo, v. 24, p. 1-21, 2021.

LITERATURA e a criança. [S. l.], 12 set. 2018. Disponível em: <http://www.ibeac.org.br/literatura-e-a-crianca/>. Acesso em: 16 out. 2022.

LOEB, Mindlin Rodrigo, LIMA, Godinho Ana Gabriela. *Cidade, Gênero e Infância*. São Paulo: Romano Guerra: Pistache Editorial: Instituto Brasileira, 2021.

MACHISMO no trabalho: as diferentes formas de manifestação. [S. l.], 16 mar. 2022. Disponível em: <https://www.santocaos.com.br/machismo-no-trabalho-e-as-formas-de-manifestacao/>. Acesso em: 13 maio 2023.



MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2017

MONTANER, Josep, MUXÍ, Zaida. *Arquitectura y política: Ensayos para mundos alternativos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2011.

MATERNIDADE. [S. I.], 2 jan. 2022. Disponível em: <https://www.maternidadeinterlagos.com.br/maternidade>. Acesso em: 3 maio 2023.

MATERNIDADE estadual em Interlagos dobra capacidade para partos. [S. I.], 1 jul. 2016. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/maternidade-estadual-em-interlagos-dobra-capacidade-para-partos-1/>. Acesso em: 3 maio 2023.

MEMÓRIA: saiba um pouco mais da história de Parelheiros. [S. I.], 13 out. 2022. Disponível em: <https://www.gazetasp.com.br/estado/memoria-saiba-um-pouco-mais-da-historia-de-parelheiros/1116098/>. Acesso em: 1 maio 2023.

MISSÃO, Visão e Valores. [S. I.], s.d. Disponível em: <http://www.ibeac.org.br/missao/>. Acesso em: 16 set. 2022.

MONTEIRO, Luiza. *A mulher e o espaço público: relações entre o feminino e a cidade*. São Paulo, 2019.

MORADORES COBRAM AÇÃO DO GOVERNO EM RELAÇÃO A FALTA DE VAGAS EM CRECHES NA ZONA SUL. [S. I.], 5 fev. 2017. Disponível em: <https://folhadaminhasampa.com.br/noticia/649/moradores-cobram-acao-do-governo-em-relacao-a-falta-de-vagas-em-creches-na-zona-sul>. Acesso em: 2 maio 2023.

MORTALIDADE infantil pode ser 23 vezes maior na periferia de São Paulo. [S. I.], 12 fev. 2020. Disponível em: [https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-02/mortalidade-infantil-pode-ser-23-vezes-maior-na-periferia-de-sao-paulo#:~:text=Tamb%C3%A9m%20t%C3%AAm%20%C3%ADndices%20expressivos%20Parelheiros,Paulista%20\(0%2C74%25\)](https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-02/mortalidade-infantil-pode-ser-23-vezes-maior-na-periferia-de-sao-paulo#:~:text=Tamb%C3%A9m%20t%C3%AAm%20%C3%ADndices%20expressivos%20Parelheiros,Paulista%20(0%2C74%25)). Acesso em: 2 maio 2023.

MUXÍ, Zaida. *Mujeres, casas y ciudades: Más allá del umbral*. Barcelona: Dpr-barcelona, 2018.

OBSERVATÓRIO e Mapa da Desigualdade da Primeira Infância. São Paulo: Rede Nossa São Paulo, Fundação Bernard van Leer, 2017. Disponível em: <https://www.nossasaopaulo.org.br/tags/mapa-da-desigualdade-da-primeira-infancia>. Acesso em: 16 out. 2022.

PARELHEIROS: patrimônio ambiental. [S. I.], 13 out. 2020. Disponível em: <https://imoveis.estadao.com.br/guia-de-bairros/parelheiros-patrimonio-ambiental/>. Acesso em: 1 maio 2023.

PERIFERIAS de SP são mais negras, mais jovens e vivem menos que no restante da cidade. [S. I.], 23 nov. 2022. Disponível em: <https://periferiaemmovimento.com.br/mapadadesigualdade112022/>. Acesso em: 12 maio 2023.

PINSKY, Carla. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.

PINSKY, Carla. *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.

REDE NOSSA SÃO PAULO. Mapa da Desigualdade 2018. São Paulo: Rede Nossa São Paulo, 2018. Disponível em: [https://www.cidadessustentaveis.org.br/arquivos/mapa\\_desigualdade\\_2018\\_completo.pdf](https://www.cidadessustentaveis.org.br/arquivos/mapa_desigualdade_2018_completo.pdf). Acesso em: 16 out. 2022.

RELATÓRIO Anual de 2022 Centro de Excelência a primeira infância. [S. I.], s.d. Disponível em: <chromeextension://efaidnbmnnnibpcajpcgclcfndmkaj/http://www.ibeac.org.br/wp-content/uploads/2023/04/RELATORIO-CEPI-2022.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2022.

RELATÓRIO Anual de 2022 IBEAC. [S. I.], s.d. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclcfndmkaj/http://www.ibeac.org.br/wp-content/uploads/2023/04/IBEAC\\_Relatorio-Anual-2022\\_compressed.pdf](chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclcfndmkaj/http://www.ibeac.org.br/wp-content/uploads/2023/04/IBEAC_Relatorio-Anual-2022_compressed.pdf). Acesso em: 14 nov. 2022.

RELATÓRIO Anual de 2021 O IBEAC e nossas ações em Parelheiros. [S. I.], s.d.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala?* São Paulo: Sueli Carneiro, 2019. (Feminismos Plurais).

RISERIO, Antonio. *Mulher, casa e cidade*. São Paulo: editora 34, 2015.

ROLNIK, Raquel. *Territórios em Conflito: São Paulo: Espaço, História e Política*. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

ROLNIK, Raquel. *São Paulo: Planejamento da desigualdade*. São Paulo: Fósforo, 2022.

ROSELINO, Manoela. *Arquitetura e diversidade: ferramentas de resiliência*. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2015.

SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, Milton. *Ensaio Sobre a Urbanização Latino-americana*. São Paulo: Edusp, 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2016.

SOLO Sagrado Guarapiranga. [S. I.], 29 out. 2013. Disponível em: <https://www.areasverdesdascidades.com.br/2013/10/solo-sagrado-de-guarapiranga.html>. Acesso em: 2 maio 2023.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. *A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

SOLÓN, P. (org.). *Alternativas Sistêmicas: Bem Viver, decrescimento, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

TAXA de mortalidade materna no Brasil cresce principalmente por falta de recursos. [S. I.], 11 abr. 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/taxa-de-mortalidade-materna-no-brasil-cresce-principalmente-por-falta-de-recursos/>. Acesso em: 2 maio 2023.

UM RETRATO profundo da cratera de Colônia. [S. I.], 9 mar. 2012. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/um-retrato-profundo-da-cratera-de-colonia/>. Acesso em: 2 maio 2023.

WEIMER, Gunter. *Arquitetura popular brasileira*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.



WITTING, Monique. *O pensamento hétero e outros ensaios*. Autêntica; 1ª edição, 2022

ZENHA, Edmund. *A colônia alemã de Santo Amaro, sua instalação em 1829*. São Paulo, 1950.

